



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA**

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO-PPG  
ÓRGÃO DE EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICAS COM ÊNFASE EM  
CULTURAS AFRO-BRASILEIRAS

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E  
CONTEMPORANEIDADE-PPGRÉC**

ELMA CERQUEIRA BARRETTO LAGO

**“AS RELAÇÕES ÉTNICAS ENTRE OS  
CIGANOS E DEMAIS HABITANTES DA  
CIDADE DE MARACÁS NO ESPAÇO  
ESCOLAR”**

**JEQUIÉ - BA**

**2020**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES  
ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE-PPGREC**

**ELMA CERQUEIRA BARRETTO LAGO**

**AS RELAÇÕES ÉTNICAS ENTRE OS CIGANOS E DEMAIS  
HABITANTES DA CIDADE DE MARACÁS NO ESPAÇO ESCOLAR**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade.

**Orientador: Prof. Dr. Itamar Pereira de Aguiar**

**2020  
JEQUIÉ – BA**

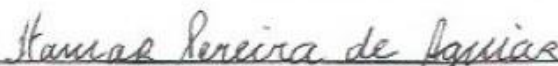
ELMA CERQUEIRA BARRETTO LAGO

**AS RELAÇÕES ÉTNICAS ENTRE OS CIGANOS E DEMAIS HABITANTES  
DA CIDADE DE MARACÁS NO ESPAÇO ESCOLAR.**

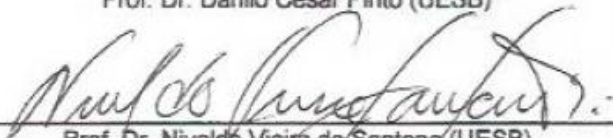
Dissertação apresentada como requisito parcial para  
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-  
Graduação, em Nível de Mestrado Acadêmico, em  
Relações Étnicas e Contemporaneidade – PPGREC,  
da Universidade Estadual do Sudoeste da  
Bahia/UESB, Campus Jequié.  
Linha de Pesquisa 1: **Etnicidade, Memória e  
Educação.**

Aprovada em: 26 de agosto de 2020.

**BANCA EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Itamar Pereira, de Aguiar (UESB)  
Orientador

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Danilo César Pinto (UESB)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Nivaldo Vieira de Santana (UESB)

Suplente

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Ronaldo de Salles Senna (UEFS)

JEQUIÉ - BA.  
Junho 2020

L177r Lago, Elma Cerqueira Barretto.

“As relações étnicas entre os ciganos e demais habitantes da cidade de maracás no espaço escolar” / Elma Cerqueira Barretto Lago.- Jequié, 2020.

107f.

(Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, sob orientação do Prof. Dr. Itamar Pereira de Aguiar)

1.Relações étnicas 2.Grupo étnico 3.Identidade étnica 4. Cigano  
5.Espaço escolar I. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia II.

CDD – 305.891497

Dedico a meus filhos, Monique e Vinícius,  
e aos filhos da natureza e suas andanças...

Ciganos I:

Para Aldair Aires (GEN)

*Aves em bandos,  
cartas do baralho ao vento,  
ciganos, envelopes sem endereço.*

*Paisagem, irmã de dia,  
e de noite, doce travesseiro.  
Arco-íris de esteiras, pátria menor.*

*Música: esperanto, recado, abraço,  
caixa de ressonância de sol maior.*

*Quem os vê passar tão rápidos  
nunca lhes suspeita os cofres  
das lembranças ocultas em arabescos,  
sete chaves das arcas milenares.*

*Crescem-lhes os cabelos,  
mil traços em desalinho,  
Leem-se-lhes, nos bigodes caídos,  
retratos de profetas peregrinos.*

*Entre o ouvido e a garganta,  
um tesouro de sagas remotas,  
segue devagar, aos montes.*

*Cigano que morre:  
Incêndio de uma biblioteca  
que nunca mais se repete!*

(Áticos Vilas-Boas, Rio de Janeiro, 1985).

## RESUMO

Esta dissertação tem por título: **As relações étnicas entre ciganos e demais habitantes da cidade de Maracás no espaço escolar**, e trata das relações étnicas entre os ciganos que se sedentarizaram em Maracás e matricularam seus filhos na rede pública municipal do Ensino Fundamental Anos Iniciais. A metodologia empregada é a pesquisa etnográfica, enquanto *descrição densa* e tem como principal problema: Como são evidenciadas as relações étnicas entre os ciganos e demais habitantes no espaço cidade de Maracás– BA? Os objetivos são: como se dão as relações étnicas entre os alunos ciganos e demais habitantes no espaço escolar do Instituto de Educação de Maracás (IEM); elencar os fatores que contribuem para o processo de sedentarização da comunidade cigana em Maracás, destacando os elementos da cultura dos ciganos que continuam sendo preservados; identificar como se dão as relações étnicas entre alunos ciganos e demais alunos no espaço escolar em Maracás – BA; analisar como se configura o ser cigano em uma escola regular; destacar os efeitos dos preconceitos sobre a vida cultural dos envolvidos, na prática pedagógica e na construção das fronteiras entre as etnias envolvidas. Assim, com os teóricos que dialogam sobre as relações étnicas e seus desdobramentos buscamos despertar o interesse dos indivíduos pela rica e importante cultura cigana que vive no Brasil desde a colonização.

**Palavras-chave:** Relações étnicas. Grupo étnico. Identidade étnica. Cigano. Espaço escolar.

## ABSTRACT

This dissertation has the title: Ethnic relations between gypsies and other inhabitants of the city of Maracás in the school space, and deals with the ethnic relations between gypsies who settled in Maracás and enrolled their children in the municipal public school system of elementary years. The methodology used is ethnographic research, as a dense description and has as its main problem: How are the ethnic relations between gypsies and other inhabitants evidenced in the city of Maracás - BA? The objectives are: how do ethnic relations take place between Roma students and other inhabitants in the school space of the Instituto de Educação de Maracás (IEM); list the factors that contribute to the sedentary process of the Roma community in Maracás, highlighting the elements of the Roma culture that continue to be preserved; to identify how ethnic relations take place between Roma students and other students in the school space in Maracás - BA; analyze how to be a gypsy in a regular school; to highlight the effects of prejudices on the cultural life of those involved, in pedagogical practice and in the construction of borders between the ethnic groups involved. Thus, with the theorists who dialogue about ethnic relations and their consequences, we seek to arouse the interest of individuals in the rich and important Roma culture that has lived in Brazil since colonization.

**Keywords:** Ethnic relations. Ethnic group. Ethnic identity. Gypsy. School space.



## AGRADECIMENTOS

A Jesus, meu Senhor, por sempre tornar minhas tempestades em calmarias!

Ao professor Itamar Pereira de Aguiar, meu orientador, um exemplo a ser seguido por todos que desejam compreender as relações étnicas e culturais. Obrigada pela coragem, paciência, boa vontade sempre e muito conhecimento para me conduzir nessa árdua e maravilhosa construção do conhecimento. ***Ao senhor minha eterna gratidão!***

Ao Clã dos ciganos que se sedentarizaram em Maracás, na pessoa do senhor Landito Fiúza Barreto e sua família, pelo apoio, respeito e compreensão demonstrados pelo desenvolvimento da pesquisa e por permitirem que uma *gajin*<sup>1</sup> estivesse a observá-los e revelar seus segredos!

A Carla Guimarães por compartilhar comigo sua história pessoal e de seu povo cigano. Muito obrigada pela partilha!

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – PPGREC por nos conduzir pelas vias das relações étnicas com competência e amor ao saber!

Ao Instituto de Educação de Maracás, em especial a gestora Rosânia Pereira Gonçalves Gomes, por abraçar carinhosamente essa pesquisa e permitir que fosse desenvolvida dentro do espaço escolar!

A meus pais, Eduardo Pereira Barretto e Maria José Cerqueira Barretto, por nos incentivarem sempre a estudar e buscar o conhecimento, compartilhando comigo aventuras nessa caminhada!

A meus filhos, Monique e Vinícius, por serem a razão e o estímulo para me tornar uma pessoa melhor!

A meu marido, Jair Lago, por me apoiar e ter paciência com minhas ausências, exaustão e nervosismo!

---

<sup>1</sup>Em romani, idioma cigano, termo *gajin* se refere à mulher não cigana sendo ela de qualquer etnia.

A meus irmãos, Elba, Edilma e Eduardo, por sempre acreditarem em mim e fazerem parte da minha história!

A Adauto Viana de Britto, Pai Adauto, pela amizade construída nessa travessia por vezes turbulenta. Obrigada pela confiança e ajuda tão significativas para mim!

A Lucileide Silva, por ter compartilhado comigo o estresse da submissão e publicação de artigos. Conseguimos!

A Eva Fonseca, pelas tarde no ODEERE tentando ordenar o pensamento.

A meus colegas de mestrado, Cris (carinho em pessoa), Vivi (nossa biblioteca ambulante), Neide (tão sabida), Helga (secretária da turma), Rose (a corajosa), Aline e Vanessinha, pelas orientações e desorientações vividas nessa travessia. Vocês tornaram tudo mais aprazível!

A Edelvito Nascimento e Ivana Karoline por serem quem são. Obrigada pelo incentivo e escuta paciente!

A Josiane Vieira de Almeida Saraiva, gestora do Colégio Estadual Edivaldo Boaventura, por ser minha colega e amiga de sempre, justa e humana!

A meus colegas de trabalho por serem quem são e, em especial, Cristiane Araújo, Maria Laurito e Edvaldo Almeida!

A Sandro Novaes pelas longas conversas sobre nossas pesquisas de mestrado!

A Prefeitura Municipal de Maracás por respeitar o sagrado direito de estudar, na pessoa da secretária de educação, Adineide Novaes!

Aos funcionários e demais estudantes do ODEERE pelo extremo respeito à diversidade étnica existente nesse país!

OBRIGADA A TODOS que caminharam comigo!

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO 1 – OS CALON DESDE A SUA ORIGEM A MARACÁS: UMA VIDA MARCADA PELA BUSCA DA LIBERDADE .....</b>	<b>19</b>
1.1. A identidade étnica dos calon .....	19
1.2. Nomadismo .....	26
1.3. Breve história de degredo .....	35
1.4. Maracás: o (des) encontro de etnias.....	38
<b>CAPÍTULO 2 – A DESCRIÇÃO DENSA DA VIDA DOS CALON EM MARACÁS .....</b>	<b>43</b>
2.1. Os primeiros contatos: os desafios da observação densa .....	43
2.2. As visitas ao acampamento .....	46
2.3. A vida nômade dos calon .....	50
2.4. O casamento cigano .....	53
2.5. As ciganas .....	60
2.6. A direção dos ciganos .....	60
2.7. O luto calon .....	64
<b>CAPÍTULO 3 – O LÓCUS DA PESQUISA: A CONSTITUIÇÃO ÉTNICA DO SERTÃO DOS MARACÁS .....</b>	<b>69</b>
3.1. A localização e aspectos econômicos do município de Maracás – BA .....	69
3.2. O início das relações entre índios e brancos no sertão dos Maracás .....	71
3.3. Os negros do Cuscuz, os imigrantes e a elite maracaense .....	74
3.4. O Instituto de Educação de Maracás: espaço escolar das relações étnicas .....	77
<b>CAPÍTULO 4 – O ESPAÇO ESCOLAR DAS RELAÇÕES ÉTNICAS .....</b>	<b>82</b>

4.1. O entendimento calon sobre educação escolar .....	82
4.2. Reflexos sobre os aspectos culturais na escolar .....	86
4.3. Escola: espaço para inclusão .....	90
4.4 A descrição comportamental dos alunos ciganos .....	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	107
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	109
ANEXOS .....	114

## INTRODUÇÃO

A primeira motivação para a pesquisa é de ordem pessoal. Eu não sou cigana, mas sempre tive curiosidade de conhecer sua Cultura. Na infância, via a cidade se movimentar com a chegada de algum grupo de cigano. Isso despertava em mim curiosidade e simpatia, pois, ao vê-los, os vestidos longos coloridos, enfeitados com muitos babados das ciganas me seduziam.

O meu contato com o povo cigano teve início através da atividade comercial entre Nós e Eles, meu pai locatário e eles locadores. A partir de então os traços distintivos começaram a se evidenciar. Sabíamos que eles tinham hábitos diferentes dos nossos, mas desconhecíamos totalmente sua cultura. Porém mantínhamos uma atitude de cordialidade mútua, existindo respeito entre as partes.

Os ciganos fixaram residência em Maracás e buscaram a rede municipal de Educação para matricular os seus filhos. Nesta época ainda viviam em suas tendas ou barracas armadas no bairro do Maracaizinho. Foi nesse bairro que as famílias ciganas compraram seus lotes aqui chamados de “posses”, armaram as barracas e passaram a morar com seus familiares, se sedentarizando.

Sou professora da rede municipal de ensino. Em 2009, fui transferida para o Instituto de Educação de Maracás – IEM, lá retomei contato com indivíduos da etnia. Anos após, período em que estive na gestão do IEM, é que percebi como as relações entre as etnias se estreitam e a interação acontece direta ou indiretamente. Após ser exonerada do cargo de diretora, retornei à sala de aula e reencontrei o filho do chefe cigano, Leonardo, desta feita, como meu aluno.

Foi nessa ocasião que comecei a repensar a forma como os indivíduos de distintas etnias se relacionam dentro do espaço escolar. Enquanto diretora do IEM, sempre recebia queixas das professoras que ministravam aulas para Leonardo e demais alunos ciganos. Em 2016, ano em que trabalhei como professora de Língua Portuguesa, do Colégio

Normal Municipal de Maracás, notei que Leonardo sabia ler e escrever com certa desenvoltura. Apenas mostrava-se tímido.

O nível de aprendizagem de Leonardo foi uma surpresa, pois como gestora acompanhava as atividades do referido aluno, uma vez que constantemente os conflitos entre ele, a professora da turma e seus colegas, me levava a convidar seu pai a vir à escola para dialogarmos sobre a aprendizagem e o comportamento de Leonardo.

Assim, uma questão fervilhava em minha mente: Por que Leonardo não evidenciava a sua alfabetização? Ao questioná-lo, ele desconversava e minha curiosidade aumentava.

Até aí não sabia muita coisa sobre a etnia dos ciganos. Lembro-me que quando participamos de um programa interministerial “Mais Cultura” e fomos estudar a cultura cigana em 2013. À época os ciganos mostraram-se receptivos e disponíveis a participar. Conhecíamos pouco sobre a sua etnia e hoje compreendo que eles nos permitiam acessar apenas informações sucintas sobre sua cultura. Estranhei a ausência e fiquei me perguntando por que não foram, pois nas apresentações que aconteciam na escola, sempre iam. Essa incógnita despertou o meu interesse para conhecer melhor seu modo de vida.

Para mim era estanho o distanciamento que as ciganas demonstravam com a escolarização formal delas e de seus filhos. Não entendíamos que para determinado grupo étnico, a escolarização nos padrões do sistema convencional ao qual está submetida boa parte da população brasileira, não se constituía uma necessidade. Elas apenas desconversavam, diziam que “cigano não tem cabeça para estudo”. Para tanto, o entendimento sobre as relações étnicas se faz fundamental, pois é a partir dessas que os elementos de etnicidade se evidenciam e as culturas realizam suas trocas simbólicas, se dinamizam.

Esta pesquisa é norteada pelo seguinte problema de investigação: Como são evidenciadas as relações étnicas entre os ciganos e os demais estudantes no espaço escolar na cidade de Maracás – BA? Analisando essas relações é possível perceber a etnicidade de cada grupo e a delimitação de fronteira entre eles? Para tanto, observamos a vivência dos ciganos na cidade e em uma

escola do município de Maracás, analisamos alguns aspectos históricos, sociais e econômicos que contribuem para a sedentarização dos ciganos em suas relações com os demais habitantes do lugar.

Assim, o que justifica a realização desta pesquisa é o fato de que, embora existam estudos acerca da etnia e cultura cigana na Bahia, ainda não há registros de pesquisas realizadas em Maracás. E também a possível contribuição aos estudos sobre as relações étnicas entre os ciganos e demais estudantes no espaço escolar.

Nosso objetivo geral é pesquisar como se dão as relações étnicas entre os alunos e demais componentes no espaço escolar do IEM, considerando as diferenças étnicas e culturais entre indivíduos da sociedade local e da comunidade cigana, residentes no município de Maracás – BA.

Os objetivos específicos são:

- (a) elencar os fatores que contribuem para o processo de sedentarização da comunidade cigana em Maracás – BA;
- (b) identificar como se dão as relações étnicas entre alunos ciganos e os demais componentes no espaço escolar no município de Maracás – BA;
- (c) analisar como se configura o ser cigano em uma escola regular em Maracás - BA;
- (d) destacar como os efeitos dos preconceitos sobre a vida cultural dos envolvidos interferem nas relações entre os ciganos e os demais servidores e estudantes na escola;
- (e) destacar quais os elementos de cultura dos ciganos continuam sendo preservados na comunidade sedentarizada em Maracás – BA.

Já nas abordagens teórico metodológicas, como se dão as relações étnicas de um grupo fechado como o dos ciganos é uma tarefa árdua. Por isso, é importante localizá-los no espaço, identificar o momento da ocorrência de cada fato e perceber as relações estabelecidas entre eles. Assim, tornar-se imprescindível conhecer a história, a identidade étnica e as atividades sociais, econômicas, religiosas e culturais do grupo em suas dinâmicas e transformações.

O método utilizado nas pesquisas antropológicas é, em geral, da forma como se apresenta na vida moderna é, uma maneira de aproximar os conteúdos etnografados da antropologia. Assim, são muitos os debates sobre a

etnografia que se baseiam na experiência do pesquisador em ir ao campo e extrair os dados, tendo como alicerce as observações sobre a realidade vivenciada. Uma vez que, o contato com os sujeitos da pesquisa legitima o trabalho antropológico.

É necessário que, com base nas observações e entrevistas, os dados coletados sejam catalogados como provas e utilizados como documentos. Esses podem ser fotografias, áudios, vídeos, documentos escritos dentre outros. Só desta forma é possível comprovar a veracidade da realidade observada e analisada pelo pesquisador.

Através da investigação etnográfica e da observação participante o pesquisador interage com o sujeito no campo. Contudo, Minayo (2006), nos chama atenção que nesse tipo de abordagem é exigido do pesquisador sensibilidade, pois muito do que se observa de forma superficial, muda de sentido após ser objeto de acurada descrição e interpretação.

Tanto o diário de campo, quanto a entrevista semiestruturadas e as histórias de vida foram utilizados por nós, técnicas que permitiram capturar as informações necessárias a esta pesquisa e implicaram em transcrições, constituindo-se desse modo, um arquivo propriamente “textual”. A coleta dos dados no campo, delimitada pela teoria interpretativa, consequente, da “Descrição Densa” (GEERTZ, 2014, p. 04), ou valores opinativos tidos como verdadeiros, possibilitou que através da pesquisa etnográfica, pudemos reconstruir as maneiras como as formas simbólicas foram compreendidas nos vários contextos da vida social. Assim sendo:

Torna-se necessário conceber a etnografia não como a experiência e a interpretação de uma “outra” realidade circunscrita, mas sim como uma negociação construtiva envolvendo, pelo menos dois, e muitas vezes mais, sujeitos conscientes e politicamente significativos. (CLIFFORD, 1998, p. 43).

Para tratarmos dos elementos que constituem os objetivos desta pesquisa, utilizaremos o conceito defendido por Geertz. Ele afirma que a cultura é essencialmente semiótica, e conclui que “[...] é pública porque o seu significado o é”. (GEERTZ, 2017, p. 04 e 09).

Além dos já citados, outros autores contribuíram para a análise dos aspectos culturais da etnia em estudo. Citaremos obra de Áticos Vilas-Boas (1985) por se tratar de um amante, importante pesquisador brasileiro, das



tradições de ciganos; “A seda esgarçada” de Senna (2005), porque é um marco importante nos estudos sobre a sedentarização dos ciganos na cidade de Utinga – BA. Em seu livro, Senna (2005), ao discorrer sobre vários aspectos da vivência dos ciganos, nos possibilita compreender a teia de relações sociais e culturais estabelecidas por eles com a sociedade de Utinga–BA, fazendo coro com Geertz (2017), quando diz:

Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. (GEERTZ, 2017, p. 04).

A interpretação dos significados entrelaçados nas teias da relação é um imperativo nas pesquisas etnográficas, quando se analisa as relações entre indivíduos e grupos. Desta forma, a obra de Poutignat e Streiff-Fenart, alicerçada nos estudos de Fredrick Barth, traz esclarecimento sobre a definição de grupo étnico e etnicidade imprescindíveis para a compreensão da etnia em estudo e suas relações com o próprio grupo e com os demais.

Alguns outros estudiosos contribuíram para a pesquisa, pois estudam diretamente a cultura, a memória, o povo cigano e sua cultura, a exemplo de: Michael Pollak, Pierre Bourdieu, Franz Moonen, Florência Ferrari, Maria Patrícia Goldefarb, Melo Moraes Filho, Rodrigo Teixeira e outros.

O desenvolvimento da pesquisa foi tranquilo, pois como já relatei possuía contato com o chefe cigano local do grupo em estudo e obtive sua permissão para pesquisar a comunidade. Os ciganos com os quais conversei, foram bem receptivos. Assim, consegui acesso para as observações que serão descritas nos próximos capítulos. Porém, eles demonstravam silêncio ou fingiam não ouvir indagações que não queriam ou desejavam responder.

Minha colega de trabalho e colaboradora cigana, criada por um casal brasileiro, Carla Guimarães, também sempre me auxiliou no encaminhamento da coleta de dados, pois ela transita entre as duas etnias. A comunidade escolar foi bem receptiva ao participar da pesquisa, notei até certa empolgação. Contudo, a resistência dos ciganos em terem seus relatos gravados foi muito grande. Porém conseguimos algumas gravações com autorização.

Permitiram fotografias, adentrar suas casas para a observação, participar de um casamento, fazer vídeos durante o casamento, mas nas entrevistas eles se mostraram desconfortáveis com as gravações. Alguns chegaram a dizer: “A gente te fala as coisas, assim sem precisar gravar. Gravar não”. (Entrevistado cigano).

Esse comportamento também foi percebido em outras entrevistadas. Aqui chamo atenção para a gestora escolar do IEM sempre muito solicita a contribuir com a pesquisa, mas nunca nos permitiu gravar suas falas. Devido à resistência, o diário de campo se mostrou uma ferramenta imprescindível para a realização desse trabalho.

Este estudo está vinculado à linha de pesquisa Etnicidade, Memória e Educação do Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade, com enfoque, interdisciplinar, e foi desenvolvido nas seguintes etapas: levantamento de dados sobre a história dos ciganos; observação das práticas rituais; registros, gráfico e sonoro; entrevistas com autoridades ciganas e escolar, análise e interpretação dos dados visando como se configura ser cigano dentro do espaço escolar.

Ao final, a dissertação foi construída com os elementos prétextuais; a introdução; quatro capítulos; considerações finais; referências bibliográficas; anexos.

Os capítulos:

O primeiro capítulo traz um levantamento da origem, chegada do povo cigano ao Brasil e, em especial, a cidade de Maracás – BA. Sentimos a necessidade de construirmos esse relato histórico por dois motivos: esclarecer melhor a gênese dos ciganos para a compreensão de alguns elementos culturais dos povos em estudo.

O segundo apresenta uma descrição densa da vida dos ciganos. Esta foi realizada fora e dentro da comunidade cigana que se encontra sedentarizada na cidade de Maracás. Descreve alguns aspectos da vivência cigana e de suas tradições. Ademais, relata como os contatos entre os ciganos e os habitantes locais pautam suas relações.

O terceiro capítulo, histórico da cidade de Maracás – BA, o que contribui para entendermos esse local como um espaço marcado pelas relações étnicas. Então, demos ênfase aos fatos históricos que dialogam com o objeto desse

trabalho. Perpassamos historicamente pelos povos indígenas, brancos, africanos e ciganos, ressaltando as contribuições das relações entre esses grupos étnicos dentro do Município

O quarto descreve o ambiente escolar no qual a maioria dos filhos dos ciganos estuda. As peculiaridades do bairro onde a escola está situada, ressaltando as prerrogativas legais da inclusão de discentes ciganos na rede regular de ensino público. Atentamos para a forma como os ciganos se vêem e são vistos dentro do espaço escolar.

As considerações finais apresentam o resultado da análise dos dados coletados sobre as relações entre ciganos e demais habitantes, que estreitam as fronteiras de convívio dentro do espaço escolar. Enfatiza as características que aproximam e distanciam ciganos dos demais moradores da cidade com base em dados empíricos interpretados, a fim de contribuir com as discussões e análises sobre as relações étnicas.

As obras que contribuíram para a construção dessa dissertação estão elencadas nas referências bibliográficas. Seguindo as convenções, nela se encontram em ordem alfabética as obras citadas de teóricos que versam sobre relações étnicas, etnicidade, cultura, tradição, memória e, em especial, sobre os ciganos.

Os anexos trazem elementos que evidenciam a pesquisa realizada e registram a presença dos ciganos na cidade de Maracás – BA. As entrevistas, as fotos, dados relevantes que evidenciam para a comunidade em estudo e todos os que tiverem contato com o texto.

## **CAPÍTULO 1 – OS CIGANOS DESDE A SUA ORIGEM A MARACÁS: UMA VIDA MARCADA PELA BUSCA DA LIBERDADE**

Neste terceiro capítulo abordamos alguns aspectos da etnicidade dos calon. Para tanto dialogamos com teóricos que produziram trabalhos sobre grupo étnico, identidade étnica e etnicidade, sendo os principais Barth, Poutgnat-Street Fenart. Ademais, faremos uma análise historiográfica da origem dos ciganos e suas chegadas ao Brasil como degredados. Salientamos que essa análise será feita partindo das observações e entrevistas, realizadas na comunidade cigana que se sedentarizou em Maracás.

### **1.1. A identificação da etnicidade dos calon**

“A gente é cigano calon, dona Elma”. É como essa afirmação do líder cigano local que iniciamos a nossa investigação sobre a origem e história do povo cigano.

Ao se declarar calon, o chefe ressalta que os ciganos não são todos iguais e os define como um grupo específico, frisando assim, a sua pertença. Tornou-se evidente, durante as observações, que o informante desconhece a palavra etnicidade e que a mesma não faz parte de seu vocabulário, mas na prática ele sabe que ser calon é possuir costumes, hábitos e crenças que os tornam diferentes de alguns outros grupos ciganos que vieram para o Brasil e dos demais habitantes locais, deste modo:

Há de convir, com Barth, que a etnicidade é uma forma de organização social, baseada na autoatribuição categorial que classifica as pessoas em função de sua origem suposta, que se acha validada na interação social pela ativação de signos culturais socialmente diferenciadores. (POUTIGNAT E STREIFF-FENART, 2011 p. 141).

Segundo Moonen (2008), o vocábulo calon<sup>2</sup> designa um grupo específico de ciganos e ora funciona como um substantivo ora como adjetivo,

---

<sup>2</sup>O termo calon refere-se a homem cigano, sendo também uma das etnias ciganas. Segundo o site *caminhociganos*, a palavra calo significa “negro” e foi adotada devido ao tom de pele escuro dos ciganos ao chegarem na península ibérica. Fonte: <https://caminhociganos.com/calon/> Acesso em 02.09.2020.

mas se refere aos ciganos de origem ibérica. Sabendo que o termo calon pode ser um adjetivo, indaguei sobre o que significava ser um calon, ele explicou que “ser um cigano calon significa que ele se envolve mais com o comércio, venda e troca de mercadoria”. Logo, ser um cigano calon era ser ligado às atividades de comércio, evidenciando, assim, um elemento da etnicidade.

Sabemos, contudo, que os ciganos não compõem apenas um grupo étnico, vivenciando as mesmas categorias de etnicidade. Dentre eles observa-se a existência de elementos diacríticos, que fazem a distinção entre um e outro grupo de ciganos.

Hoje, os ciganos e os ciganólogos não-ciganos costumam distinguir pelo menos três grandes grupos:

1. Os Rom, ou Roma, que falam a língua romani; são divididos em vários sub-grupos, com denominações próprias, como os Kalderash, Matchuaia, Levará, Curara e outros. São predominantes nos países balcânicos, mas a partir do Século 19 migraram também para outros países europeus e para as Américas.
2. Os Sinti, que falam a língua sintó, são mais encontrados na Alemanha, Itália e França, onde também são chamados Manouch.
3. Os Calon ou Kalé, que falam a língua caló, os “ciganos ibéricos”, que vivem principalmente em Portugal e na Espanha, onde são mais conhecidos como Gitanos, mas que no decorrer dos tempos se espalharam também por outros países da Europa e foram deportados ou migraram inclusive para a América do Sul. (MOONEN, 2011, p. 13).

Como afirmou Barth (2011), a etnicidade é um elemento de “organização social”. Assim, no universo cigano saber a que organização, etnia, o indivíduo pertence é importante, pois é, através dessa definição, que a relação interpessoal será ativada e construída, formando as “turmas”, grupos de ciganos de outras regiões ou famílias.

Mesmo desconhecendo os termos etnicidade ou grupo étnico a declaração do chefe cigano confirma através da vivência as definições dos teóricos que conceituaram os dois termos. Além disso, torna evidente que para ele e seus familiares ser calon é um traço distintivo que os diferencia não só dos não ciganos, mas também de outros ciganos. É como se dissesse que cigano não é tudo igual.

Essa tendência que homogeneíza todos os grupos étnicos como se fosse apenas um, faz parte da construção e pensamento do nacional. Podemos perceber que a história do Brasil é marcada pela presença e contribuição de vários grupos étnicos. Sabemos que nem todos esses grupos vão possuir a

mesma importância e valoração social que os grupos pertencentes à elite colonizadora. As etnias que não se enquadram no padrão preconizado historicamente pelos dominadores vivem à margem da sociedade. Ao lado de índios e negros, encontram-se os ciganos.

Diferente de outras etnias, cujos descendentes nascidos no Brasil recebem uma denominação específica, os filhos dos ciganos que se sedentarizaram em Maracás são chamados de ciganos pelo próprio grupo e pelos demais habitantes. Cigano é uma *exoddefinição* e, também, *endoddefinição* utilizada para se referir aos descendentes desse grupo étnico.

Essa questão envolve uma proposição dialética e não pode ser analisada separadamente. Nela está presente a forma como os sujeitos são definidos pelos não membros do grupo, mas também como eles se definem no interior do próprio grupo.

Um grupo não pode ignorar o modo pelo qual os membros o categorizam e, na maioria dos casos, o modo como ele próprio se define só tem sentido em referência com essa *exoddefinição*. Esta relação surge em toda sua complexidade por meio dos processos de rotulação mútua, no decurso dos quais os grupos atribuem-se e impõem aos outros nomes étnicos. ((POUTIGNAT E STREIFF-FENART, 2011, p. 143).

O grupo cigano estudado mantém maior interação entre os próprios membros, constituindo-se uma consorciação basicamente fechada. A interação entre eles e os demais habitantes da cidade ocorre, mais frequentemente, no que diz respeito aos negócios comerciais, financeiros e escolares. Assim, a etnicidade deles é ativada ou silenciada dependendo das interações estabelecidas.

Para o líder da confraria, os ciganos vivem para suas famílias e interagem com elas. Todo grupo cigano é tratado como família, não se observa entre eles uma preocupação com descrição de graus de parentesco e divisão entre as famílias. Existem os núcleos familiares individualizados, mas todos formam uma só família, que em alguns momentos ele chama de “turma”.

Mesmo com esse comportamento voltado para o próprio grupo, os ciganos sedentarizados estabelecem relações amistosas com o meio no qual estão inseridos. Assim, é através dessa interação social que os signos culturais do grupo cigano em estudo, podem se revelar servindo de marcadores

para a diferenciação. A escola é um espaço que promove uma interação mais direta entre os ciganos e os demais indivíduos que nela atua, ativando os “signos culturais diferenciadores”.

Para Poutignat e Streiff-Fenart, que compartilham com Barth (1969), concluíram etnicidade como um fenômeno que se ativa através da interação entre os sujeitos:

Esta definição mínima é suficiente para circunscrever o campo de pesquisa designado pelo conceito de etnicidade: aquele do estudo dos processos variáveis e nunca terminados pelos quais os atores identificam-se e são identificados pelos outros na base da dicotomização Nós/Eles, estabelecidas a partir de traços culturais que se supõem derivados de uma origem comum realçados nas interações raciais. (POUTIGNAT E STREIFF-FENART, 2011, p. 141).

Logo, Arruti (2014) conclui que, em meio às interações, a etnicidade de um grupo, em dados momentos, oscila “entre predicado e atitude.” (ARRUTI, 2014, p.200). O grupo cigano estudado mantém maior interação entre os próprios membros, constituindo-se uma consorciação basicamente fechada. A interação entre eles e os demais habitantes da cidade ocorre, mais frequentemente, no que diz respeito aos negócios comerciais, financeiros e escolares.

Segundo seu líder, os ciganos vivem para suas famílias e interagem com elas. Todo grupo cigano é tratado como família, não se observa entre eles uma preocupação com descrição de graus de parentesco e divisão entre as famílias. Existem os núcleos familiares individualizados, mas todos formam uma só família, que em alguns momentos ele chama de “turma”.

Mesmo com esse comportamento voltado para o próprio grupo, os ciganos sedentarizados estabelecem relações amistosas com o meio no qual estão inseridos. Assim, é através dessa interação social que os signos culturais do grupo cigano em estudo, podem se revelar servindo de marcadores para a diferenciação. A escola é um espaço que promove uma interação mais direta entre os ciganos e os demais indivíduos que nela atua, ativando os “signos culturais diferenciadores”.

Percebe-se que estes estudos refletem a situação dos ciganos, pois os grupos étnicos se apresentam como “categorias de atribuição e identificação

realizadas pelos próprios atores, e assim, tem a característica de organizar a interação entre as pessoas”. (BARTH, 1969. p. 189).

Os estudos de Barth, o grupo étnico pode ser considerado como aquele que:

perpetua-se biologicamente de modo geral; compartilha valores culturais fundamentais, realizados em patente unidade nas formas culturais; constitui um campo de comunicação e interação; possui um grupo de membros que se identifica e é identificado por outros como se constituísse uma categoria diferencial de outras categorias do mesmo tipo. (BARTH apud POUTIGNAT E STREIFF-FENART, 2011, p.194).

Considerando que as etnias em estudo são grupos étnicos que se organizam a partir de uma origem cultural comum e seus integrantes são identificados e se identificam como pertencentes a estes grupos. São indivíduos que vivem de acordo com as próprias maneiras de organizar as suas relações, decorrentes da diversidade étnica de povos com os quais passam a interagir desde que os ciganos chegaram ao Brasil e aqui preservaram suas tradições. Compreende-se, dessa forma, que “uma atribuição categórica é uma atribuição étnica quando classifica uma pessoa em termos de sua identidade básica geral presumivelmente determinada por sua origem”. (BARTH apud POUTIGNAT E STREIFF-FENART, 2011, p.194). Contudo, para Silva (2007), a identidade “é um significado cultural e socialmente atribuído”. (SILVA, 2007, p. 1).

Silva (2007) argumenta em sua teoria que a diferença seria algo oposto a identidade. Segundo ele, a diferença estaria relacionada a aquilo que o outro é. Pode-se deduzir que a diferença é auto referenciada, mas existe uma relação de dependência entre a identidade e a diferença. A existência de uma está condicionada a outra. Sobre isso, o autor relata que “assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis”. (SILVA, 2007, p. 1).

O grupo cigano estudado em Maracás – BA traz em sua vivência os conceitos de identidade e diferença, pois ambas se unem em um sistema de significado alicerçados pela cultura e seus valores simbólicos, materiais e imateriais. Contudo, esse dois conceitos se evidenciam nas relações sociais. (SILVA, 2007, p. 3).



Logo, para o pesquisador supracitado, o mecanismo de afirmação da identidade está vinculado a relação de poder existente na definição de identidade e enunciação da diferença. Sobre isso argumenta que:

A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes. (SILVA, 2007, p. 3).

A partir dessa análise, pode-se observar o estabelecimento de fronteiras entre Nós e os Outros. O povo cigano convive com esta fronteira bem demarcada erguida sobre esse binarismo, que reafirma a organização das relações de poder. Sobre isso, Silva (2007) esclarece que:

[...] a mais importante forma de classificação é aquela que se estrutura em torno de oposições binárias, isto é, em torno de duas classes polarizadas. O filósofo francês Jacques Derrida analisou detalhadamente esse processo. Para ele, as oposições binárias não expressam uma simples divisão do mundo em duas classes simétricas: em uma oposição binária, um dos termos é sempre privilegiado, recebendo um valor positivo, enquanto o outro recebe uma carga negativa. "Nós" e "eles", por exemplo, constitui uma típica oposição binária: não é preciso dizer qual termo é, aqui, privilegiado. As relações de identidade e diferença ordenam-se, todas, em torno de oposições binárias: masculino/feminino, branco/negro, heterossexual/homossexual. Questionar a identidade e a diferença como relações de poder significa problematizar os binarismos em torno dos quais elas se organizam. (SILVA, 2007, p. 4).

Assim, os ciganos que se sedentarizaram em Maracás, passaram a conviver "em torno de oposições binárias". O fim do nomadismo marca as relações de identidade e diferença entre eles e os demais *gajões*<sup>3</sup>, termo utilizado pelos ciganos para designar quem não é cigano.

Em termos culturais, os ciganos sempre conviveram com o binarismo cigano/não cigano, mas com o assentamento de residência no município passam a evidenciar suas peculiaridades étnicas. Essas peculiaridades sob o olhar dos demais habitantes locais é carregada de valor negativo. Alguns relatos colhidos evidenciam que alguns maracenses ainda demonstram um descontentamento com a presença dos ciganos na cidade. A colaboradora Carla Guimarães (30 anos) relatou durante os momentos de entrevistas e conversas diversas situações onde a sua origem calon foi motivação para críticas e desconfianças na escola, no trabalho e em sua vida pessoal.

---

<sup>3</sup> Em romani, refere-se aos indivíduos não ciganos.

Acreditamos que esse sentimento está relacionado ao pouco conhecimento que o mundo não cigano tem sobre o povo cigano. Contudo, nas observações, pude notar que esse desconhecimento dos *juron*<sup>4</sup> é importante para os calons. O desconhecimento produz um mistério em torno da cultura cigana que é benéfico à vivência deles.

Uma dessas marcas culturais que fortalecem o binarismo é o idioma. Sobre ele as dúvidas peculiares foram possíveis de sanar, pois Carla Guimarães, por conhecer um pouco sobre a língua, nos esclareceu, mas nem o líder nem os demais ciganos do grupo em estudo revelam essas informações, demarcando as oposições entre o Eles e o Nós.

Desta forma, Carla Guimarães era vista pela sociedade maracaense como cigana por ser considerada uma etnia exótica, mas isso a fez negar essa origem em sua formação identitária por um longo período. Ao permitir a convivência de Carla com sua família cigana, dona Roquelina, forneceu condições para que a filha pudesse através da memória construir sua identidade. A ciência da origem calon e vivência com o mundo *juron* possibilitaram a ela o trânsito entre os dois grupos étnicos.

Durante a adolescência, mesmo renegando sua origem calon, Carla conviveu com manutenção da fronteira étnica entre ela e os mundos no quais convivia. Esse binarismo canaliza a vida social (BARTH, 1969) de nossa colaboradora.

Assim, Carla teve sua construção de identidade marcada pela memória de si e do grupo. Segundo Pollack (1992) a memória é um dos elementos de construção da identidade. Sobre isso ele diz que:

*A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLACK, 1992, p. 5).*

É interessante salientar que entre os ciganos em estudo a memória individual e coletiva é preservada e os mantêm enquanto grupo étnico fechado. A construção da memória individual dos ciganos que participaram da pesquisa é permeada pela memória coletiva, considerando aqui os estudos de

---

<sup>4</sup> *Juron*: refere-se a homem não cigano; *jurin* (fem).

Halbwachs (1990) sobre o conceito de memória coletiva, onde diz que “nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos”. (HALBWACHS, 1990, p. 8).

Assim, para eles sua história, conhecimentos e idioma, sua memória, foram conservados e transmitidos de geração para geração e, a primeira infância, são transmitidos pelos seus mais velhos e líderes.

Assim, o grupo de ciganos que se sedentarizou em Maracás, objeto e/ou sujeito de estudo dessa pesquisa, possui seus elementos culturais que os constituem em grupo étnico e que com a sedentarização passa a estabelecer relações com os demais habitantes da cidade e suas peculiaridades sociais, culturais e econômicas. Essas relações aproximam as etnias que passam a interagir e demarcar seu lócus e tradições, fortalecendo a identidade de cada grupo e os distinguindo dos demais.

## **1.2. Origem indiana, nomadismo e idioma calon**

Nesse tópico senti a necessidade de descrever com maior alcance a origem dos ciganos, pois entendo que se faz necessário uma análise histórica mais detalhada para que os ciganos, ou os demais habitantes que tiverem acesso ao texto possam ter uma visão mais ampla das peculiaridades, da origem dos ciganos.

O pesquisador Moonen (2011), em seu livro *Anticiganismo: os ciganos na Europa e no Brasil* chama atenção, para a origem do termo cigano, para designar o povo de costumes e conhecimentos místicos diferenciados, ele comenta:

A História escrita dos hoje assim chamados “ciganos” não vai além de um milênio. Um dos documentos mais antigos é de um monge grego segundo o qual, no ano de 1050, o imperador de Constantinopla (hoje Istambul, na Turquia), para matar uns animais ferozes, solicitou a ajuda de adivinhos e feiticeiros chamados *Adsincani*. No início do século seguinte, outro monge se refere a domadores de animais, em especial de ursos e cobras, e a indivíduos lendo a sorte e prevendo o futuro, que eram chamados *Athinganoi*. No Século 13, o patriarca de Constantinopla adverte o clero contra adivinhos, domadores de ursos e encantadores de cobras e solicita não permitir a entrada destes *Adingánous* nas casas”, porque eles ensinam coisas diabólicas” (Fraser 1992). É possível que estes tenham sido antepassados (embora não necessariamente os únicos) dos indivíduos hoje

chamados “ciganos”, e neste caso já estariam na Turquia pelo menos desde meados do Século 11. (MOONEN, 2011, p. 9).

Há várias versões para contar a história da origem do povo cigano. Muitas delas afirmam que os ciganos são originários da Índia, Turquia e Egito. Alguns escritores relatam que a etnia teria surgido no Egito, daí o fato de serem chamados de *gypsy* (inglês). De acordo com Ferrari (2002), a origem egípcia na verdade está associada ao fato de que os ciganos possivelmente teriam habitado a região do Pequeno Egito, na costa do Peloponeso na Grécia. Para a pesquisadora, “a apropriação do termo egípcio se deu por interesse no universo simbólico da cultura do Egito africano”. (FERRARI, 2002, p.119).

Assim, a origem do grupo cigano em estudo era uma questão a ser esclarecida, pois ela auxiliaria no entendimento da etnicidade dos ciganos. Em umas das visitas, pedi a meu informante que falasse um pouco mais sobre a origem dos ciganos.

Esse foi um momento muito interessante, pois durante um período, quando o indagava sobre a origem da etnia cigana, ele desconversava e dizia que eles andavam pelo mundo e chegaram ao Brasil. Mas, em uma das visitas, ao chegar à sua casa, me encontrei com a esposa e dois dos filhos e um sobrinho, os saudei e eles a mim. A matriarca me avisou que seu esposo não estava e pediu a um dos sobrinhos para ir chamá-lo. Esse era um costume das visitas ao acampamento.

Seu Landito pediu a Consuelo que trouxesse refrigerante e biscoito. Ele não bebe refrigerante, pois é diabético, mas eu e seus familiares nos servimos. Sempre que Consuelo nos serve um café ou refrigerante, o faz em copos descartáveis, segundo ela, é para diminuir o trabalho, mas percebo que esse costume diminui o contato de outras pessoas com os utensílios domésticos. Notei que os ciganos são muito preocupados com a manutenção da saúde.

Assim, ficamos sentados na área externa da casa, onde gostam de ficar. Neste dia uma das minhas principais inquietações era saber ou ter a confirmação da origem da etnia cigana. Depois de conversarmos sobre a rede de internet da casa dele, iniciamos a entrevista. Perguntei sobre a origem do povo cigano. Ele de maneira muito clara e direta disse:

Dona Elma, a origem do meu povo é indiana. Meu povo veio da Índia. Agora (pausa), agora eu digo isso, pois nossos antepassados disseram que viemos de lá, viemos da Índia. Meus avôs, bisavôs

diziam isso, mas eu não sei como é isso, pois eu não conheço a Índia, não sei para que lado fica. Eu prefiro dizer que sou daqui dessa região [...]. Planaltino onde nasci, Maracás, Jequié [...]. Os mais velhos diziam para gente, mas eu não entendo. (Seu Landito, 2019).

Ressalto nessa confissão do entrevistado alguns dados que são passíveis de análise. Primeiro sobre a transmissão oral da origem e cultura calon no interior de suas tendas ou casas. Como todos os povos tribais, os ciganos transmitem sua etnicidade dentro de suas casas e, mesmo após séculos de peregrinação e andanças, a preservação de sua cultura se mantém e é respeitada pelos seus descendentes.

Segundo, o receio de revelar sua origem e falar de um lugar que ele não tem vivência, mas respeita as narrativas que foram transmitidas pelos mais velhos de seu povo. Percebi que ao revelar sua origem indiana, seu Landito parecia não se sentir muito à vontade. Aparentemente, ele relatou aquilo que ouvia nas narrativas dos mais velhos, mas demonstrava não ser capaz de explicar o porquê e como estavam aqui e não lá.

Terceiro é que a origem histórica é indiana, mas ele se percebe brasileiro, como se quisesse deixar claro que prefere falar de lugares que conhece e que se sente pertencente. Ele não nega a origem indiana, mas é brasileiro, baiano do sudoeste do estado.

Aqui pude entender por que de muitas vezes, diante de alguns questionamentos meus sobre determinados aspectos culturais, os ciganos desconversarem e agirem como se não tivesse ouvido o que eu disse.

Sempre que isso acontecia, notava que havia tocado em um ponto que eles não dialogariam comigo e me silenciava em respeito a eles. Penso que esse comportamento demonstre que dados temas fazem parte dos “segredos” da etnia, ou que se tratam de costumes repassados pelos mais velhos e que eles não saibam o porquê de tais ações, ou não queiram evidenciar seus segredos. Desta forma, mesmo sabendo que a questão histórica da origem não seja um relato tão relevante para a pesquisa, fi-lo por entender que aos ciganos de Maracás essas informações talvez sejam interessantes.

Assim, poderíamos dizer que os ciganos possuem um sentimento de dupla pertença. São indianos, pois sabem que seus costumes são distintos aos da sociedade que os hospeda. A etnicidade é aqui um marcador da distinção entre o Eu e o Outro. São brasileiros, pois nasceram aqui, convivem com os

habitantes locais, negociam, conhecem o idioma, a religiosidade. Os ciganos adaptaram seus costumes ao da sociedade que os acolhe.

Logo, é de conhecimento geral que os ciganos são povos nômades<sup>5</sup>. Assim, de forma geral, a palavra *nômade* é empregada para designar pessoa que não tem habitação fixa, povo que anda vagueando sem fixar residência. Nessa acepção, os povos ciganos se enquadram, são povos que andam vagueando, de um lugar para outro sem possuir um endereço fixo. Mas como todo povo, eles possuem gênese<sup>6</sup>.

A história dos ciganos teve origem marcada por um ponto de partida. Esse ponto de partida, provavelmente, “é o noroeste da Índia”. (MOONEN, 2011, p. 11). Desta forma, se eles eram indianos, logo podemos concluir que em um passado distante, segundo o autor supracitado, aproximadamente antes do século X, eles viviam num lugar fixo. Sendo, portanto, sedentários.

Um dos primeiros estudiosos a realizar etnografia dos ciganos no Brasil foi Melo Moraes Filho, no século XIX, da qual se originou o livro *Os ciganos no Brasil, uma contribuição etnográfica* (1886). Em seus estudos este autor referenda a origem indiana dos ciganos e afirma que: “São uma casta indiana, expulsa de sua pátria e que se acolheu à Pérsia, depois ao Egito, donde se espalharam pela Europa, há alguns séculos”. (MORAES FILHO, 1886, p. 16).

Em suas pesquisas, Moraes Filho (1886), ressalta o fato dos ciganos terem sido expulsos de sua pátria, mas não expõe os motivos que conduziram a essa expulsão. Em suas análises, ainda na tentativa de explicar a gênese, Ronaldo Senna justifica a origem indiana dos ciganos considerando as semelhanças entre eles e os budistas. E para o pesquisador de Utinga, “ambos fugiram, cada qual a seu modo, do sufocante universo de castas indianas [...]”. (SENNA, 2005, p.66).

A sociedade indiana possui uma rígida divisão em castas. Nesse universo os indivíduos que pertencem às castas inferiores vivem oprimidos.

---

<sup>5</sup>Etimologicamente, o termo nômade vem do latim *nomas*, adis “pastor”, do grego *nomás*, àdos “que pasta, o que muda de pasto”. Esse termo está relacionado aos pastores que em busca de melhores pastos não respeitavam as fronteiras, por isso viviam mudando de um lugar para outro.

<sup>6</sup>A palavra “gênese” vem do grego que significa *gênesis*. E que dentre outras acepções quer dizer “origem”. Podemos entender origem como ponto de partida, do latim *origoinis*.

Essa afirmação de Senna (2005) é endossada por estudiosos, a exemplo de Moraes Filho (1886), quando traz a seguinte afirmação:

O célebre missionário Borrow, que conviveu largos anos com eles, que estudou-lhes a língua, os usos e os costumes, e que era considerado como um rom (o termo rom significa homem; roma é a forma equivalente ao plural, homens), acha no seu dialeto, que é o mesmo por toda a parte, vestígios do antigo estado pária. (MORAES FILHO, 1886, p. 17).

Ferrari (2010), ao analisar a obra *Homo hierárquicos* (1966), de Louis Dumont (1957), salienta que o sistema de casta indiano é baseado no grau de pureza e impureza. Sobre isso, salienta que:

Segundo Dumont, o sistema de castas não consiste numa sucessão de elementos idênticos ordenados numa escala. Uma casta é em si pura ou impura, mas é pura ou impura em relação ao todo, à totalidade à qual ela se refere [...]. Sendo a casta um grupo hereditário, um membro de uma casta será puro ou impuro no contexto da relação com outras castas, pelo cumprimento a regras que asseguram a separação entre o puro e o impuro pela relação que sua casta estabelece em referência ao todo e às castas. (FERRARI, 2010, p. 76-77).

Andreas Hofbauer, professor de Sociologia da UNESP, em seu artigo *Racismo na Índia? Cor, raça e casta*, no qual dialoga sobre a situação de discriminação sofrida pelas castas inferiores na Índia, diz que:

Há certo consenso entre os pesquisadores de que os textos bramânicos fundacionais, o Rig Veda (escrito provavelmente entre 1.700 e 1.100 a. C.), fixaram uma diferenciação social fundamental: os quatro varnas (literalmente, cores) teriam surgido a partir de uma espécie de “ser originário” (purusha) sacrificado pelos deuses para poder criar o Universo. Da sua cabeça teriam surgido os brâmanes ou sacerdotes; dos braços, os xátrias (reis e guerreiros); das coxas, os vaixás (comerciantes e proprietários de terra); e dos seus pés, os sudras, ou seja, os serviçais, artesãos e trabalhadores. Os três primeiras varnas eram considerados como sendo arya (puras) e habilitadas a participar dos rituais védicos; já os sudras, vistos como não arya, eram excluídos dos ritos. (HOFBAUER, 2015, p.155).

Segundo este autor, as varnas estavam relacionadas à cor. Assim, quanto mais escuro o indivíduo, mais impuro seria e mais baixa sua casta. Às castas mais baixas restava apenas à vida em situação de extrema pobreza e segregação, assim sendo qualquer contato com um impuro contaminava um indivíduo puro, branco, limpo.

Com essas análises, podemos perceber que os ciganos não eram originariamente nômades, mas em virtude das perseguições sofridas adotaram esse costume. Pela fuga ou expulsão, os ciganos, na tentativa de encontrarem uma vida livre dos dogmas da sociedade indiana, iniciam sua jornada.



O nomadismo teria surgido de uma necessidade, mas, apenas por isso, os ciganos não seriam nômades, porém devido a um processo de diáspora, tornaram-se, aparentemente, nomadismo e diáspora são termos equivalentes. Mesmo como acepções próximas, diáspora vem do grego diasporá e significa “separação de um povo ou muitas pessoas por diversos lugares, geralmente causada por perseguição política, religiosa, ética ou por preconceito”. (FERREIRA, 1999, p.677).

Desta forma, o nomadismo consolida a etnicidade dos calon tomada aqui como categorias étnicas que compreende os signos como uma construção cultural. Segundo Fenton (2003), a etnicidade é um termo que passou a ser utilizado a partir de 1970, mas que atualmente possui um lugar importante nos discursos. Poutignat e Streiff-Fenart (2011), ao analisar a obra de Barth, também afirmam como já visto antes. No caso dos ciganos as questões afetas a etnicidade se evidenciam e servem de base para a construção e manutenção de seus signos diacríticos.

Baseado nesses signos Senna (2005), salienta que os ciganos tiveram sua compreensão de mundo influenciada pelo “espírito oriental de paz” e desapego a acumulação de bens, os definem como “filhos da natureza”. Segundo Wanderlei Silva, professor maracaense, um cigano lhe vendeu uma casa por um valor bem abaixo do preço de mercado, pois iria casar uma filha e necessitava do valor para pagar o dote à família do noivo. Consideramos que para o cigano o importante era o casamento da filha e o cumprimento do compromisso firmado entre as famílias.

Os ciganos defendem sua família. O grupo familiar mostra-se unido, principalmente, nos momentos que estão se relacionando com indivíduos não ciganos. Às vezes, entre eles, discutem sempre em voz alta, as mulheres tentam apaziguar os ânimos e fazem verdadeiros clamores, acompanhadas pelas crianças, mas logo reatam os laços familiares que os une. Contudo, uma briga entre famílias pode levar à morte os membros do grupo como nos relatou seu Landito.

Além dos elementos de etnicidade descritos acima, Moonen (2011), chama atenção para um traço distintivo relevante na confirmação da origem e etnicidade calon presente entre os ciganos que se sedentarizaram em Maracás



que é o idioma. Para o referido autor, o idioma falado pelos ciganos tem proximidade com o sânscrito.

As provas linguísticas surgiram por acaso em 1753 quando, numa universidade holandesa, um estudante húngaro descobriu semelhanças entre a língua cigana do seu país e a língua falada por colegas indianos. Constatou-se assim um evidente parentesco entre as línguas ciganas e o sânscrito. (MOONEN, 2011, p. 10).

Em seus estudos, o supracitado autor observa as evidências com base nos estudos realizados por Heinrich Grellmann em 1783. Ao citar o trabalho de Grellmann, Moonen afirma que a origem do povo cigano, baseia-se na análise linguística.

Grellmann criticou primeiro as teorias linguísticas até então existentes sobre a origem das línguas ciganas, principalmente aquelas que falavam da origem egípcia. Depois fez uma análise de quase quatrocentas palavras e constatou que de cada trinta palavras ciganas, doze a treze eram de origem hindí, uma língua derivada do sânscrito. (MOONEN, 2011, p. 131).

Sobre essa questão, a escritora cigana, Jordana Aristicth, em seu livro, “Ciganos: A verdade sobre nossas tradições”, satiriza ao relatar que existem dezenas de palavras ciganas em outros idiomas, incluindo o japonês (ARISTCTH, 1995, p. 21), porém não cita palavra alguma para comprovar a afirmação. Ela também demonstra discordar do argumento de ciganólogos, não ciganos, quando estes afirmam que o idioma cigano teria sofrido variação linguística no contato com outras línguas e preservado apenas algumas palavras em sânscrito. Então, provoca dizendo que,

os ciganos foram perdendo o idioma sânscrito ao passarem por outros países e assimilando, desta forma, outras palavras. [...]. Muitas famílias tomaram rumos diferentes e outras permaneceram num país e não continuaram sua jornada. Mas, ao se reencontrarem, ainda falavam o mesmo idioma original (segundo eles), o sânscrito. Como explicar, então, que estas famílias, ao se reencontrarem após séculos de separação, continuavam falando o mesmo idioma? (ARISTCTH, 1995, p. 21).

Essa afirmação da escritora cigana é contestada linguisticamente, mas para a Aristcth (1995), o idioma cigano não sofreu variação linguística no contato com outros povos, pois os ciganos conseguem se comunicar e se identificar através do idioma. Em outro trecho do seu livro, ela declara que quando eles desejam saber, ou desconfiam que um indivíduo seja cigano, eles utilizam o idioma para fazer tal investigação, sendo a forma mais confiável de obter essa certeza.

Nós só temos duas formas de nos identificarmos. A primeira é através do magnetismo pessoal que irradiamos instintivamente [...]. A segunda é perguntar em nosso idioma se ele é cigano. Se for a resposta é imediata. Sem dúvida, a segunda é a forma mais segura de identificação. (ARISTCTH, 1995, p. 33).

Em uma das conversas com a cigana Carla Guimarães, sobre a afirmação feita por Ariscth, ela confirmou tais informações. Segundo ela, ao entrar no restaurante onde ela e o marido almoçam diariamente, visualizou um senhor, sentiu que ele era cigano pelo olhar, mas para ter certeza cochichou algo em romani com o marido e, imediatamente, o senhor desviou o olhar da comida e a encarou.

Esse evento descrito por Carla corrobora para confirmar as palavras de Aristcth (1995), com relação à preservação linguística do idioma falado pelos ciganos. Mesmo não tendo sido criada por sua família cigana, Carla consegue se comunicar na língua romani, devido ao contato reiniciado na adolescência com sua família cigana e, mesmo nunca tendo visto, anteriormente, o senhor do restaurante, conseguiu estabelecer comunicação através do idioma.

De acordo com os estudos de sociolinguística essa situação seria improvável. Para os sociolinguistas, um idioma sofre variações e mudanças com o passar do tempo e necessidades de seus falantes (BAGNO, 2005). Mas, o relato de Carla defende a preservação do romani. Essa situação é uma questão que não pôde ser esclarecida durante a pesquisa, pois o idioma era utilizado pelos ciganos durante os momentos de observação, mas eu sabia o que estavam falando e não tive acesso à tradução.

Por ser uma comunidade que transmite sua cultura oralmente, não possuindo registros escritos que sirvam de fonte de pesquisa e comprovação de sua história, os linguistas têm um papel fundamental em tentar entender a origem do povo cigano. Desta forma, as análises linguísticas dos termos das línguas faladas pelos ciganos, apenas entre eles, são fundamentais para a compreensão da origem desse grupo étnico.

Entre os ciganos o domínio do idioma de cada grupo é um elemento diacrítico e traço de etnicidade importante, passado para as novas gerações. Segundo o entrevistado, a língua deles é ensinada as crianças em casa e desde que começam a falar. É nesse momento também que começam a entender que a língua é um segredo entre eles. A pesquisadora Regiane

Aparecida Rossi Hilckner afirma que: “A pátria do cigano é a sua língua e seu continente a extensão da memória dos seus ancestrais”. (HILCKNER, 2008, p. 03).

Para os ciganos é um segredo muito relevante, sendo inadmissível transmiti-lo, comunicá-lo, a um indivíduo que não pertença ao grupo. Moonen (2011) julga esse comportamento como preocupante e cita os posicionamentos das escritoras ciganas Aristicth (1995) e Liechocki (1998), quando diz:

Aristicth afirma que “[...] é extremamente proibido ensinar o nosso idioma para pessoas não-ciganas. Todo cigano autêntico conhece esta proibição” (1995, p. 33). “É inadmissível que um não-cigano venha a conhecer mais as nossas tradições, hábitos e costumes do que nós mesmos”. (1995, p. 67). Liechocki não fica atrás: “Este meu livro fala ou conta o que pode ser contado; outras coisas serão sempre para os outros povos um grande segredo e nada deverá ser dito. De algumas coisas os não-ciganos deverão continuar ignorantes”. (1999, p. 16). (MOONEN, 2011, p. 03).

Mesmo sendo uma atitude considerada como ‘preocupante’ por um dos maiores ciganólogos do país, esse comportamento é observado em Maracás. Quando o líder cigano afirma que o idioma que eles falam é o romani, sua esposa não se esforçou em demonstrar desconforto com a confissão do marido.

Numa sociedade onde a mulher exerce uma posição subalterna em relação ao homem, o desconforto dela evidencia a importância da preservação desse segredo para eles. Pois mesmo não emitindo nenhum comentário sobre a confissão do marido por respeito ao mesmo, ela transpareceu incomodada com o fato. Nesse momento, a fim de esclarecimento, ressaltei que a nossa pesquisa tinha por pretensão estudar as relações étnicas dos ciganos e os demais habitantes no espaço escolar, que não iríamos estudar o idioma deles.

Ainda com relação ao idioma, os ciganos no contato com os grupos de não ciganos se comunicam na língua local. Então, em Maracás, eles falam em língua portuguesa, quando estabelecem comunicação com a população local, mas entre eles conversam em romani. Contudo, de acordo com Moonen (2011), os calon ou kalé falam caló.

Há então uma aparente confusão entre o pertencimento a um grupo étnico e o domínio linguístico de outro grupo. Essa disparidade é esclarecida através dos estudos realizados pela pesquisadora Elisa Maria Lopes da Costa.

Segundo ela, o “caló, também chamado romani-ibérico”. Mas eles definem o idioma apenas como romani. (COSTA, 2006, p. 16).<sup>7</sup>

Nas ocasiões em que conversam com a presença de “brasileiros”, ora falam em português, ora em romani. Porém, para um ouvinte pouco habituado com os ciganos é quase imperceptível à distinção de que estão falando em outra língua devido à habilidade que tem nesse tipo de conversação bilíngue. Além dessa habilidade, o sotaque é um traço distintivo, pois, mesmo estando no Nordeste brasileiro que é conhecido pelo falar mais cantado, ritmado, os ciganos se destacam no sotaque acentuado que alonga os sons vocálicos.

O termo “brasileiro” é usado pelos ciganos para designar os indivíduos que não pertencem ao grupo étnico cigano. Em romani, os termos usados são “gajon/juron”, para o homem e “gajin/jurin”, para as mulheres. Esses termos em português ou romani são sinônimos e servem para designar os não ciganos, pois eles não fazem diferenciação étnica dos indivíduos que não tem pertença cigana. Contudo, alguns vizinhos “brasileiros” dos ciganos os consideram como racistas. Segundo uma informante brasileira negra, uma cigana tomou a criança pela mão e disse que ela não se aproximasse daquela mulher. Ela disse:

A criança vinha em minha direção e a cigana começou gritar a menina. Como a criança não parava ela correu e pegou a menina pelo braço e começou a perguntar se a menina estava doida, que ela não passasse perto “daquela mulher”, no caso eu. Não entendi no momento, depois percebi que a situação era por causa da minha cor. Os ciganos são racistas, eles não gostam de negros. (Luciene Silva, entrevistada negra, 42 anos).

Todavia, de acordo com o informante calon, todos os povos são iguais e os ciganos vivem sempre buscando a harmonia com todas as pessoas. Ele conclui: “Todos somos filhos de Deus, dona Elma. Cigano e brasileiro é tudo igual.”.

Assim, os aspectos linguísticos e culturais servem como elemento de confirmação de identidade da etnia em estudo. Desta forma, cabe observamos como eles chegaram ao Brasil, pois apesar de ser nômade, a população cigana como todas as outras, se beneficiam dos elementos naturais e dos processos de transformação, uma vez que fazem parte da vida cotidiana dos grupos.

---

<sup>7</sup>Revista Dossiê, p. 16, 2006, Elisa Maria Lopes da Costa, ano 2, nº14.

### 1.3. Breve história de degredo

Em um dos diálogos com o líder cigano, ao falar sobre sua origem, ele confessou sobre a origem indiana dos ciganos dizendo: “[...] eu não entendo.”. Em minhas conjecturas, fiquei a pensar o que ele não entendia e, possivelmente, fosse o fato que os fez peregrinar e que os trouxe ao Brasil.

De acordo com documentos, é a partir do século XVI que eles chegaram ao Brasil. Moonen (2011, p. 113), afirma que: “Não há dúvida alguma que os primeiros ciganos que desembarcaram no Brasil foram oriundos de Portugal. Não vieram voluntariamente, mas deportados daquele país”.

Para Geraldo Pieroni (1991), o degredo é uma prática histórica antiga e desenvolvida por muitos povos que desejavam se livrar de quem era considerado indesejável na sociedade na qual estava inserido. Assim, os portugueses usaram a pena do degredo como solução para afastar da Metrópole os ciganos e outros indivíduos.

Dentre os sujeitos que foram degredados pelos mais variados motivos, estavam os ciganos. De acordo com as pesquisas realizadas por Rodrigo Correa Teixeira, em sua tese A história dos Ciganos no Brasil, de 2008, os primeiros representantes dessa etnia faziam parte da família de João Torres:

Mas não há dúvida alguma que os primeiros ciganos que desembarcaram no Brasil foram oriundos de Portugal, e que estes não vieram voluntariamente, mas expulsos daquele país. Foi o que parece ter acontecido, por exemplo, já em 1574, com um certo João de Torres e sua mulher Angelina que foram presos apenas pelo fato de serem ciganos. Inicialmente João foi condenado às galés e Angelina deveria deixar o país dentro de dez dias, levando seus filhos. Alegando, no entanto, que “era fraco e quebrado, e não era para servir em coisa de mar e muito pobre, que não tinha nada de seu”, João pediu para poder sair do Reino, ou então que pudesse ir para o Brasil para sempre. (TEIXEIRA, 2008, p. 15).

De acordo com os documentos analisados por Teixeira (2018), o fato de se autodeclarar cigano, levou João Torres e sua família a viver no exílio. O texto não revela ou faz comentário sobre crime algum praticado que justificasse a ação. Apenas pelo fato de pertencer ao grupo étnico cigano já era o bastante para servir de motivo à condenação.

Ainda, de acordo com o mesmo autor, o envio de ciganos efetivou-se plenamente a partir de 1686 e, o destino era a capitania do Maranhão. Considerando que, a capital brasileira da época era Salvador, na Bahia, os

ciganos deveriam ficar longe do centro administrativo e religioso da colônia.

Sobre esse fato Teixeira ressalta que:

A escolha da Coroa pela capitania do Maranhão visava pelo menos a dois objetivos. Primeiro, colocar os ciganos "bastante afastados das áreas brasileiras de mineração e de agricultura assim como longes dos principais portos da colônia, do Rio de Janeiro a Salvador." Segundo, esperava-se que os ciganos ajudassem a ocupar extensas áreas dos sertões nordestinos, então ainda ocupadas por índios. Ainda que perigosos, preferia-se os ciganos aos índios. Não foram ainda descobertos documentos com dados sobre o número de ciganos deportados para o Brasil nesta época, para quais capitânicas e por quais motivos. (TEXEIRA, 2008, p. 16).

Considerados como uma ameaça aos bons costumes pelos padres jesuítas que os via como indivíduos perigosos, adversos a pregação católica:

Com o degredo no Brasil, a velha Lisboa "de muitas e desvairadas gentes" enviou, para a Colônia, parte de seu contingente populacional que ameaçava a manutenção da disciplina moral e religiosa católica metropolitana. Eram os judaizantes que insistiam na prática da lei de Moisés, feiticeiros, blasfemos, beatas visionárias, curandeiros supersticiosos, sodomitas, bigamos, clérigos solicitadores, iconoclastas, pretensos ministros do Santo Ofício, falsos sacerdotes e ciganos da "buenadicha". (PIERONI, 1991, p.19).

Por conta das perseguições devido aos traços diacríticos de sua etnicidade, os ciganos foram durante todo o período do Brasil Colônia e, mesmo depois, expulsos de um estado para outro. Esses fatos acentuam ainda mais, as características do nomadismo, próprio aos ciganos.

Essa áurea de encanto e magia sempre fascinou os homens e, os calões em suas muitas andanças trouxeram consigo a ciência indiana e, se apropriaram dos conhecimentos de outros povos. Toda essa carga de conhecimentos os auxiliaram na sobrevivência e fortaleceram os aspectos da etnicidade cigana, por isso, as peregrinações nômades foram importantes para assegurar aos ciganos vivências múltiplas. Contudo, as atuais ciganas residentes em Maracás não praticam a leitura de mãos.

Com as peregrinações, eles vão de cidade em cidade, instalando-se onde possível e permitido pelas autoridades locais, por tempo estipulado por elas. Poeticamente, Senna (2005), descreve o comportamento cigano de se fechar em suas fronteiras étnicas, incrustados no mundo dos não ciganos, da seguinte forma:

por imprescindíveis necessidades de serem tolerados, suas rotas alteradas, esses filhos mágicos da natureza, crias das estradas e caminhos, constroem as suas sagas, vivem a suas sinas e estabelecem as suas verdades. (SENNA, 2005, p. 67).

Assim, devido ao nomadismo muitos grupos ciganos acampavam, eventualmente, na região onde se localiza a cidade de Maracás. Por muito tempo, eles montavam suas barracas por períodos longos, mas aos poucos foram diminuindo as distâncias percorridas e alguns desses grupos se sedentarizaram.

#### **1.4. Maracás: o (des) encontro de outras etnias**

Historicamente, Maracás foi uma das principais rotas para os tropeiros e viajantes. Assim, quando se trata da comunidade cigana, a cidade que é uma das mais importantes da microrregião em termos econômicos e sociais, sempre serviu de pouso para seus acampamentos até culminar com a sedentarização.

Segundo o pai do líder da confraria, cigano patriarca do clã, o município de Maracás – BA servia de passagem para os diversos grupos ciganos que transitavam pela região.

Aqui era muito bom, pois nós podíamos ficar sem que ninguém abusasse a gente. A gente vinha montado em animais, com os meninos pequenos. Era uma vida difícil; mudava direto. As crianças não podiam aprender a leitura, tinha que andar de um canto para outro. Meus netinhos estão todos na escola pra aprender a leitura. (Entrevistado calin, 78 anos).

Esse depoimento foi colhido numa das primeiras visitas que fiz ao acampamento. Nele podemos observar que o nomadismo é uma prática em declínio entre os ciganos que vivem por essa região. Alguns afirmam que nunca viveram acampados como seus antepassados. Como é o caso de uma entrevistada calin, que mora em Lajedo do Tabocal, afirma nunca ter sido nômade como seus pais.

Uma entrevistada relatou que a vida nômade era muito cansativa e difícil. Ela enumera as muitas cidades da região por onde já ficou assentada e diz não ter saudade desse período. “Era de cidade em cidade. Ficava um tempo num lugar. Mas logo, começava tudo de novo; em lombo de cavalo, acabava tudo que nós tínhamos. Era uma vida difícil. Depois, que a gente se assentou ficou mais fácil”. (Neide, 38 anos).

Por esse trajeto, podemos perceber que muitos deles transitavam pela região sudoeste do estado da Bahia. Ela salienta que para a mulher cigana a vida nômade era um dilema devido à falta de acesso à água, a escolarização



dos filhos e, principalmente, durante a gestação, a falta de acompanhamento médico.

Ela observa que com a sedentarização a vida dos filhos ficou mais favorável. Ela se sente feliz por seu filho mais novo ainda estar estudando. O nomadismo tornava o acesso à escola uma barreira difícil de ser transposta, pois a escolarização formal possui exigências que as migrações constantes não permitem contemplar.

A dificuldade descrita pelo patriarca e pela cigana Neide revela detalhes da vivência nômade dos ciganos que os afastava de poderem acessar os direitos e serviços públicos. Durante um longo período da história, os ciganos eram impedidos até por leis de acessarem certos espaços públicos, sob pena de serem detidos. Sobre isso, vejamos a definição dos locais que eram destinados a eles:

Os ciganos, possivelmente, ocupavam os espaços mais insalubres das cidades. Não que eles se opusessem ao conforto e à higiene, mas sim ao que vinha atrelado a isso: o cerceamento à liberdade de movimentação e o controle de suas ações [...]. Se tivessem de acampar na cidade, deveriam fazê-lo o mais longe possível, para evitarem a transmissão de doenças físicas e moléstias morais. Os acampamentos deveriam estar fora dos limites urbanos. (TEXEIRA, 2008, p. 35).

As cidades brasileiras são espaços de segregação racial e étnica, após a abolição da escravatura e durante toda a história do Brasil. Em seus estudos sobre a segregação urbana da população negra,

a segregação não se resume a determinada condição socioeconômica, ela assume diferentes configurações e posições que podem ou não ser de âmbito institucional, legal e formalizado pelo próprio Estado. Segregação é uma tendência de agrupamento no espaço de grupos sociais homogêneos. A segregação seria também resultado de uma desigualdade sócio espacial, expressando-se na organização do território da cidade. (SPOSATI apud OLIVEIRA, 2017, p. 22).

A sociedade brasileira condena ao ostracismo todas as etnias que não fazem parte do padrão racial da elite. Assim, as regiões periféricas dos centros urbanos eram destinadas aos grupos étnicos que não se enquadravam na normatização. Segundo Carla Guimarães, seus pais biológicos a deixaram com a professora Roquelina por não terem condições de criá-la, pois passavam por muitas dificuldades financeiras e por ser mulher, pois a obrigação do dote oneraria a já empobrecida família.



A professora Roquelina diz que sempre manteve boas relações com o povo cigano e que sempre quis que a filha tivesse conhecimento de suas origens. Também diz que além de Carla, uma semana antes, os familiares biológicos deram para adoção, uma prima dela, a um casal que vivia em Maracás, afirmam, porém, que nunca mais tiveram notícias da menina.

Carla viveu como brasileira sendo vista como cigana pelos não ciganos. Segundo ela, um dos casais vizinhos que também concorriam pela sua adoção, mas que não foram escolhidos pelos seus pais ciganos, pois a esposa era negra, veio visitar a família e demonstravam interesse para ver se a recém-nascida era uma criança “normal” como as demais. Sobre isso ela sorri e diz: “Tu achas? Queriam me ver tomando banho para ver se um bebê cigano era como as outras crianças”.

Ela desabafa e deixa claro que conviveu com os amargos frutos do preconceito étnico. Em seus relatos evidencia as dificuldades enfrentadas para o estabelecimento de relação com os demais habitantes da cidade. Ela conta que ao entrar em alguns estabelecimentos comerciais era seguida pelos atendentes que temiam roubasse algo das lojas. Sobre isso ela diz que:

Era muito constrangedor e me revoltava, pois por ser cigana, todos ficavam me vigiando, como se eu fosse roubar. Mas, se eu estivesse acompanhada por minha mãe o comportamento dos comerciantes era diferente. Então, entendia que ser cigana era uma barreira entre mim e os outros. (Carla Guimarães, 2018).

Por conhecer suas origens e seu povo, ela estreitou os laços com seus familiares ciganos e recentemente encontrou um irmão por parte de pai de apenas quinze anos. Ele é fruto de um relacionamento de seu pai com uma brasileira e foi criado como brasileiro. Carla diz que reconhece no garoto e entende o misto de vergonha e medo que ele possui de revelar suas origens devido aos preconceitos com a etnia.

Ainda de acordo com seu Gersínio dos Anjos, nosso entrevistado, os ciganos sempre que chegavam à cidade se instalava em uma região mais afastada “da rua”<sup>8</sup>, expressão utilizada pelos moradores locais para se referir ao centro da cidade. Algumas vezes alugavam uma casa nas proximidades para ler a sorte, mas, residiam no acampamento.

---

<sup>8</sup> Foto em anexo XXI e XXII.

Com a sedentarização, os calons passaram a acessar certos direitos como: sistema de educação, moradia, saneamento básico, dentre outros. Assim como para a maioria dos povos, o povo cigano considera que a água é um bem muito precioso. Talvez esse sentimento decorra dos muitos anos de dificuldade de acesso a esse bem. Para Neide, a vida sem o acesso a água era muito difícil, pois eles não podiam fazer nada sem ter água e havia lugares onde acampavam que o acesso à água era difícil.

Diversos estudiosos apontam o movimento de sedentarização dos ciganos, para Ferrari (2010), em sua tese de doutorado intitulada O MUNDO PASSA – uma etnografia dos Calon e suas relações com os brasileiros, relata que para um grupo de ciganos moradores de um acampamento em Minas Gerais, a vida dos ciganos se tornou mais fácil com as comodidades da vida moderna.

Faz aproximadamente vinte anos, segundo essa estimativa, que deixaram de andar de animal e passaram gradualmente a comprar e usar carros ou transportes públicos para se deslocar. Essa mudança está ligada a uma tendência mais geral na sociedade brasileira de substituição de uma vida rural por uma vida urbana, mantendo, contudo, e como vimos anteriormente, o universo rural presente. (FERRARI, 2010, p.262).

Para Ferrari, a vida dos ciganos passa por um processo de urbanização, promovendo o conforto doméstico e o fácil acesso à água. Em suas palavras: “A percepção da urbanidade se dá especificamente pelo conforto e pela presença da água em abundância e com facilidade”. (FERARRI, 2010, p.263).

Além das questões de comodidades da vida moderna, um fator que atraiu os ciganos para a cidade de Maracás, assim como, aconteceu em outras cidades e segundo Goldefarb (2004), aconteceu no município de Sousa, interior da Paraíba, é o estabelecimento de “relações clientelísticas” entre os ciganos e os políticos locais.

Alguns ciganólogos concordam que os ciganos usufruem das comodidades da vida urbana, mas ainda resistem ao processo de escolarização formal. Em momentos de observação, percebemos que a preservação de características culturais dos ciganos residente no município de Maracás acontece através da transmissão oral dos valores e demais elementos da etnicidade.

Segundo Frazito (2000) “os ciganos mesmo quando se sedentarizam podem criar uma relação peculiar com o espaço social”. (FRAZITO, 2000, p. 173). Percebemos que com a sedentarização dos ciganos em Maracás, estes estabeleceram uma relação com a comunidade local, respeitando suas especificidades. Com ela podemos notar que, os ciganos mantêm alguns traços culturais que se assemelham aos da comunidade local, mas tem preservado outros elementos que são próprios de sua etnia, o que justifica a afirmação: “Um grupo pode adotar os traços culturais de um outro, como a língua e a religião e, contudo, continuar a ser percebido e a perceber-se como distinto”. (POUTIGNAT; FENART, 1998, p 156).

Mesmo sedentarizados, os ciganos preservam o costume de viverem próximos uns dos outros. Em Maracás, eles vivem todos num mesmo bairro e se chega algum parente para viver por aqui, alugam residência onde puderem, mas logo dão um jeito para trazer o parente para perto do grupo. Ao comentar sobre esse costume, seu Landito diz que “é tudo gente da família, tem que ficar perto um do outro”. Esse fato ajuda-nos a compreender o porquê de existir uma rua que é chamada pelos demais habitantes da cidade, a Rua dos Ciganos.<sup>9</sup>

A sedentarização é uma realidade na vida dos calons, mas ela não significa que os ciganos estejam parados. Eles permanecem em total movimento com suas vidas agitadas, movidas por viagens de negócio e/ou visitas aos parentes ou outras turmas de ciganos da mesma etnia calon.

---

<sup>9</sup> Ver Mapa de Localização da rua onde reside o clã dos ciganos estudados na cidade de Maracás – BA.

## CAPÍTULO 2 – A DESCRIÇÃO DA VIDA DOS CALONS DE MARACÁS

### 2.1. Os primeiros contatos: os desafios da observação

Amo feiras-livres, sempre amei! E apesar de não ser feirante, apenas uma consumidora, para mim, nelas coadunam todos os resultados das atividades econômicas de uma dada região e os anseios por lucro de uma parcela da população. Lucena (2016) define poeticamente esse espaço:

Da carne à fruta, da verdura ao celular. Alimento para o corpo e antídoto para os males do espírito [...]. Quase tudo se encontra na feira livre. É recipiente plástico, roupas diversas, peixe fresco, tripa de boi, DVD, chinelo, óculos, celular, queijo, perfume, caranguejo [...]. Uma lista para os produtos encontrados nas bancas das feiras livres e mercados mundo a fora demandaria incontáveis páginas, mas, para quê quantificá-los se jamais seremos capazes de mensurar a profusão de tonalidades e odores e a polifonia de sons e ruídos presentes nesses lugares, aliada à variedade e ao movimento de afetos, de gente? (LUCENA, 2016, p. 38).

A citação acima define bem a feira livre de Maracás que acontece todos os sábados. Bem cedo os feirantes e consumidores chegam para cumprir suas obrigações. É nesse espaço onde as pessoas compram, vendem, pechincham e negociam, mas vai além das características tipicamente econômicas. Nelas acontece o encontro de pessoas, amigos e conhecidos para uma breve ou demorada prosa.

É democrática, pois todos se encontram ali. Políticos pedindo votos, crentes pregando o evangelho com suas barulhentas caixas de som portáteis, umbandistas entregando folheto prometendo curas de todos os males, barracas de pasteis com o forte cheiro de fritura, sotaques diversos, pronúncias que nos remetem a um universo interiorano. Todos num só espaço. Nelas não importa se o sujeito é rico, remediado ou pobre, todos compram o que podem e o que gostam. Todos levam para seus lares o fruto de seus trabalhos. Todos interagem e se inter-relacionam.

Foi nesse espaço antropológicamente rico que se deram os primeiros reencontros com os sujeitos da pesquisa. Sempre nos encontrávamos e conversávamos rapidamente. Assim, a feira livre da cidade foi o local dos primeiros diálogos com seu Landito sobre a pesquisa que desejava realizar, expliquei os motivos, pedi a colaboração dele e de sua família. Nesse encontro, ele e sua esposa se colocaram à disposição para participarem da pesquisa. Já havia ido à rua onde moram praticamente todos os ciganos em *processo de*

*sedentarização*<sup>10</sup> aqui, mas não conseguia falar com seu Landito, pois ele estava sempre viajando. Sendo ele o chefe dos ciganos local, não poderia iniciar as observações e registros sem a sua autorização.

Na primeira visita, ao chegar fui recebida por um senhor alto, magro, loiro, de olhos azuis, e sua esposa também branca, mais baixa, morena dos cabelos longos que se identificaram como sendo os pais de seu Landito. Identifiquei-me e expliquei-lhes o motivo da visita, conversamos um pouco, ele me disse que se chama seu Carlão. Ela apenas nos ouvia e ele me explicou que seu filho estava viajando. No momento, agradei a eles pela atenção.

Logo, a feira se firmou como um espaço estratégico para estabelecer os primeiros contatos com a comunidade. Assim, foi ali que seu Landito me passou o seu número de telefone celular e me pediu para ligar antes, pois por conta das muitas viagens poderia não o encontrar em sua residência. Agradei a cordialidade.

Pode parecer estranho que alguns de nossos diálogos tenham ocorrido na feira. Contudo, vejo-a como um espaço propício ao diálogo sobre relações étnicas. Nela as pessoas de diversas etnias se encontram para efetivarem não apenas práticas comerciais, pois é um dos espaços de atividades mais diversificadas. Além de ser uma das formas de comércio mais antiga e local de múltiplas relações.

Vejo que os ciganos sedentarizados aqui gostam de ir à feira, pois, todos os sábados eu os vejo chegar. Na maioria absoluta das vezes, os homens ciganos é que vão fazer as compras e nesses momentos são acompanhados pelos filhos e/ou filhas. Quando dialogam entre si, comem pasteis, negociam aves, principalmente, galinhas e compram seus gêneros alimentícios como qualquer maracaense. Observei que no início do mês, quando a circulação de dinheiro na cidade é maior, as feiras são mais movimentadas, há mais pessoas e, portanto, oferece mais oportunidade de negócios.

Assim, durante as primeiras semanas do mês, é comum vermos não só os ciganos, como também, suas esposas fazendo as compras costumeiras. No

---

<sup>10</sup> Chamamos de *processo de sedentarização* o movimento existente no grupo cigano em estudo que marca o fim do nomadismo e o início da construção de casas para a habitação dos membros do grupo.

entanto, no dia em que as calin fazem suas feiras<sup>11</sup>, alguns maridos as acompanham, outros ficam aguardando as esposas conversando nos Box que vendem bebidas, ou juntos conversando com algum conhecido local. As crianças comem pasteis e auxiliam na tarefa de carregar os alimentos até os carros. Percebo que os ciganos se sentem bem à vontade na feira. Brincam, conversam, comem, bebem, compram, negociam, se divertem.

Nas minhas observações não os vejo interagirem do mesmo modo em outro ambiente fora de suas residências, pois mesmo nos bares da cidade só vão os homens com seus filhos e/ou irmãos, sentam-se isolados em uma mesa, bebem, ouvem ou não as músicas que gostam nos sons de seus carros, conversam entre si e vão embora. Se algum *brasileiro* conhecido os cumprimentar, eles devolvem a gentileza.

Contudo, foram nas feiras que antecederam as festas juninas que pude perceber a maior movimentação dos ciganos. A comunidade está quase em sua totalidade, as que possuem maior poder aquisitivo, os de menor poder aquisitivo, todos estavam lá. As mulheres com seus belos vestidos tradicionais, os homens vestindo bermudas e camisetas outros, principalmente, os mais jovens, vestidos a moda sertaneja com calças jeans justas, botas, chapéus e camisas de manga longa. Bem arrumados aguardam as jovens esposas, algumas acompanhadas pelas sogras ou mães, fazerem as compras.

Homens e mulheres ciganos que aqui se sedentarizaram chamam atenção pela beleza. As mulheres com seus longos cabelos e cinturas marcadas desfilam por entre as barracas, porém a beleza não é o suficiente para minimizar a forma hostil com que são tratados, ao se aproximarem de determinadas barracas para comprar o que desejam. Alguns feirantes dizem que não vendem a ciganos, pois os mesmos não gostam de pagar o valor que cobram. Outros alegam que os ciganos são ladrões que roubam as barracas. E boa parte dos comerciantes demonstra ter receio de atendê-los simplesmente por serem ciganos. Alguns feirantes demonstram ter certo medo dos calons.

Nas minhas observações, presenciei apenas uma discussão entre um calon e um maracaense que vendia feijão. O vendedor cobrou o valor referente à compra ao cigano e esse disse que já havia efetuado o pagamento. A partir

---

<sup>11</sup>O termo “feiras” é usado para designar as compras feitas na feira livre.

daí ocorreu um breve embate, mas, o cigano deixou o feirante falado sozinho e saiu acompanhado pela esposa e filhos. Este episódio foi o único conflito que pude presenciar envolvendo um habitante local e um cigano. Nos demais sábados, a interação entre habitantes locais e ciganos foi harmoniosa, sendo a feira livre de Maracás um lugar simples que, os deixa mais à vontade, para ser quem são envolvidos com elementos da natureza e que se integram com o estilo de vida cigano, livre e simples.

Assim, as observações realizadas na feira livre de Maracás revelam muito do universo calon concernente às relações étnicas e, também, aos hábitos alimentícios dos mesmos. Percebi que preferem comprar na feira a nos supermercados locais produtos como frutas, legumes, cereais e carnes como a de frango. No caso das aves e animais de pequeno porte eles dão preferência a comprá-los vivos para em casa efetuarem o abate, aproveitando o sangue. Para abater os animais eles não demonstram ter nenhum ritual específico. Apeiam o animal e sagram como qualquer outra pessoa que domina a técnica do abate faz. As mulheres trazem a bacia onde o sangue é depositado para preparo do molho pardo.

Comem bem e sem restrições. Gostam de galinha ao molho pardo, leitões assados e churrascos regados a muita cerveja e outras bebidas quentes. Também gostam de pirão de leite com carne assada na brasa. A feira é um mercado a céu aberto, onde os indivíduos, na sua maioria, são pequenos produtores rurais que comercializam seus produtos. Em um espaço assim, um cigano se sente à vontade. Porém é perceptível que as fronteiras étnicas continuam firmadas demarcando o espaço entre Eles x Outros.

Barth (1969, p. 195), nos diz que as fronteiras são formas de resistência e preservação. Talvez por isso, os ciganos quando frequentando a feira livre maracaense não são vistos sozinhos, mas sempre em grupo. Para um cigano é inadmissível se encontrar desacompanhado entre os indivíduos não ciganos.

## **2.2. As visitas ao acampamento**

Após os diálogos com seu Landito na feira livre, liguei para ele e agendei uma visita para conversarmos sobre a pesquisa. O horário que acertamos foi às 15 horas. Estava ansiosa para ouvi-lo, para iniciar as observações e

análises sobre a vida dos ciganos. Nesse dia, fomos eu, minha mãe e meu filho. Ele se encontrava sentado debaixo de um arvoredor, sem camisa, mas ao nos ver solicitou da sua esposa que lhe trouxesse uma camisa, imediatamente, sua esposa a trouxe e ele se vestiu. Demonstrou muita satisfação com nossa presença. Seus filhos vieram até nós, nos cumprimentamos e fomos convidados a entrar e nos sentar.

Eles desejaram saber como estavam os meus familiares e dissemos que todos estavam bem. Falaram que foi um tempo muito agradável o período que foram nossos vizinhos e seu Landito usa uma expressão que sempre me chamou atenção, ele diz que “Foi um tempo abençoado por Jesus, dona Maria (se referindo a minha mãe)!”. A expressão usada pelo chefe cigano me intrigava porque não ouvia se referir a Jesus com outras pessoas, mas quando conversava conosco era a forma escolhida por ele, achava que fazia essa referência a Jesus apenas para nos agradar por conhecer a nossa pertença religiosa.

Essa questão ficou esclarecida para mim quando ao ler as palavras de Senna (2005), em relação aos ciganos calons de Utinga sobre a religiosidade. Segundo Senna, os ciganos tendem a seguir a religião da maioria das pessoas do local onde estão vivendo.

A casa onde residem atualmente é uma construção em blocos cerâmico, estreita, mas com uma sala comprida que integra dois ambientes: sala de estar e jantar. As portas dos quartos ficam nessa sala. Assim, temos o quarto do casal à frente, o quarto da filha logo em seguida e o quarto dos dois filhos por último. As cortinas entre abertas deixaram os ambientes um pouco a mostra. As paredes externas eram pintadas de um verde vivo, as internas também eram pintadas, mas de um tom de verde mais claro.

As paredes internas eram decoradas por quadros coloridos de paisagem naturais. Os sofás estavam revestidos por uma capa vermelha, havia almofadas com estampas de cavalos e paisagens naturais. As cores fortes me chamaram atenção.

A casa é simples, porém muito aconchegante. Mas, para seu Landito a moradia já está pequena, pois os filhos cresceram e precisavam de mais espaço. Então, ele nos mostra uma casa ao lado que estava construindo, já em fase de acabamento. A casa nova da família será ampla, com pé direito alto,



muitas janelas em blindex, uma área coberta na frente da casa e cozinha grande como sua esposa faz questão de ressaltar. Por ser recuada, no fundo da construção não haverá espaço para um fogão a lenha como deseja a matriarca.

Ele disse-me que era uma casa para ter mais conforto. Também explicou que a casa que mora ficará para o filho mais novo quando esse se casasse. Perguntamos se os outros pensavam em se casar e ele nos respondeu que por seus filhos Leandro e Leandra, serem surdos seria difícil se casarem. E disse que “As ciganas não querem Leandro por ser surdo, se ele achar uma brasileira que seja mulher direita e aceite casar com ele, eu deixo casar, mas Leandra não deixo casar”. Perguntei o porquê e ele respondeu: “Minha filha, coitadinha, não sabe falar e se um cigano não tiver paciência e maltratar minha filha, eu o mato”.

Pela fala do chefe cigano fica claro que se o jovem encontrar “uma brasileira” que queira se casa com ele, o casamento será permitido. Mas, em relação à filha essa possibilidade, não é se quer cogitada, pois para esta família cigana o homem pode se casar com uma não cigana que aceite viver de acordo com a cultura deles, mas as mulheres não possuem o mesmo direito.

Nessa tarde, Consuelo nos ofereceu um café e durante a degustação aproveitei para explicar melhor a pesquisa que desenvolveria com o apoio deles. Ele me disse que todos estariam à minha disposição para cooperar.

Para mim, foi um momento muito importante, pois dentro da casa do chefe calou senti a importância da família, a alegria das cores e dos espaços bem abertos. Esses elementos como as cores fortes e vivas distribuídas em várias paredes da casa representam a vivacidade e alegria da cultura cigana. Da mesma forma que os espaços abertos e amplos fazem referência a liberdade que é uma característica das suas vidas preservadas por muitos séculos através do nomadismo.

A casa de seu Celso está localizada na mesma rua em que mora seu líder. Ao adentrar em sua casa, o espaço interno me chamou atenção. É uma construção como todas as outras de blocos e telhas cerâmicos, com cores vivas nas paredes externas e internas e sem forro. Porém, o pé direito é mais alto, fato que aumenta a sensação de espaço interno, atrelado a ausência de paredes de separação entre os cômodos.

A sala, copa e cozinha são um único ambiente. Há três quartos um para o casal, um para a filha e outro para os dois meninos. Assim, como na residência de seu Landito as cortinas serviam de divisória entre os quartos e a sala. Por ser mais ampla, a sala trazia uma grande mesa e prateleiras onde ficavam alguns utensílios de cozinha.

Considero que a representação simbólica das plantas das casas dos ciganos em Maracás evidencia a necessidade dos calon em reproduzirem a sensação de liberdade, propiciada pelas barracas e reproduzida nas construções de alvenaria. As barracas eram armações de lona grandes e sem divisórias, a divisão de um espaço para outro era feita com tecidos ou algum móvel.

Desta forma, a ausência de paredes ou portas como elementos de divisão ou separação, não se configura um elemento necessário na maioria das edificações ciganas no Município. Diferentemente, dos vizinhos *brasileiros* que possuem as casas fragmentadas em cômodos com divisórias e portas nos quartos e banheiro, para os ciganos esses elementos não são valorizados.

A liberdade para um cigano é algo vital e, para uma população que vivia em contato direto com a natureza e estradas, a sedentarização representaria uma significativa mudança. Os ciganos sedentarizados vivem, a nosso ver, um dilema: de um lado o gosto pela liberdade e do outro o conforto do endereço fixo. No meio dessa contradição, vem a nova geração que apenas foi nômade por poucos anos e já nascem os sedentarizados, como é o caso da pequena Rubi<sup>12</sup>, neta de Neide, que tem dois anos e os pais já possuem uma casa defronte à da avó paterna e do lado da avó materna, na mesma rua do chefe cigano.

A rua onde eles moram tem o nome de Ugulino José da Rocha, mas na comunidade é conhecida como a Rua dos Ciganos, e está localizada no bairro do Maracaizinho. Esse é um dos bairros mais estigmatizados da cidade. O local já era estigmatizado antes da presença dos ciganos, pois era tido como uma comunidade constituída por pessoas oriundas da zona rural, de comunidades quilombolas e de menor poder aquisitivo no Município.

---

<sup>12</sup> Por se tratar de uma criança, preferi utilizar um nome fictício.

Segundo uma das primeiras moradoras do local, senhora Maria<sup>13</sup> não se sente muito à vontade com a presença dos ciganos. Nas suas palavras pude observar que as relações étnicas entre os ciganos e os demais habitantes do bairro são marcadas por pequenos conflitos motivados por roubo de aves, lenha e frutas, o que esbarram nas fronteiras culturais.

Esse fato nos faz lembrar a música Arrumação, de Elomar Filgueira, onde em um dos versos ele diz: “Os ciganos já subiro bera ri/ É só danos, todo ano nunca vi/ Paciência, já num guento a pirsiguição/ Já sou caco véi nesse meu sertão/ Tudo que juntei foi só pra ladrão [...]”. (Elomar, 1979). Nessa canção, o compositor narra à saga dos pequenos lavradores que plantam o “feijão no pó”, expressão muito utilizada em Maracás pelos agricultores, quando plantam no período seco, esperando a chegada das chuvas, e que com a passagem dos ciganos vê parte da sua produção desaparecer.

Elomar ao descrever a passagem dos ciganos reproduz a visão de dona Maria sobre estes. Segundo Senna (2005) os ciganos são povos da natureza e trazem consigo a ideia de que a relação de posse de bens é antagônica a da maioria não cigana.

Essa prática de vida se reflete na própria vivência dos ciganos, uma vez que entre eles, a distinção entre os mais ricos e os demais, não é gritante como no restante de nossa sociedade. Para um cigano as ideias de propriedade privada, de posse de bens naturais é algo fora de seus parâmetros. Aquilo que mata a fome, a sede e ajuda a viver é de todos e não de um indivíduo só. No bairro, essa forma de ver o mundo é um fato que promove dissensões entre indivíduos das etnias que vivem ali.

### **2.3. A vida nômade dos calon**

O cantor e compositor Elomar, que em algumas de suas composições faz menção aos ciganos e sua cultura, canta em um trecho da canção A Meu Deus um Canto Novo: “Bem de longe na grande viagem/ Sobrecarregado para o descansar/Emergi de paragens ciganas” (Elomar, 1979). A trajetória de vida de um cigano é marcada pelas longas jornadas, mas, a liberdade

---

<sup>13</sup> A entrevistada não quis que seu nome fosse citado no texto. Assim utilizaremos o nome fictício de Maria para identificá-la.

proporcionada pelas andanças trouxe o cansaço e a modernização das cidades à necessidade de adaptação aos ambientes nos quais se aproximam.

A sedentarização para os ciganos não foi um processo de fácil adaptação. Acostumados a vida ao ar livre, em suas tendas que permitiam o contato com o vento, as brisas matinais, o sol e a chuva, morar em uma casa de alvenaria foi um grande desafio e causou estranheza na população local. Esse estranhamento é descrito no relato da diretora do Instituto de Educação de Maracás - IEM, quando ainda gestora da creche Maria da Paixão foi realizar uma visita aos novos alunos. Ela disse:

Com o tempo, outras famílias ciganas foram chegando, matriculando seus filhos e ficando no Bairro Maracaizinho. Inicialmente, moravam em barracas cobertas de lona, mas, posteriormente, foram alugando casas convencionais. Em uma das visitas que fiz na casa de um dos alunos ciganos, eles tiraram todo telhado da casa e a cobriram com uma lona amarela; quando questionei a mãe sobre a troca, ela disse que preferia daquela forma por ser mais confortável. (Rosânia Gomes, diretora do IEM, 2018).

Fica evidente que o processo de sedentarização representou uma grande mudança na vida dos calons. Diante do relato, o fato de deixarem de viver em tendas e passarem a morar em casas, aparentemente, sufocava a família cigana que encontrou uma alternativa inusitada para se adaptar à nova realidade. Percebemos o duplo estranhamento na narrativa da gestora escolar, pois para uma calin a ausência do telhado simbolizava conforto, para a gajin perigo, insegurança e desconforto.

Mesmo enfrentando algumas dificuldades, a sedentarização ainda foi vista como um processo benéfico para os ciganos. Segundo seu Carlão (78 anos), a vida nômade causava muito cansaço e fadiga. Ele revela que nem sempre eram aceitos nas localidades em que andavam sobre lombo de animal e o pouso era curto.

Em sua narrativa, percebi um misto de nostalgia e desprezo pela vida nômade. O nomadismo representava aventura que nos lombos dos cavalos se efetivava, mas, ao mesmo tempo, simbolizava a marginalização por parte das populações citadinas que, muitas vezes, os desprezavam. Ele diz que a vida pela estrada fazia com que os seus filhos não pudessem frequentar escolas, por exemplo, segundo ele, a vida hoje está mais “favorável e para quem possui um carro é ainda melhor”. Nesse momento, aproximou-se um menino loiro, de olhos azuis, corpo esguio, aparentando ter uns oito a nove anos, muitíssimo

parecido com o avô. O patriarca calon abraçou o neto e disse, com certo orgulho, por ele está estudando e que a professora sugeriu que pagassem aulas de reforço, aqui chamadas de “banca”, para auxiliá-lo no domínio da escrita e da leitura. Segundo ele, isso foi feito e o garoto tem se desenvolvido muito nesse sentido.

A sedentarização permite que os filhos calons consigam frequentar a escola. É perceptível a ideia que os ciganos possuem de frequência escolar que está distante da concepção de assiduidade exigida pelo sistema do ensino brasileiro.

Para nossa entrevistada calin vida nômade como muito sofrida. Então a indaguei o porquê dessa definição. Ela relata que:

Era de um lugar para o outro, não tinha parada. Eu mesma já passei por Barra da Estiva, Entroncamento de Jaguaquara, Itiruçu, Lajedo do Tabocal [...], era cada dia em um lugar diferente. As coisas acabavam tudo com tanta viagem. Não tinha conforto, não tinha paragem. (Neide, 38 anos).

Ela declara possuir trinta e oito anos de idade e diz que a maioria deles foi transcorridos nas estradas que fazem parte da macrorregião Sudoeste baiano. Contudo, diferentemente da narração de seu Carlão, ela não demonstra nostalgia por esse período de nomadismo.

Hoje está tudo muito fácil. A vida está muito boa. Antes quando a gente estava grávida não fazia exame, não tinha conforto, tinha que buscar água, às vezes longe, com barrigão. Cozinhava em trempe no chão. Quando dava à luz, não tinha resguardo (período de repouso de quarenta dias pós-parto), não tinha parto cesária. Era muita luta, hoje está tudo fácil. As ciganas não querem nem mais sentir dor para parir.

Ao concluir essa fala, Neide olha para a nora que estava grávida de uma menina e é mãe da pequena Rubi. Percebi que a sogra aproveitou o momento para ressaltar a vida dura que viveu em contraste com a da nora que na primeira gravidez agendou a cirurgia cesariana para o nascimento da primogênita e pretendia fazer o mesmo na segunda gestação. A nora de Neide já pode se beneficiar de uma vida menos “sofrida” que a de sua sogra. Esse fato é atribuído por elas devido a estarem morando em uma cidade.

Os filhos dos ciganos são batizados na cidade de Bom Jesus da Lapa, aqui chamamos apenas de Lapa que dista cerca de 450 km. Todos os anos, centenas de fiéis católicos de Maracás fazem romarias para a cidade que eles consideram santa. Os ciganos também vão à cidade, mas não em romarias,

partem em seus carros, conduzindo suas famílias. Segundo seu Landito, todos os anos ele vai à Bom Jesus da Lapa comemorar o Dia de Nossa Senhora Aparecida sua santa de devoção. Ele reconhece a importância de Santa Sara, mas se diz devoto de Nossa Senhora Aparecida.

Como católicos, eles batizam seus filhos, mas realizam esse ritual em um lugar sagrado para os romeiros. Mas, segundo uma das nossas entrevistadas e católica praticante, eles batizam seus filhos na Lapa, porque lá não há burocracia nem exigência como acontece na Igreja Matriz Nossa Senhora das Graças de Maracás.

Para o líder cigano, a vida errante era uma necessidade do seu povo. Essa necessidade, diz respeito ao fato de durante séculos, os ciganos serem marginalizados e expulsos de cidades pelo simples fato de pertencerem à sua etnia. Segundo ele, os ciganos estão conseguindo se destacar na sociedade em algumas cidades e fala com orgulho dos parentes.

Dona Elma, já tem cigano prefeito, advogado, tem muito cigano estudado [...] nosso povo está conseguindo se desenvolver e ser respeitado. Antes era muito difícil, mas as coisas estão mudando, graças a Deus. (Seu Landito, líder cigano).

Ele atribui a sedentarização de sua família as políticas públicas praticadas pelo governo. Dizendo que “foi no governo Lula que cigano passou a ser respeitado. Foi ele que decretou o Dia do Cigano, no dia de Santa Sara em 24 de maio”. Segundo ele foi nesse governo que as perseguições e restrições ao seu grupo étnico foram minimizadas, permitindo aos ciganos uma circulação mais tranquila no interior da sociedade na qual passaram a interagir, ou tentavam interagir desde o século dezesseis sem sucesso.

#### **2.4. O casamento cigano**

Numa das visitas à casa de seu Landito, fui convidada para participar do casamento de um jovem casal cigano que aconteceria no dia vinte e três de outubro. Dias antes do enlace matrimonial entrei em contato com o líder cigano para saber sobre os preparativos e, também, sobre que presente deveria oferecer aos noivos, respeitando a cultura cigana. Para minha surpresa, ele me informou que não precisava levar presente.

Esse para mim se constituiu em um traço distintivo entre a cultura calon e a dos demais habitantes locais. Nos casamentos dos maracaenses é comum

os noivos organizarem uma lista de objetos que os convidados devem oferecer aos noivos, aqui chamamos Chá de cozinha. No casamento cigano isso não acontece.

O enlace matrimonial aconteceu no Clube Treze de Maio, localizado na comunidade do Cuscuz. O Cuscuz é uma comunidade quilombola localizada em área próxima ao centro da cidade e que tem o rio Jequiriçá como divisa entre a Praça da Matriz e a rua onde ficavam os negros que faziam cuscuz para vender no centro da cidade. Daí deriva o nome da Rua Cuscuz.

Este clube é um símbolo de resistência da comunidade negra que era impedida pela elite branca de frequentar o Clube Tupi, deste clube só podia ser sócio os membros da alta sociedade maracaense da época que barravam a presença de pessoas negras em seus eventos. Hoje o clube Tupi não existe mais, foi demolido e deu lugar a uma loja de móveis. O Clube do cuscuz continua de pé. Há alguns anos a sociedade maracaense conta com um Auditório para realizar muitos de seus eventos e, o clube em questão, continua servindo a comunidade em geral em eventos mais populares. Hoje é a prefeitura que detém o controle das atividades do clube. Assim, é neste local emblemático que acontecem à maioria dos casamentos ciganos.

Na rua, os carros dos ciganos estavam estacionados em quase toda extensão nos dois sentidos da via. Para um cigano possuir um carro é uma questão de status, de riqueza e quanto mais novo o veículo melhor.

Ao chegarmos fomos bem recebidos. O espaço estava muito bem ornamentado, já havia muitos familiares dos noivos. Havia uma mesa com vários pratos que já estavam sendo servidos pelos funcionários da empresa contratada para a recepção. O cheiro de churrasco preenchia o local. Muita bebida, água e refrigerantes. Era perceptível a fatura de comida e bebida.

Nos casamentos dos não ciganos, há uma ordem para o transcorrer da cerimônia, geralmente, os convidados aguardam a chegada e entrada dos noivos ao local da cerimônia. Em seguida, dar-se a festa onde só então são servidas as iguarias para as pessoas que foram convidadas. Neste casamento cigano essa sequência não foi seguida. Os familiares chegavam se serviam, bebiam, conversavam e se mostravam muito à vontade bem antes da cerimônia começar. A forma como agiam evidenciava que eles vivem livres das formalidades a qual está pressa a sociedade não cigana local.



Minuto depois, ocorreu uma pequena confusão do lado de fora do clube. Eles se agitaram muito e saíram, depois voltaram alguns indignados, pois uma cigana havia abraçado o cunhado. Apesar da indignação de alguns diante do ocorrido, eles não censuram ou condenam o marido enciumado.

Em dado momento, ouvi uma menina dizer em voz alta: “É hora da revista!”. Deu-se por um momento certa agitação entre os presentes para saírem do clube, mas depois tudo voltou ao normal. Logo após, chegou ao ambiente o chefe cigano local e o pai da noiva. Ele nos cumprimentou e apresentou ao companheiro.

Então pediram licença e foram organizar o público para o início da cerimônia. Foi então que seu Landito disse em voz alta: “Todo cigano sai agora! É hora da revista!”. Todos saíram imediatamente sem questionarem a ordem. Homens, mulheres, crianças, idosos, todos sem discussão deixaram o salão. Nesse momento, ficamos sem saber o que fazer e decidimos acompanhá-los, mas fomos impedidos pelo anfitrião que nos pediu para aguardar dentro do clube, pois, a revista era um procedimento necessário à ordem e específico para os ciganos. Confesso que estava curiosa para saber o que seria a “revista”. Demorou um pouco e chegaram os policiais militares e os seguranças contratados pelos próprios ciganos.

Então entendi o que iria acontecer. Ao chegarem os policiais foram conversar com seu Landito e com o pai da noiva. Percebi certa agitação, pois um dos ciganos ponderou que havia a necessidade de um detector de metais para a revista das mulheres. O chefe dos seguranças explicou que havia contratado uma mulher para justamente fazer a revista das mulheres, mas o cigano não aceitou e continuou exigindo um detector de metais. O segurança saiu e voltou com o detector de metais e o procedimento teve início.

Esse procedimento aconteceu de forma diferente para homens e mulheres. Os homens foram apalpados pelos seguranças contratados pelos anfitriões na presença da polícia militar, fortemente armada<sup>14</sup>. E as mulheres e meninas, pela segurança que não as apalpavam, apenas passavam o detector de metais sobre os seus corpos. Não havia contato físico, algumas chegavam a

---

<sup>14</sup> Conforme fotos em anexo. Arquivo pessoal.



tirar seus colares, ou elevarem os mesmos nos pescoços para não acionar os detectores. Até os bebês foram revistados.

Após esse momento, o salão se encheu de vida e música com a chegada do cantor que anima as suas festas. O cantor agradeceu a oportunidade e ressaltou algumas regras para o bom andamento da festa. Achei esse fato bem inusitado, quando o cantor disse enfaticamente que: “Eu irei cantar seguido e quando parar não é para ficar pedido mais uma, pois o combinado é esse e não quero confusão”. Ao indagá-lo sobre esse comentário, respondeu depois que já beberam muito, os ciganos são muito insistentes e acabam desrespeitando o combinado. Segundo ele, essa foi a solução encontrada para evitar confusão.

Segundo a secretária da Igreja Católica, os ciganos só procuram a instituição quando possuem a documentação exigida completa, ou quando a família faz questão de que seja um padre que realize a cerimônia. De acordo com o padre Léo, algumas famílias não permitem que os filhos sejam entrevistados pelo pároco antes do casamento. Ainda segundo o religioso, existem regras para a celebração de um casamento, mas que em respeito à cultura dos ciganos não são aplicadas, pois há um dispositivo legal dentro da Igreja que permite a realização do casamento cigano sem as exigências legais.

No casamento de Kauan e Karol o celebrante foi o pastor Júnior, revendo da igreja Batista Belém Renovada. Ele e a esposa foram recepcionados pelo chefe calou. Então teve início a cerimônia que contou com a atenção de uma parte dos presentes. Nesse momento entrou sozinho o noivo, transcorrendo o percurso coberto pelo tapete e se posicionou em frente ao pastor. Logo em seguida entrou a noiva acompanhada pelo pai. Não houve marcha nupcial nem música alguma. O noivo estava vestido com um terno preto, muito elegante. Ela estava vestida de noiva, com um vestido tradicional branco com pedrarias.

Após a entrada do casal, o pastor iniciou a preleção que foi acompanhada por alguns familiares, pois outros continuavam a comer, beber e conversar normalmente. Um dos presentes que ouvia o pastor solicitou que ele fosse breve. Assim, o reverendo concluiu suas palavras, pediu aos presentes que estendessem as mãos e acompanhasse uma oração, rogando a Deus a felicidade do jovem casal. Alguns dos que ali estavam cumpriram a solicitação

pastoral e estenderam as mãos, acompanharam a oração com os olhos abertos e sem demonstrar muita reverência pelo ato que ora acontecia.

O pastor solicitou aos noivos e testemunhas que assinassem o livro de registro e encerrou a cerimônia declarando-os casados. Observei outro traço distintivo entre o casamento cigano e dos não ciganos que é o famoso e esperado momento em que o reverendo diz: “Pode beijar a noiva.”. No casamento cigano não houve esse momento e percebi que ele também não era esperado pelo público presente.

Após as breves palavras pastorais, os noivos e seus familiares pousaram para as fotos. Em seguida, o cantor convidou os noivos para dançarem a valsa. Porém a valsa executada era uma música gospel em ritmo caipira, na qual os noivos dançaram juntos e depois os demais casais.

Após este momento, as ciganas começaram a desmontar as mesas e afastá-las para os cantos do salão. Rapidamente o espaço estava vazio e começaram a dançar. Elas dançam sozinhas ou acompanhadas por seus maridos. Cigano não chama cigana solteira ou casada para dançar.

Em Maracás, é comum em festas ocorrer às paqueras e flerte entre os adolescentes e jovens solteiros. Contudo, durante a observação realizada no casamento não visualizei essa prática entre os presentes. Nenhum cortejo entre os jovens solteiros nem trocas de carícias entre os que já estão comprometidos.

O ato de jogar o buquê tão comum nos casamentos dos demais habitantes da cidade não se constitui uma prática no casamento cigano. Esse fato se justifica, pois, os casamentos entre eles acontecem através de acordos entre os pais dos noivos.

Segundo a calin Neide, algumas famílias têm se mostrado mais compreensivas com seus filhos em relação ao casamento. Existindo até mesmo casos em que a filha decide se quer ou não se casar com determinado rom. Ainda de acordo com a nossa entrevistada, há alguns anos essa era uma situação que não ocorreria. Sobre isso ela diz:

Antes a cigana tinha que casar e pronto, mas hoje alguns pais já perguntam se ela quer. Shasha (apelido dado à filha Daniela) mesmo, o pai perguntou se ela queria [...], apareceram muitos primos que queriam casar com ela, mas ela se casou com o que ela quis. A vida já é difícil se casa com quem não gosta fica pior. (Neide, calin, 38 anos).

As mulheres dançam sozinhas, bailam pelo salão com seus vestidos bordados e coloridos, que dão vida a festa, alegres se divertem. Com relação às danças um aspecto me chamou atenção: dois casais se unem e começam a bailar juntos de mãos dadas. Numa sincronia que os fazia sorrir, girando para um lado e outro como se fizessem semicírculos imaginários.

Segundo Fonseca (2006), um historiador local, as quadrinhas dançadas na cidade derivavam de uma dança cigana. Sobre isso ele diz:

O dia vinte e quatro era reservado à exibição de roupas e sapatos novos, queima da sobra de fogos, festivais de batatas assadas nas brasas das fogueiras, das visitas, das ladainhas nas casas, principalmente na Rua do Cuscuz, que deixava a queima de suas fogueiras também para esse dia. A maior atração desse dia, entretanto, era a saída dos Ternos de Ranchos – grupos semelhantes às Pastorinhas, que se apresentavam pelo Natal. Jovens do sexo feminino ou de ambos os sexos, no caso de um Rancho misto, as meninas trajadas de ciganas – saias e casacos de cores berrantes, panos amarrados na cabeça, nos quais prendiam medalhinhas que contornavam a testa de cada dama, sandálias leves e uma lanterna de papel colorido com uma vela acesa dentro; os rapazes com calças brancas, camisas coloridas, coletes, lenços nos pescoços, faixas nas cinturas, chapéus ordinariamente pretos e botas. (FONSECA, 2006, p. 90).

Esse trecho descrito evidencia que, a presença dos ciganos já é antiga na cidade e deixou uma marca de sua etnicidade na festa local descrita pelo relato. As festas juninas sofreram modificações, mas continuam sendo as mais aguardadas da região por ciganos e os demais habitantes.

O casamento é um acontecimento na vida das mulheres ciganas, pois é a única festa que podem participar ativamente. Um casamento marcado leva as ciganas a se preocuparem em confeccionar vestidos novos em suas costureiras de confiança, pois não são todas que aceitam atendê-las. E um dia antes do casamento, elas enchem os salões de beleza para escovarem seus longos cabelos, além da arrumação de seus lindos vestidos.

Os homens se mantiveram com as mesmas vestimentas durante todo o evento. Assim como as mulheres, eles estavam bem arrumados e com muitos acessórios de ouro. Anéis, pulseiras, colares e dentes do metal preciso reluziam no ambiente. Alguns ciganos em Maracás conservam o costume de possuírem dentes de ouro. Entre os habitantes locais não se observa esse costume. Dente de ouro é um traço diacrítico entre as etnias que se interrelacionam em Maracás. A cultura cigana tem esse marcador étnico como

um elemento que os diferencia de outros povos. São elementos culturais marcantes para a etnia.

Como já se aproxima de meio dia, almocei. Estava muito saborosa a comida servida. Não pude notar a existência de pratos que fossem desconhecidos no cardápio, comum à comida brasileira. Havia um bolo muito bem decorado, mas não havia docinhos como nos casamentos dos maracaenses. O casamento é um momento de muita riqueza etnográfica. Foi aí que pude observá-los agindo livremente sem a preocupação de estarem sendo observados, sem se sentirem incomodados.

Na ocasião notei a presença de duas senhoras que estavam vestidas com roupas bem simples, midi de tricoline de cor bem clara. Elas estavam de chinelos rasteiros e suas pernas estavam à mostra a panturrilha, fato que não observei acontecer com as outras ciganas. Para minha surpresa, ao indagar o motivo de uma cigana não se vestir como as demais, a cigana me deixou sozinha sem nada responder.

O luto para uma calon é uma espécie de maldição, é o fim de uma vida ainda estando viva. Parece redundante, mas só parece, pois, uma viúva calon em Maracás perde os seus direitos e passa a viver na dependência dos parentes, uma vez que a morte para eles é um acontecimento terrível.

Desta forma, para conseguir desvendar o motivo da diferença entre as vestimentas femininas, aproximei-me de uma delas, que se identificou como Lia, e perguntei o porquê da diferença entre ela e as demais. Ela me disse que era viúva, por isso se vestia assim, e não poderia participar da festa, ficava apenas para olhar uma criança do lado de fora.

Diante dessa situação percebi que, como nos diz Geertz (2014, p. 04), as piscadelas são muito importantes para se buscar compreender um povo que não deseja ter sua cultura desvendada. A observação é uma oportunidade de compreender, interpretar melhor aquilo que não é dito pelos pesquisados.

Pouco depois do meio-dia, quando todos dançavam, comiam, bebiam e se divertiam, adentraram ao espaço alguns moradores locais de trajes bem humildes e simples e garis fardados, os ciganos não fizeram caso das pessoas. Elas pediram para comer e eles permitiram que almoçassem.

Na realidade, eles continuaram a agir como se não estivéssemos lá. Geralmente, na recepção do casamento de um não cigano em Maracás, só os

familiares e convidados dos noivos tem acesso ao local do evento, em alguns é exigida a apresentação de convite especial, mas, no casamento cigano, pessoas que não foram devidamente convidadas participam da festa, comem e bebem sem restrições.

Diante disso, notei que eles demonstram um comportamento distante das formalidades exigidas nos enlaces matrimoniais dos habitantes locais. Essa característica evidencia a relação que os ciganos possuem com o mundo que os cerca. Eles não fazem distinção entre as pessoas, são todas iguais, independentemente de sua atividade laboral, classe e posição social. A observação do casamento foi um momento rico, pois eles agiram espontaneamente. Nele os marcadores de etnicidade se evidenciaram, demonstrando claramente as fronteiras existentes entre os ciganos e os demais habitantes da Cidade.

## **2.5. As ciganas**

As calin são as responsáveis pela criação dos filhos e organização doméstica. Os ciganos não possuem vínculo empregatício com nenhum brasileiro, eles possuem seus próprios negócios e com eles mantêm seus lares. Durante as observações, notei que a diferença de renda entre os calons é mínima. Não verifiquei na confraria um cigano muito rico e outro muito pobre. Há um equilíbrio financeiro entre eles. Quando indaguei sobre essa questão, seu Landito desconversou e disse que: “Cada um vive de acordo com o que Deus dá”.

Voltando ao tema do subtítulo, segundo minhas interlocutoras, as mulheres ciganas acordam cedo para iniciar suas obrigações domésticas. Elas lavam, cozinham, arrumam a casa e cuidam dos filhos, principalmente, das meninas. Mas segundo Consuelo, esposa de seu Landito, a responsabilidade na criação dos filhos é partilhada pelos pais igualmente.

Durante as observações, pude perceber que as meninas costumam acompanhar os pais à feira livre, ao supermercado, já os meninos os acompanham nas viagens de negócio. Somente, após a menarca é que as meninas ficam sob a tutela das mães. Mesmo com as comodidades existentes hoje nas casas dos ciganos, elas ainda trabalham bastante. Para elas a

sedentarização é um fenômeno que traz tranquilidade, pois o acesso à água facilita o desenvolvimento dos trabalhos, a higiene e saúde da família.

Esse mesmo sentimento é partilhado pelas calin que foram estudadas por Ferrari (2010, p. 262): “A percepção da urbanidade se dá especificamente pelo conforto e pela presença da água em abundância e com facilidade [...]”. Em conversas Neide sempre ressalta que a vida das ciganas melhorou muito depois que eles pararam de “andar pelo mundo”, essa expressão se refere ao período em que viveram como nômades. A expressão “pararam de andar” se refere a esse momento em que muitas “turmas”, termo utilizado por seu Landito para se referir aos grupos ciganos, deixaram a vida nômade. É curioso que os ciganos de Maracás não utilizam as palavras “morar/residir” para se referir ao momento atual em que vivem.

Quando crianças os ciganos possuem mais liberdade. Brincam, usam todo tipo de roupa sem restrições, principalmente, as meninas, mas ao adentrarem a puberdade, a vida se torna diferente, para o caso da etnia cigana em estudo, já não podem usar shorts curtos ou calças como fazem na infância, passam a se vestir com os vestidos tradicionais sempre, e a maioria deixa de frequentar a escola, principalmente, quando já estão prometidas em casamento.

A evasão escolar das meninas ciganas ocorre na puberdade, principalmente, após a menarca. Elas deixam de frequentar a escola e passam a se dedicar aos afazeres domésticos com as mães e se prepararem para o casamento. Quando dirigia o IEM, indaguei a Neide o porquê das ausências da filha. Ela me respondeu que o noivo não queria que ela frequentasse mais a escola e que era ruim desagradar ao noivo e a família dele.

Para algumas mulheres não ciganas essa seria uma exigência extremamente questionável, pois no entendimento das relações entre os brasileiros esse pedido soaria como uma tentativa de dominação masculina. Neste caso, nem meninos nem meninas decidem quanto ao parceiro.

Certo dia, eu estava conversando com a esposa do líder cigano, quando se aproximou uma jovem cigana e me perguntou se eu me lembrava dela. Demorei um pouco, mas me recordei de uma menina loirinha nos anos iniciais

do EF Anos Iniciais<sup>15</sup> e agora já está uma moça. Então, disse que sim, ela (Naiara, 16 anos) sorriu e me falou com satisfação que estava noiva:

Pró, vou me casar em março (2020) com L. Já está tudo acertado. Os nossos pais já acertaram tudo. Quando tiver uma data, eu falo com a senhora. A senhora vai. Vai ser aqui mesmo (Maracás), vai ter festa [...]. Tudo! (Visita de observação ao acampamento, outubro/2019).

Contudo, durante a pesquisa, alguns pais ciganos relataram que alguns ciganos fazem o acordo de casamento entre as famílias quando as crianças são pequenas, mas que às vezes quando os filhos chegam à adolescência não querem se unir ao prometido. Então os pais desfazem o acordo e refazem com outra família. Saliento que o conceito de adolescência aqui utilizado se aplica para uma melhor compreensão da idade dos indivíduos, porém, a noção de adolescência é inexistente na cultura cigana, (HILKNER, 2008). Para eles há apenas infância e vida adulta.

Em relação às mulheres ciganas a ideia de patriarcado não foi observada, pois o comportamento exigido para elas, no que diz respeito ao casamento, também, se evidencia com os homens. Os mancebos são destinados ao casamento e aos acordos entre as famílias, podendo escolher ou aceitar a noiva que foi destinada a eles. Segundo uma calon viúva, o casamento é algo muito importante para um cigano e que eles o comemoram por representar um momento de alegria para os pais e as famílias. Seria, também, o mesmo para a maioria dos brasileiros. No entanto algo que difere o casamento cigano do casamento dos brasileiros é a exigência da virgindade feminina. Sobre isso a mesma informante diz:

A moça cigana quando casa tem que ser pura (virgem) é uma questão de honra para o pai e a família. O marido tem que saber que a moça é pura e mostrar a prova da pureza. Se não for virgem o pai pode matar. É uma desonra para o pai. Ela tem que ser virgem, tem que ser virgem. (Colaboradora calon, 60 anos, outubro/2019).

A insistência no final do depoimento da informante ressalta a importância da virgindade entre os ciganos de Maracás. Uma jovem calon deve se manter virgem até o casamento, o que será verificado com a mancha de sangue no lençol, um sinal para os patriarcas que o casamento foi consumado e que a moça era pura.

---

<sup>15</sup> Ensino Fundamental Anos Iniciais



Quando indaguei à informante se a jovem não sangrasse, ela disse com muita ênfase, “Tem que sangrar”. Esse imperativo me deixou uma incógnita, o que aconteceria se a jovem possuísse hímen complacente? Não obtive resposta com a informante, mas a curiosidade e a dúvida me levaram a questionar a Carla Guimarães. Ao questioná-la, ela reforçou os relatos da informante calon, “Tem que ter sangue. A menina tem que sangrar. Não tem outro jeito [...]. É uma questão de honra, de casamento consumado [...]. Tem que ter sangue!”. Então perguntei e se elas apresentassem hímens complacentes? Ela sorriu e depois diz que o marido tem que resolver a situação:

Quando a menina não sangra, mas ele sabe que é virgem, ele fura o dedo do pé e mancha o lençol e apresenta para os parentes. Geralmente, é uma mulher mais velha da família que recebe o lençol e leva para os pais comprovarem a palavra dada; mas acontece que algum cigano por não ter a prova do sangue exija do pai da moça um valor a mais no dote, que tem que ser pago. (Carla Guimarães, entrevistada, outubro/2019).

Entre os ciganos sedentarizados em Maracás, a prática do pagamento do dote se mantém. Os pais honram o acordo feito com a família do noivo. O dote é uma forma de garantir que a nova família terá como iniciar seus próprios negócios e que, as noivas após o casamento, consigam manter um padrão de vida próximo ao que tinham na casa dos pais.

Percebi pelas falas que, se um cigano devolver a mulher aos pais, ele terá que pagar reajustado como a taxa de juros praticada por eles, o valor do dote que recebeu. Uma informante não cigana me disse que um casal cigano se separou, a mulher voltou para a casa dos pais, mas por causa da devolução do dote, o homem teve que buscá-la e, se comprometer com a responsabilidade de zelar da família.

Durante as observações realizadas para essa pesquisa, não presenciei cenas de contato físico ou intimidade entre as adolescentes ciganas e os ciganos. As meninas ficam em companhia das mulheres da etnia; homens só o pai ou irmãos ou quando todos se reúnem em um mesmo espaço ou casa de parente.

A vida de uma esposa calon é vinculada diretamente a do marido. Em algumas visitas a casa de seu Landito, notei que sua esposa só me respondia às questões sobre seus costumes na presença de seu marido e em



concordância com ele. Elas se dedicam exclusivamente ao lar e a criação dos filhos que, segundo relatos de Consuelo é partilhada entre o casal. Apesar de algumas delas possuírem redes sociais e terem acesso às informações, certos temas não são dialogados entre eles.

## **2.6. A direção dos ciganos calon**

É interessante a forma como o líder salienta o fato de seu filho dirigir com atenção. Em toda a cidade, o jeito dos ciganos dirigirem é diferente dos demais habitantes locais. Os ciganos que vivem em Maracás possuem uma maneira própria de dirigir seus veículos, geralmente, os calons desenvolvem uma velocidade maior que a maioria dos habitantes locais.

Segundo o filho mais novo de seu Landito, esse teria sido o motivo de um cigano ter se matriculado nas turmas da Educação de Jovens e Adultos do Colégio Normal Municipal de Maracás, pois deseja se tornar caminhoneiro.

A profissão escolhida pelo cigano é bem emblemática. O caminhoneiro é um sujeito que vive nas estradas, conhecendo várias localidades e comunidades diferentes. Essa característica da profissão se assemelha a vida nômade dos ciganos, marcada pela inquietude e inconstância do pouso.

## **2.7. O luto calon**

Durante a realização das observações e dos trabalhos de campo, faleceu o cigano chamado José, vítima de câncer. Em dezembro de 2018, quase meia noite, a viúva e os homens ciganos estavam em frente ao Hospital Álvaro Bezerra. Assim, que foram informados sobre o óbito do convalescente, iniciou-se os lamentos da viúva que eram ouvidos a distância, os filhos e demais ciganos choravam, mas tentavam timidamente acalmá-la.

Percebi que todos os homens ciganos estavam do outro lado da rua e apenas os parentes mais próximos se aproximavam da viúva, ela estava vestida com os trajes tradicionais de cigana e sobre o vestido usava uma camiseta do finado marido, gritava que era “mentira” e rasgava a camiseta.

Decidi ir ao acampamento, ao chegar lá as ciganas cercaram o carro. Antes que descêssemos, elas nos indagaram sobre o estado da viúva e como ela estava. Notei muita angustia e preocupação com a enlutada. Descrevi a

elas o que vi e me coloquei a disposição caso precisassem de apoio, elas agradeceram e continuaram a esperar pelos homens.

Pela manhã, retornei à rua onde vivem e perguntei a umas meninas da etnia onde acontecia o velório. Elas cuspiram no chão e desconversaram, mas uma cigana minha entrevistada chegou e me conduziu até a casa onde acontecia o funeral. Ao redor da casa se encontravam os familiares mais distantes como os primos e alguns conhecidos, todos ciganos. Ao adentrar a residência, o esquife estava no centro da sala, como em qualquer velório de não ciganos locais. Neste momento, o que chamou atenção foram os lamentos da viúva e dos parentes próximos, eles citavam os feitos do morto, seus atos de benevolência e fraternidade, seguidos pela viúva que dizia: “Foi o meu ouro, minha alegria! Acabou minha vida!”.

Ela era seguida pelas irmãs e cunhadas, todas proferiam seus lamentos e ressaltavam os bons feitos do falecido, o comparava a ouro fino e puro que as deixava. Senti que por consideração, a colaboradora que me acompanhou respondia às minhas indagações, pois a morte para os ciganos é um acontecimento que não deve ser comentado, mantive-me em silêncio. O falecido não foi enterrado em Maracás, enterrá-lo em Itaquara – BA, infelizmente não pude ir ao enterro.

O ouro é um metal muito significativo para o povo cigano. Assim, durante o lamento é tomado como referência para marcar os feitos do falecido. Contudo, não observei entoarem hinos ou canções fúnebres. Segundo a calin Carla, a morte para o cigano é um castigo e uma tragédia. Ela diz ainda, que após a morte, o nome do falecido não deve ser mais pronunciado na família.

Caso seja necessário, em algum diálogo doméstico, fazer uma citação dos feitos do ente falecido, eles o farão, mas sem pronunciar o nome de batismo dele. Adotam uma espécie de apelido para o finado, mas o nome não é mais mencionado em hipótese alguma, nem dentro da casa e nem nas conversações entre os parentes.

Sobre essa questão não obtive uma resposta pelos indivíduos do grupo em estudo, é perceptível, o mal estar deles diante da palavra morte, luto, finado e defunto. Ferrari (2010, p. 293), diz que esse comportamento também foi notado entre os calons de Campinas, pois segundo análise da pesquisadora “Pronunciar o nome “atrai” o morto para perto, por isso a criança tem medo”.

No entanto, pude averiguar que não se restringe as crianças à aversão a pronunciar o nome do falecido, os adultos também não o pronunciam, a menos que estejam discutindo.

O nome é algo importante para todos os indivíduos, e entre os ciganos calons que se sedentarizaram em Maracás encontramos o costume de usarem dois nomes. Eles possuem o nome dito de batismo com o qual são conhecidos entre a população não cigana e outro com o qual são identificados entre o seu grupo étnico. No entanto, ao morrer ocorre o apagamento do nome do morto no seio da comunidade na qual viveu.

Além de silenciar a existência através do apagamento do nome do morto, o costume dos ciganos calons é queimar os pertences do falecido. Esse ritual no trato com os objetos e memória dos seus mortos se assemelha ao Axexê, ritual fúnebre celebrado para uma pessoa que pertença a um terreiro de Candomblé, ele é realizado quando membros das casas quer sejam líder religioso, filhos-de-santo ou ogã, falece.

Segundo Pai Aduto, Babalorixá do Axéyanguí, o Axexê é um rito fechado, o público não pode participar, a não ser que tenha permissão do pai-de-santo. O ritual é praticado por sete dias consecutivos, porém, se um dos membros da casa se oferecer para cumprir as obrigações que eram do finado, a quantidade de dias passa a ser de apenas três, mas este deverá cumpri-las por sete anos.

Outro fato que chama atenção é que no interior dos terreiros são colocadas cabaças de vários tamanhos e panos brancos. O branco simboliza o luto e, de acordo com Pai Aduto, as cabaças simbolizam as cabeças e sobre isso ele relata que: “Durante o processo de iniciação de um filho de santo, todos os trabalhos são feitos na cabeça e as cabaças são elementos que se assemelham as cabeças. Nelas ficam contidas todas as obrigações do falecido que devem ser desfeitas durante o Axexê”.

No funeral dos ciganos em Maracás, não há uma cor para simbolizar o luto, mas, as mulheres após a passagem do marido sentem suas vidas drasticamente modificadas. O luto traz uma série de restrições a elas. Segundo a cultura dos calons maracaenses, as viúvas deixam de usar vestidos com cores fortes, com babados e pedrarias.

Também deixam de usar o ouro que é um dos principais símbolos da beleza e riqueza, da vaidade das ciganas. Atrelado a isso, cortam o cabelo e deixam de utilizar o pente, passando a viver sobre a dependência dos parentes. Podemos afirmar que a palavra passagem tem um significado amplo na vida de uma calin, com a passagem do marido, ela que já possuía um estilo de vida restrito ao ambiente doméstico, frequentando apenas aos festejos entre os familiares e parentes, passam a não ter mais a permissão de ir às festas e, se lhes permitem ir a algum evento, ficam afastadas, pois não podem se ornamentarem, interagirem ou dançarem como os demais convivas.

Segundo Senna (2005), a morte para um cigano é uma maldição:

[...], os ciganos vêem a morte como uma maldição. Dificilmente se encontra uma cultura que a sancione de forma tão negativa. A *onipotência da natureza em criar e destruir* não os remete inteiramente à natureza da esperança. Não esperam que o mundo se modifique em bloco, como creem as ideologias laicas ou religiosas. (SENNA, 2005, p. 202).

O funeral calon, assim como o ritual do Axexê trazem consigo uma similaridade inquestionável, no que se refere aos objetos que pertenciam ao morto. No dos ciganos os objetos que pertenciam ao finado são quebrados e queimados. No ritual de candomblé, os pertences dos membros da casa são quebrados e queimados para simbolizar a passagem e descontinuidade das obrigações do finado para com seus orixás. A similaridade entre os ritos de candomblé e o luto cigano calon nos fazem buscar entender como culturas tão distantes possuem práticas aparentemente tão parecidas.

Segundo o médico Mello Morais Filho (1885), um dos primeiros estudiosos a se preocupar e descrever suas observações e impressões sobre os costumes e vivências dos ciganos no Brasil, o luto entre os calons teria elementos próximos aos praticados pelos egípcios. Então ele relata:

Os Ciganos, como os Egípcios, reúnem nos destroços de seus ritos a mais alta concepção da individualidade persistente e da individualidade futura; para ambos a alma é material, quer dizer – conserva a semelhança e os atributos corpóreos. (MORAIS FILHO, 1885, p. 88).

Apesar de ser um grupo étnico que tende a manter suas características culturais preservadas pelo isolamento, podemos perceber que os contatos dos ciganos com os povos africanos permitiram aos ciganos, incorporarem, aos seus costumes elementos de outras culturas. A morte para os ciganos é um

acontecimento trágico e que, durante séculos carregou consigo o peso das *santi* indiano.

Os estudos da jornalista Izabel Fonseca, consultados por Senna (2005), como acréscimo à sua conclusão, ao descrever o comportamento análogo entre os ciganos e indianos como, por exemplo, o rito do queimar os pertences dos mortos, revela:

O costume hindu de queimar os pertences dos mortos continua vigorando entre os ciganos da Europa Oriental; os ciganos britânicos ainda incendeiam a carroça de um ancião morto. (E há muito tempo numa prática conhecida como *lustrina* as viúvas eram queimadas – o que revela um óbvio paralelo com o *sati* indiano.). (FONSECA apud SENNA, 2005, p. 66 e 67).

Observamos que a prática do *sati* não é mais vista no ritual de passagem dos *calons* em Maracás, mas alguns elementos foram preservados, como por exemplo, a queima dos pertences. Contudo, no *candomblé*, o rito do *Axexê* mostra que a vivência dos povos nômades e ou diaspóricos com os povos escravizados aqui no Brasil permitiu um diálogo cultural entre eles e seus ritos de passagem.

### **CAPÍTULO 3 – O LÓCUS DA PESQUISA: A CONSTITUIÇÃO ÉTNICA DO SERTÃO DOS MARACÁS**

Maracás é um município que possui algumas particularidades históricas que são importantes para entendermos o contexto no qual se inserem os sujeitos e suas relações étnicas. É interessante destacar que sobre esse município foram produzidas relevantes contribuições no campo das relações étnicas e nos estudos sobre etnicidade.

Percebemos que para compreender a cultura de uma comunidade é preciso considerar a sua formação étnica, pois é através desta que se estabelecem as relações interpessoais entre os povos e os grupos de povos que vivenciaram as interações até o estado que se encontram na atualidade.

Salientamos que por se tratar de uma pesquisa que busca estudar as relações étnicas, alguns dados históricos não serão aqui mencionados, pois existe apenas, a necessidade de enfatizar àqueles que mais se aproximam e dialogam com o estudo realizado.

#### **3.1. A localização e aspectos econômicos do município de Maracás - BA**

A cidade de Maracás é conhecida por possuir um inverno rigoroso para os padrões do Nordeste brasileiro, sua temperatura média é de 19,2°C. Ela está localizada no sudoeste do Estado da Bahia, na Mesorregião do Centro-sul baiano a 359 km da capital (mais precisamente nas coordenadas 13°26'26.7" ao Sul da linha do Equador, 40°25'56.1" a oeste do Meridiano de Greenwich)<sup>16</sup>.

O município de Maracás está situado a uma altitude média de 960m, constituindo um divisor de águas, cujas terras da vertente leste, na parte úmida, drenam as águas da bacia do rio Jequiriçá; e na parte sul, já voltada para o semiárido correm as águas dos rios intermitentes que compõem a bacia do rio de Contas. A sede do município fica na posição 13° 26' S e 40° 26' W, a uma distância de 367 km da capital do estado. (SOUZA, 2014, p.13).

Tem como limites, ao Norte, os municípios de Marcionílio Souza e Planaltino; ao Leste, Lajedo do Tabocal; ao Sul, Manoel Vitorino; ao Sudeste, Lafaiete Coutinho e Jequié; ao Oeste, Iramaia<sup>17</sup>. Segundo dados do IBGE

---

<sup>16</sup> Ver Mapa de Localização de Maracás no Estado da Bahia – ANEXO I.

<sup>17</sup> Ver Mapa dos Municípios Limitrofes ao Município de Maracás – ANEXO II.

(2019), sua população é constituída de 24.615 habitantes, tendo uma extensão territorial 2.253,1 km<sup>2</sup> e altitude de 976 metros.

De acordo com Souza (2014), a economia da cidade se processa através das seguintes atividades:

A base econômica municipal ancora-se nas atividades comerciais e de prestação de serviços (65%), seguida da agropecuária (25,4%) e da indústria (9,6%) ao longo de uma série histórica de 13 anos, desde 1999 a 2011 (BAHIA, 2012)<sup>1</sup>. A novidade econômica e que promete ampliar a geração da riqueza no município por um período relativamente mais longo, de mais de 25 anos, é a exploração mineral do vanádio e a sua industrialização na usina de beneficiamento que entrou em operação em meados de 2014. (SOUZA, 2014, p.13).

De acordo com Souza (2014), dos atuais 25.000 habitantes, cerca de 70% reside na sede do Município. O que demonstra uma concentração rural baixa para um município no qual boa parte da receita vem de atividades agrícolas e da pecuária. Maracás ainda é uma cidade economicamente importante para a região.

Após a implantação da mineradora que explora o minério vanádio, o setor industrial foi impulsionado com a geração de postos de trabalho direta ou indiretamente, pois a mineradora contrata empresas que prestam serviços a ela. Desta forma, o setor secundário da economia aqueceu o comércio local.

Em virtude da necessidade de profissionais especializados para operar as máquinas e outras atividade da extração e beneficiamento do vanádio, a migração para o município aumentou. Também houve a implantação de cursos para qualificar àqueles que desejam ingressar no mercado de trabalho formal.

Devido à qualidade, quantidade e raridade do vanádio encontrado em Maracás, há uma expectativa de que a empresa traga muitos recursos para o Município. Esse ano (2019), a mineradora iniciou o processo de ampliação de suas atividades. Isso sinaliza a possibilidade de ganhos para o erário, bem como para outras atividades econômicas.

Assim, pelas características econômicas acima descritas por Souza (2014), Maracás se torna um município no qual as cidades circunvizinhas buscam serviços, comércio diversificado e trabalho. Agrega-se a estes, o fato de que o Fórum aqui instalado responder por todas as demandas jurídicas da região.

Ao analisarmos os dados do Município disponíveis na página do IBGE, podemos entender melhor alguns fatos observados no cotidiano de quem vive

em Maracás. A cidade, assim como outras localidades no país, é marcada pela má distribuição de renda, pois apenas 12,3% da população exercem atividade remunerada. O IBGE (2019), não descreve a faixa etária dos 12,3%, contudo é perceptível que o desemprego atinja, diretamente, a população jovem e moradora da periferia. Nessas áreas, o processo de urbanização é lento. Ocorre apenas em 5,6 % do Município, conforme dados (IBGE, 2019). E mesmo nesta pequena porcentagem, tais serviços se concentram nas áreas mais próximas ao centro da cidade.

No que diz respeito à Educação, apresenta índices que refletem os aspectos sociais que marcam a cidade. A taxa de escolarização da população de 6 a 14 anos é de 97,2% com 3.992 matrículas no ensino fundamental e, apenas 995, no ensino médio (IBGE, 2019).

A maioria da população se declara católica. Os evangélicos representam menos de cinco mil pessoas. Ressaltamos que esses dados são importantes, porém as religiões de matriz africana não são citadas no levantamento apresentado pelo IBGE (2019), mesmo existindo terreiros e adeptos das religiões de matriz africana não há registro oficial quantitativo.

### **3.2. O início das relações entre índios e brancos no sertão dos Maracás**

O hino oficial da cidade traz essa referência ao declarar que:

Foi aqui no local em que se ergue  
 Nossa sede municipal  
 Que era a tribo dos índios Maracás  
 Guerreiros, valentes sem igual.  
 Teimosos na luta  
 Seguros no golpe  
 Era aqui o aldeamento principal. [...].  
 (Letra e Música de Elvira Sá, 1980) <sup>18</sup>

De acordo com a história oficial, onde se localiza hoje a cidade era sede da tribo indígena dos índios Maracás. A tribo recebeu esse nome por conta de um instrumento musical utilizado em suas festas e rituais. Contudo, pela necessidade de expansão do colonialismo, somadas as exigências das penetrações dos bandeirantes que percebiam o grande potencial dessa região

---

<sup>18</sup> Texto extraído no site da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Maracás – BA. [www.sememaracas.blogspot.com](http://www.sememaracas.blogspot.com).



para a criação de gado e escoamento da mineração, aconteceu à dizimação da população indígena para que a Coroa Portuguesa alcançasse seus objetivos.

Encontramos no sítio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2019), a seguinte informação que comprovam havia interesses do então governado do Estado da Bahia em expandir as estradas do litoral para o sertão.

Em 1653, sentindo o governo da Bahia a necessidade de abertura de estradas para Camamu, Maraú, Rio de Contas, Jacuípe, Jequiriça e Jacobina, passou a atender aos pedidos dos bandeirantes no sentido de penetrarem mais para o centro em busca das férteis terras do Orobó<sup>19</sup>. (IBGE, 2019).

Segundo estudos realizados por Nascimento (2014), Maracás é uma das povoações mais antigas do Estado da Bahia. De acordo com este pesquisador, as primeiras referências ao município datam do ano de 1600. Desses registros consta a tentativa de penetração dos bandeirantes que se deslocavam subindo o Rio Paraguaçu em direção a Serra Geral, mas impedidos de completarem o percurso devido à ação dos indígenas que habitavam essa região. Diante da impossibilidade de percorrer o trajeto, os bandeirantes buscaram reforços e anos mais tarde dizimaram os índios Maracás. (NOVAES, 2009, p. 24).

Encontramos que, o “topônimo Maracás está associado aos primeiros habitantes, os índios cariris que se distinguiram das tribos circunvizinhas pelo uso de instrumento musical: o maracá”. (SILVA, 2000, p. 175). Assim, podemos perceber que o instrumento utilizado por eles serve como um marcador étnico. Pelos estudos, concluímos que seria o maracá um traço distintivo entre os índios que habitavam o Sertão.

O instrumento que serviu para dar nome aos índios e, posteriormente, a cidade é de origem tupi e faz referência a um “chocalho feito de cabaço contendo seixos e sementes”. (SAMPAIO, 1901, p. 139). Contudo, os estudos não conseguem esclarecer se o nome Maracá foi usado como autoatribuição pelos indígenas ou apenas como uma atribuição categorial pelos outros índios. Pois como salienta Barth, “os próprios dominantes retomam às vezes por sua conta os nomes que lhes são atribuídos pelos dominados”. (POUTIGNAT, FENART, 2011, p. 149).

---

<sup>19</sup>Essa informação também consta na dissertação de Siering (2008, p. 46).

Geograficamente, o sertão dos Maracás está localizado entre a margem direita do Rio Paraguaçu e a margem esquerda do Rio de Contas, delimitando a oeste pela Chapada Diamantina (onde nascem os dois rios) e a leste pelo Rio Una (pequeno curso d'água que fica entre os municípios de Laje e Valença, tendo sua foz ao sul do Rio Jequiçá). Desta forma, esse território compreende quase todo o Vale do Jequiçá<sup>20</sup>.

Esse sertão era dominado pelos índios do grupo Macro-Jê. O Macro-Jê é o troco linguístico que classifica e distingue as comunidades indígenas. Este grupo se subdividia em outros, mas o que “habitou esse sertão eram os Kariri” (SIERING, 2008, p. 40).

Já os grupos de origem Macro-Gê ocupam o sertão, sendo que dentre estes os Payayá ou Paiaíá e Maracá, ocupam o centro da Capitania da Bahia. Conforme indicado em 1586, os Maracás localizavam-se no sertão entre os rios de Contas e o Paraguaçu deslocando-se para o norte deste rio, onde se encontra com outros dois grupos os Paiaíá (Gê) e os Topins (tupi). No trecho interior entre os rios de Contas e Paraguaçu, ainda se encontram outros dois grupos Gê os KamuruKariri e KaririSapoia. (SIERING, 2008, p. 40).

Para Puntoni (apud. SIERING, 2008, p. 40), o sertão era habitado por muitos grupos étnicos e na Capitania da Bahia encontravam-se os Paiaíá e os Anaió Cariri que tinham como marcador de etnicidade e os diferenciava o dialeto. Assim, com relação ao grupo Kiriri ou Kariri, Paraíso (apud. SIERING, 2008, p. 40), esclarece que ele se subdividia em três subgrupos: Maracá, Sapuiá e o Paiaíá. A língua é um marcador étnico que também auxilia na demarcação de fronteiras. Segundo Júnior (2012, p. 12), os índios que não falavam tupi eram considerados tapuias.

O explorador português, Gabriel Soares de Souza, em seu Tratado descritivo do Brasil, nos traz as características físicas dos índios maracás

Começando logo que os mais chegados tapuias aos povoadores da Bahia são uns que se chamam de alcunha os maracás, os quais são homens robustos e bem acondicionados, trazem o cabelo crescido até as orelhas e copado, e as mulheres os cabelos compridos atados detrás. (SOUZA, 1587, p. 338).

Os índios maracás praticavam o rito de passagem para rapazes e moças. Nimuendajú<sup>21</sup> (apud SIERING, 2008, p. 42) ressalta a prática religiosa

<sup>20</sup> Ver Mapa da Divisão Política de Maracás. ANEXO III.

<sup>21</sup> Curt Nimuendajú, nascido Kurt Unckel, etnógrafo alemão, que após um ritual de batismo, recebeu o nome indígena que adotou oficialmente, Nimuendajú – “aquele que fez sua morada. O primeiro nome foi “abrasileirado” para Curt. Naturalizou-se em 1922, tendo abandonado o sobrenome original. Segundo Darci Ribeiro, Nimuendajú foi o pai da etnologia brasileira.

ligada ao culto da jurema, tendo o ritmo dos cânticos o acompanhamento do maracá. Ainda hoje, a jurema é uma planta muito comum em toda essa região.

Souza (1587)<sup>22</sup>, afirma que a musicalidade dos índios Maracás chamava atenção de outros gentios pela entonação e ritmo. Assim, o português diz que “Quando estes tapuias cantam não pronunciam nada, por ser tudo garganteado, mas a seu modo; não entoados e prezam-se grandes músicos, a quem outro gentio folga muito de ouvir cantar”. (SOUZA, 1587, p. 339).

Independentemente da denominação dos grupos indígenas que habitavam esse sertão, o que sabemos é que mais uma vez na história a força militar e o interesse do grupo dominante sobrepujou o dos dominados. E, os índios Maracás foram derrotados. Percebemos que a história se repete. Massacraram os índios Maracás. Massacraram os moradores de Canudos.

Mesmo com a diminuição da população indígena é comum encontramos pessoas que dizem possuir uma ascendência indígena. Muitos desses relatos dizem que suas bisavós ou avós foram “tiradas do mato a laço” (Palavras do senhor Antônio Nunes, 92 anos, nascido na zona rural do município de Maracás, hoje Planaltino). Isso quer dizer que as índias teriam sido capturadas a laço pelos portugueses.

Através das pesquisas realizadas sobre o sertão dos Maracás podemos perceber que as relações étnicas entre índios e brancos foram marcadas pelo uso da força bélica para dizimar a população indígena e se apossar das suas terras. Essa é a mácula do processo de colonização deixada em muitos municípios brasileiros. Com o massacre silvícola os brancos portugueses dominaram a terra e instalaram suas sesmarias, nas quais, com o correr dos anos, foram erguidos povoados, vilas e cidades.

### **3.3. Os negros do Cuscuz, os imigrantes e a elite maracaenses**

A população local do Município é composta por pessoas de diferentes etnias. Para cá vieram os portugueses através dos desbravamentos

---

Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/o-alem%C3%A3o-que-revolucionou-os-estudos-ind%C3%ADgenas-no-brasil/a-46675555>>. Acesso em: 18 mai. 2020.

<sup>22</sup> Em 1587, o português Gabriel Soares de Souza publicou o Tratado Descritivo do Brasil. Disponível no site da USP: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4795>>. Acesso em: 18 mai. 2020.

proporcionados pelo europeu, os negros escravizados, os quais, posteriormente, como livres, foram formando comunidades quilombolas não reconhecidas, sendo a mais famosa a do Cuscuz, na Rua 13 de maio; e os imigrantes europeus (alemães e italianos) durante as décadas de 20 e 30 do século passado, fugindo das intempéries e guerras em seu continente.

Esses imigrantes europeus foram trazidos para o Brasil na frustrada tentativa de clareamento da população (MUNANGA, 1999). Muitos dentre eles fixaram residência aqui em Maracás. Contudo, de acordo com as pesquisas de Silva (2001), os italianos já tinham se estabelecido e já praticavam um comércio bem desenvolvido em Maracás e, principalmente, no povoado de Jequié.

A atuação de imigrantes italianos naquela região e as tensões políticas locais envolvendo esse grupo étnico. Desde o século XIX, esses imigrantes haviam se estabelecido na sede daquele município, então província do Império, e em Jequié que, naquela época, era um simples distrito de Maracás, bem como na vizinha localidade de Jaguaquara. Até 1930, esses italianos estiveram à frente de um próspero e diversificado comércio, tendo também uma forte atuação na política regional. (SILVA, 2001, p. 173).

A mesma autora chama atenção para o fato de que as relações étnicas entre os maracaenses e os alemães não se mostraram tão tranquilas. Sobre isso ressalta que:

O controle sobre os alemães não se limitou à força policial, pois algumas restrições foram estabelecidas pelo Major Oscar Sá: eles não podiam sair do município nem expressar opinião sobre a vida dos seus habitantes; estavam proibidos de falar sobre a Alemanha e sobre a guerra; não podiam tomar bebidas alcoólicas; não deviam se indispor com os moradores; tinham que obedecer ao toque de recolher; não podiam ter rádio e nem era permitido assisti-lo. (SILVA, 2001, p. 176).

Assim, podemos perceber que o grupo étnico alemão não recebeu em Maracás o mesmo tratamento dispensado ao italiano. Porém, mesmo sofrendo uma série de sanções os alemães podiam circular pelo centro da cidade e não foram destinados para áreas específicas.

Esse tratamento mais hostil destinado aos germânicos não se assemelha ao que foi dispensado aos negros que aqui viviam. Acerca disso, Machado (2016), afirma:

O Cuscuz surgiu como um espaço para exclusão das populações negras da cidade, impedindo-as de frequentar os espaços considerados da elite branca. Assim, a sua história foi marcada por uma espécie de segregação, pelo teor do preconceito racial e, principalmente, pela a formação do bairro do Cuscuz pela moradia

exclusiva de negros. Esse espaço surgiu para impedir uma mistura étnica, separando os negros dos brancos e os ricos dos pobres. (MACHADO, 2016, p. 28).

Ainda sobre o Cuscuz, Guimarães (2003), diz que:

Rua do Cuscuz é uma denominação genérica não para uma rua, no sentido literal, mas para um espaço mais amplo. É o que D'Adesky chama de "espaço de pertencimento" que especifica a posição do ator social e a inscrição de seu grupo de pertencimento em um lugar. (GUIMARÃES, 2003, p. 47).

Podemos perceber com essa análise de Guimarães (2003), que em Maracás sempre houve lugares de pertencimento, espaço específicos para determinadas etnias. Esse comportamento local ainda hoje é percebido na cidade, pois a rua que acolhe a comunidade cigana é conhecida como a Rua dos Ciganos.

Esse comportamento local que pode ser descrito como segregação étnica transfigura-se no estabelecimento de fronteiras que canalizam a vida da sociedade. (POUTIGNAT-FENART, 2011, p. 196). Uma sociedade como a maracaense sempre conviveu com relações étnicas, mas essas relações podem apresentar contratempos demográficos alicerçados nas formas de recrutamento dos grupos étnicos.

E na questão de saber como, se for verdade, suas taxas de recrutamento são sensíveis às pressões nos diferentes nichos explorados pelos grupos constituintes. Esses fatores são decisivos para a estabilidade de qualquer sistema poliétnico, e pode parecer que qualquer mudança no tamanho da população mostra-se destrutiva [...], os sistemas poliétnicos que nós observamos implicam processos muito complexos de movimento e ajuste populacional. (BARTH apud POUTIGNAT-FENART, 2011, p. 203).

Contudo esse recrutamento e cuidado no equilíbrio das relações interétnicas mantidas no início do século passado persiste nos dias atuais e não foi tão rígida com os europeus na demarcação espacial e nas relações sociais, pois mesmo tendo uma estadia cercada de proibições, a sociedade maracaense da época acolheu os brancos estrangeiros. Foram vários os casamentos de moradores locais com os imigrantes europeus. A prova disso são os inúmeros descendentes desses indivíduos e as construções de casarões no centro da cidade. Um deles data de 1926 e pertencem à família Grasso, de origem italiana.

Desde o fim da escravatura e no início do século passado, muitos negros vindos da região do recôncavo em busca de terras devolutas e,

imigrantes europeus fugindo das guerras fixaram residência nesse planalto. Mesmo que alguns dos negros que para cá vieram já terem nascido no Brasil, devido à condição de ex-escravo e à cor de sua pele, se mostravam indignos de tratamento igualitário aos estrangeiros brancos.

Em seus estudos, Nascimento (2014), observa:

[...] analisando o livro de óbito e batismo, podemos ter em um dado aproximado da realidade social daquela localidade. Dos 351 registros de óbitos correspondentes aos anos de 1877 a 1887, aproximadamente 35%, ou seja, 123 diziam respeito a escravos e libertos. A maioria dos escravos vivia na zona rural e pertencia a algumas famílias de grandes fazendeiros da região, como a “Silva Pinto”, “Dias Nascimento” e “Souza Meira”. Entretanto, são detectados também alguns escravos urbanos, moradores de Maracás, e que trabalhavam na casa de seus senhores, bem como em seus negócios. (NASCIMENTO, 2014, p. 34).

Talvez isso decorra do preconceito marcado pela segregação racial enfrentada por essa população na cidade. Mas, em virtude de sua extensa história, Maracás abrigou muitos grupos negros que ficaram residindo em localidades mais afastadas do centro, ou migraram para outras localidades.

Desta forma, podemos perceber que a cidade abrigou diversos grupos étnicos que foram se inter-relacionando e compondo o que temos hoje como sociedade. Alguns desses grupos como os índios, negros e ciganos foram e são discriminados por sua cultura ou fenótipo. E, assim como as demais cidades da região, ela possui uma população de famílias ciganas que se sedentarizaram e passaram a interagir diretamente com a população local.

### **3.4. O Instituto de Educação de Maracás: o espaço escolar das relações étnicas**

#### **Figura 1**



Figur

a 1: Fachada do Instituto de Educação de Maracás <sup>23</sup>

A instituição fica localizada em uma região mais distante do centro da cidade. Entre bairros periféricos e que atende a alunos de baixa renda residentes nas proximidades. Por essa característica, a escola sofre com o abandono por parte do poder Público Municipal. Entra prefeito e sai prefeito e nada é feito para melhorar sua estrutura física.

Em 2009, foi feita a última pintura parcial da escola. Pintura parcial, pois na ocasião apenas sete salas de aula foram pintadas e o pavilhão administrativo não teve nenhuma de suas dependências reformadas. Segundo a atual gestora, o prefeito e a secretária de educação prometeram reformar a escola e construir a sonhada quadra poliesportiva no ano de 2020.

O abandono por parte do poder público para com a instituição é notório e não está pior por que os alunos contribuem com a conservação do espaço físico. Mesmo sendo rotulados como indisciplinados, pois são moradores da periferia, em sua grande maioria negros, residentes na zona rural e ciganos, os alunos comungam com a escola o sentimento de exclusão e se agregam para protegê-la.

A escola, também, era conhecida entre os profissionais de educação como o local onde os políticos eleitos transferiam os funcionários que votaram contra. Essa infeliz estratégia política só não desestabiliza a administração escolar, pois, historicamente, as gestoras foram habilidosas em lidar com as

---

<sup>23</sup> Acervo do Instituto de Educação de Maracás - IEM.



relações interpessoais e seu comportamento inviabilizava disputas políticas no espaço escolar.

Os alunos contribuem para que o ambiente escolar seja preservado, apesar das avarias que o tempo promove. É perceptível o amor e acolhimento de todos pela escola e da escola com todos os que precisam dela.

Assim, com a chegada dos primeiros ciganos veio o desafio de inclusão dos filhos destes nas escolas municipais e os espaços destinados a essa tarefa foram o IEM e a creche Maria da Paixão. A diretora do IEM nos informa que:

Em 2001, chegaram a Maracás os ciganos da família Gama Barreto; em seguida as famílias Cruz Doria, Fiuza e Soares. E aqui permanecem até hoje. No ano de 2003, quando eu era gestora na Creche Maria da Paixão, chegaram os pais dos primeiros alunos ciganos solicitando a efetivação da matrícula, sendo eles os irmãos Wesley Barreto e Daniela Barreto. No início foi bastante difícil compreender e se adaptar ao comportamento levado e ativo dos referidos alunos. (Rosânia Gomes, diretora do IEM, 2018).

Essa unidade escolar foi escolhida pela proximidade com o bairro do Maracaizinho, mas também pelo trabalho pedagógico desenvolvido pela Instituição. Observamos que a maior parte dos profissionais da escola tem compreensão da importância da instituição no processo de inclusão. Sobre isso a gestora escolar diz:

As crianças concluíram a Educação Infantil e foram estudar o fundamental I no Instituto de Educação de Maracás – IEM, onde por coincidência estava atuando como coordenadora pedagógica. O número de matrícula de crianças ciganas crescia consideravelmente, e hoje temos 17 alunos matriculados (dois no 2º ano, quatro no 3º ano, quatro no 4º ano, quatro no 5º ano, dois no 6º ano e um no 7º ano). (Rosânia Gomes, diretora do IEM, 2018).

A diretora do IEM se mostra esperançosa com o trabalho realizado pela equipe escolar. Sobre este assunto recorda:

Acredito que a educação é um direito de todos e tem por objetivo criar condições para que o indivíduo se desenvolva e amplie suas múltiplas habilidades, independente da etnia e condição social. (Rosânia Gomes, diretora do IEM, 2018).

No entanto reconhece que ainda há muitos obstáculos a serem transpostos.

O trato pedagógico da diversidade é algo complexo, exige o reconhecimento da diferença e, ao mesmo tempo, o estabelecimento de padrões de respeito, de ética e a garantia dos direitos sociais. Avançar na construção de práticas educativas que contemplem o todo significa romper com a ideia de homogeneidade e de uniformização que ainda impera no campo educacional. Possibilitar um espaço de inclusão, no qual direção, professores, alunos, familiares e profissionais da área estabeleçam um compromisso com base em princípios transversais que considerem o conhecimento e o



respeito pelos diferentes gêneros, culturas, valores, identidades e assim encontrar um equilíbrio entre as diferenças é o grande objetivo social da escola IEM, como propõem os *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental*. (Rosânia Gomes, diretora do IEM, 2018).

Ao receber os alunos ciganos o IEM teve que enfrentar o preconceito étnico e se debruçar para compreender o verdadeiro significado da palavra diversidade cultural e inclusão étnica. Saliento que a inclusão praticada pelo IEM em relação aos ciganos foi étnica, pois a inclusão social já era praticada pelo instituto.

Assim, mesmo a escola sendo um espaço que reproduz o interesse do Estado, ela é uma das principais responsáveis pela socialização das crianças. Sobre isso, Ramos e Santana (2017) nos esclarece,

é através dela que se estabelecem relações com crianças de diferentes núcleos familiares e, inevitavelmente, de diferentes matrizes culturais. Esse contato entre diferentes sujeitos com pertencimentos étnico-culturais distintos poderá fazer da escola o primeiro espaço de vivência das tensões raciais. (RAMOS, SANTANA, 2017, p. 47).

Para minimizar as tensões entre as etnias que atende, o IEM busca desenvolver ações que tragam o diálogo interétnico para o interior da escola. Contudo, como salienta a gestora, essas ações já são desenvolvidas fora da escola e fala com entusiasmo da participação da unidade escolar no desfile em homenagem ao aniversário da cidade em 2018<sup>24</sup>, no qual o IEM trabalhou com o tema Cultura Cigana. Nesse desfile, os próprios alunos ciganos desfilaram para a alegria dos professores e demais funcionários envolvidos com o evento.

No aniversário da cidade de Maracás houve um desfile cívico em que um dos pelotões homenageava a cultura cigana e os próprios alunos ciganos desfilaram e representaram seu povo com suas características próprias. (Rosânia Gomes, diretora do IEM, 2018).

Acompanhei o desfile e pude vivenciar a alegria de todos envolvidos com a presença dos discentes ciganos. Não pude entrevistar os alunos na ocasião para saber qual a importância do desfile para eles, mas pude perceber alguma interação entre eles e os demais não ciganos. Dificilmente, os alunos ciganos se envolvem tão diretamente com uma atividade, principalmente, fora do ambiente escolar. Foi uma conquista para a escola que ressalta o trabalho

---

<sup>24</sup> Fotos em anexo.

pedagógico comprometido com a inclusão realizado pelos profissionais que ali atuam.

## **CAPÍTULO 4– O ESPAÇO ESCOLAR E AS RELAÇÕES ÉTNICAS**

O espaço escolar é percebido de diversas formas dentro de uma sociedade pelas etnias que a compõe. Para alguns alunos maracaenses, ele representa uma possibilidade de alcançar uma vida melhor para si e seus familiares, enquanto para outros, simboliza um espaço para socialização e convívio com colegas e amigos. Percebemos que para os ciganos, a escola é um ambiente social ao qual passam a interagir a partir da sedentarização recente do grupo calon que fixou residência no município. Em Maracás, a escolarização dos indivíduos segue as mesmas prerrogativas e exigências do sistema escolar adotado no país, mas, se efetiva de maneira diferente, ao se considerarem a localização da escola, o público alvo, a renda da família e a cultura.

### **4.1. O entendimento calon sobre educação escolar**

Os calons que se sedentarizaram em Maracás – BA são ciganos que até poucos anos preservavam seu costume nômade. Esse costume fez com que a concepção de educação para eles fosse bem distante da concebida pelas populações não ciganas. Através da convivência com os ciganos pude perceber que educação para eles é um conceito prático que está relacionado ao ensinar e aprender pelo exemplo os conteúdos relacionados à vida cotidiana e prática.

A sedentarização possibilitou o acesso a alguns benefícios sociais advindos das políticas públicas praticadas pelo Governo Federal. Os ciganos passaram a fixar residências e, por conseguinte, a matricular seus filhos nas escolas regulares do país, possivelmente, em busca de que seus filhos aprendam alguns requisitos básicos da educação fornecida pelas instituições, considerando que a principal forma de educação é transmitida em família, no interior de suas residências e nas relações interpessoais, como salienta o líder cigano do grupo em estudo: “A criança cigana aprende tudo que precisa dentro de casa com sua família”. Então fica a pergunta: Qual a necessidade de um calon ir à escola?

Essa questão não é simples de ser respondida. Durante a pesquisa, visualizei poucos momentos em que a ausência dos conhecimentos

transmitidos pela escola dificultou a rotina calon. Um desses momentos foi quando o irmão de seu líder do grupo trouxe uma requisição do médico para que eu o auxiliasse, pois desejava saber que exame sua esposa teria que fazer na semana seguinte e que médico ele deveria procurar. Outra situação sucedeu-se na agência do banco do Brasil, quando seu Landito estava com dificuldade para efetuar um saque e solicitou minha ajuda. Contudo, durante toda a pesquisa, não vivenciei outras situações onde a ausência de escolarização afetasse a vida de um calon. Ademais, saliento que essas ocorrências narradas poderiam ser as mesmas de qualquer outra pessoa pouco escolarizada, independentemente de sua etnia. Logo, não é uma situação que afeta apenas os ciganos, mas a muitos de nós brasileiros.

Assim, encontrar uma resposta para a necessidade da escola na vivência dos calons que vivem em Maracás continua sendo uma tarefa complexa. No entanto, talvez a mais evidente motivação esteja na possibilidade de letramento e domínio da leitura, pois através dela podem ampliar as interações e negociações com o mundo não cigano.

Os ciganos constituem uma sociedade ágrafa, a escrita não faz parte de seu costume linguístico, uma vez que o romani não é transcrito, sendo um dos segredos da etnia. E deve continuar a sê-lo caso o Estatuto do Cigano, em tramitação desde 2015 no Congresso Nacional, de autoria do senador gaúcho Paulo Paim, seja aprovado na íntegra, especialmente, onde consta:

Art. 8º As línguas ciganas constituem bem cultural de natureza imaterial. Art. 9º Fica assegurado à população cigana o direito à preservação de seu patrimônio histórico e cultural, material e imaterial, e sua continuação como povo formador da história do Brasil. (ESTATUTO do CIGANO, 2015).

Assim, o chefe cigano reconhece a importância da escola, mas apenas como uma transmissora de saberes que eles não são capazes de ensinar as crianças, como o ato de alfabetização em Língua Portuguesa. Para os adultos ciganos, a leitura é a das ações escolares mais significativas, quase todos os entrevistados disseram que os filhos estavam matriculados e já estavam sabendo ler e escrever.

Minha filha já sabe ler e escrever. Quando a gente precisa, é ela quem ler para nós. Fico muito feliz por ela já está sabendo ler. Antes a gente não tinha oportunidade de ir à escola para aprender a ler [...] alguns sabem apenas assinar o nome, mas ler não sabe (Entrevistada calon, 35 anos).

Meus filhos, pró Elma, já sabem ler. Lauan e Dauan deixaram aquelas brincadeiras que a senhora lembra né, (risos) e os dois já estão bem adiantados (Entrevistada calon, 36 anos).

Em suas falas, as ciganas demonstram satisfação no fato de seus filhos dominarem a leitura. Notei que a escrita foi pouco mencionada, mas isso não significa dizer que eles não a considerem como importante. Isso, provavelmente, decorra do entendimento de educação para vida como algo relacionado à prática no cotidiano como já dissemos anteriormente. No dia a dia cigano, a escrita é pouco significativa e se restringe a assinatura de documentos como cheques, promissórias, dentre outros. Nesse sentido, a leitura é considerada como mais importante.

Diante dos relatos dos sujeitos da pesquisa, relembrei alguns momentos em que as mães ciganas nos pediam que lêssemos para elas, as receitas de medicamentos destinados a seus filhos, quando éramos vizinhos e, por confiarem em mim e minha família, éramos nós quem líamos para eles seus documentos e, até mesmo, de outros ciganos que não eram nossos vizinhos, mas vinham para que lêssemos para eles.

O domínio da leitura por seus filhos é uma possibilidade de interação com a sociedade na qual se sedentarizaram. Agora, muitas famílias ciganas não são mais tão dependentes dos demais habitantes da cidade para realizarem a leitura de documentos e receitas médicas. Para as mulheres ciganas, essa é uma conquista muito importante.

Contudo, para as professoras que atendem aos alunos ciganos ainda há um longo caminho a ser percorrido. Elas reconhecem os ganhos, mas acreditam que o domínio da habilidade de leitura por parte deles é significativa, considerando as peculiaridades culturais que abordaremos a seguir, mas elas compreendem que o processo de letramento ainda está em andamento.

Eles já conseguem ler pequenos textos, mas com alguma dificuldade, mas não são apenas os ciganos que estão nesse nível. Vejo que eles já estão praticamente alfabetizados e, por ser quarto ano [...] ainda trocam letras, confundem os sons, mas posso dizer que avançaram muito. Alguns alunos, principalmente as meninas, já estão lendo bem, porém é preciso avançar na interpretação, pois o letramento vai além do ato de ler, de estarem alfabetizados. (Marinalva Cunha, professora do 4º ano).

A regente, que é pedagoga de formação, relata avanços na leitura dos alunos ciganos, mas observa que ainda há muito a ser feito. Segundo ela, o

domínio da leitura se constitui um desafio para os discentes ciganos, principalmente, por falta de acompanhamento em casa. Fato também observado, entre os alunos não ciganos que não são acompanhados pelos pais, ou cuidadores.

Ela acredita que em virtude do analfabetismo dos familiares, a escola é o único espaço no qual eles tem acesso ao mundo da leitura e escrita de textos. Contudo, reconhece a importância do incentivo dos pais para que seus filhos consigam decodificar os textos escritos que eles têm contato durante as aulas através do acompanhamento das atividades extraclasse. Uma vez que o processo de letramento é independente da escola, pois:

Um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e escrita, pratica a leitura e escrita, responde adequadamente as demandas sociais de leitura e escrita. [...] o letramento é um estado, uma condição: o estado ou condição de quem interage com diferentes portadores de leitura e de escrita, com as diferentes funções que a leitura e a escrita desempenham na nossa vida, Enfim: letramento é o estado ou condição de quem se envolve nas numerosas e variadas práticas sociais de leitura e escrita. (SOARES, 2009, p. 40 e 44).

As definições de Soares (2009) corroboram a análise da regente diante da situação de alfabetização e letramento dos alunos ciganos. Mesmo já estando no 4º ano do Ensino Fundamental I, eles ainda estão sendo alfabetizados e podendo atrelar essa aquisição a prática de vida social. Aos poucos, estão alcançando o letramento. Contudo, a escola tem como responsabilidade, a motivação desses alunos para o ato de ler, escrever e interpretar os textos lidos. Ao chegar à escola, os indivíduos já são leitores do espaço que os cerca e sua realidade, como afirma Freire: “Linguagem e realidade se prendem dinamicamente”. (FREIRE, 1989, p. 09).

Em sociedades ágrafas, o domínio da escrita e leitura se constitui um desafio, pois altera a compreensão de mundo desses sujeitos ao entrarem em contato com os diversos tipos de texto, Soares (2009). Contudo, os aspectos culturais do grupo cigano fazem com que as influências textuais sejam bem diluídas e não se apresentam como um entrave na compreensão do mundo calom. De certa forma, os calons absorvem da cultura letrada aquilo que pode beneficiá-los, sem evidente prejuízo à educação cigana recebida em suas casas.

Segundo, duas professoras do IEM, Marinalva Cunha e Najara Barros (regente da disciplina de matemática do EF-II), os alunos ciganos se desenvolvem bem diante de questões que envolvem cálculos e lógica. Najara Barros relatou que um dos alunos ciganos mais adiantados da escola (IEM) era o melhor aluno da turma de 8º ano na disciplina de matemática.

Ele conseguia chegar aos resultados mais rápido que os demais alunos [...]. Chegava a auxiliar os colegas. Ele faltava muito às aulas, mas mesmo frequentando pouco ele aprendia rápido. Infelizmente, deixou de frequentar as aulas. Uma pena era o melhor aluno em matemática da turma. (Najara Barros, 38 anos, regente da disciplina de matemática do IEM).

Assim, os conteúdos relacionados ao cotidiano deles são facilmente internalizados, mas com relação à área de linguagem, as dificuldades são mais acentuadas de acordo com as observações da escola. Já os ciganos observam com outros olhos o desenvolvimento de seus filhos na área de linguagem.

#### **4.2. Reflexos sobre aspectos culturais na escola**

Mesmo com a sedentarização, as restrições socioculturais praticadas pelo grupo calon auxilia na preservação de seus costumes, um deles é a inquietude, a busca constante por liberdade e por deslocamentos. Assim, mesmo tendo residência fixa, os ciganos vivem em suas andanças, pois elas propiciam a realização dos negócios que constituem a base da sobrevivência do grupo.

O cantor e compositor Elomar (1982) é quem, quando canta em Estrela Magna dos Ciganos: “Só to isperano é a promessa dos ciganos/ Que na terra inda êsse ano/ Vai divagarinpôsar [...]”. A ideia de pousar<sup>25</sup> dos ciganos parece ser uma promessa que se deve esperar, pois o espírito cigano se mantém inquieto e sempre disposto à aventura.

A associação entre o espírito aventureiro dos calon e as exigências da sociedade não cigana, alicerçada nas ideias capitalistas, promove atritos entre os grupos étnicos, que possuem costumes diferentes. Esse cenário se justifica pela ausência de uma realidade absoluta, como esclarece Bourdieu (1998). A inexistência de uma realidade absoluta deveria servir para a análise de realidades diversas. Contudo, sendo os sujeitos, o resultado de uma

<sup>25</sup>Aqui a palavra *Pousar* é compreendida como: estabelecer-se em um determinado lugar, morar, residir. Acepção encontrada no site: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=3w9BA>. Acesso: 01/06/2020.

representação dos seus lócus, eles o terão internalizado e, o reproduzirão através de comportamentos, por vezes, inconscientes na busca de satisfazer suas necessidades e sobreviverem.

Assim, a escola deveria considerar em suas ações as diversas culturas, servindo como um espaço de interação cultural. Porém, ela representa a sociedade burguesa que “exclui para incluir”, Sawaia (2016). Um instrumento de padronização e validação do conhecimento científico.

Não obstante, em todos os casos, os esquemas que organizam o pensamento de uma época somente se tornam inteiramente compreensíveis se forem referidos ao sistema escolar, o único capaz de consagrá-los e constituí-los, pelo exercício, como hábitos de pensamentos comuns a toda uma geração. (BOURDIEU, 1998, p. 208).

Deste modo, a homogeneização promovida pela escola por vezes desconsidera as questões sociais, culturais e, até mesmo, linguísticas. A mesma sociedade que exclui cria a ilusão de inclusão. Como toda ilusão, ela não se sustenta no interior da sociedade, condenando um número de sujeitos a exclusão.

Os excluídos não são simplesmente rejeitados física, geográfica ou materialmente, não apenas do mercado e suas trocas, mas, de todas as riquezas espirituais, seus valores não são reconhecidos, ou seja, há também uma exclusão cultural. (WANDERLEY apud. SAWAIA, 2016, p. 17 e 18).

Os ciganos vivem esse sentimento de exclusão desde que deixaram a Índia. Nesse sentido, a presença dos ciganos na escola questiona os parâmetros instituídos pela estrutura e conteúdos ensinados nas instituições de ensino. Os questionamentos decorrem da não submissão cigana aos requisitos básicos da dinâmica escolar, como por exemplo, a frequência escolar e o cumprimento integral dos duzentos dias letivos com tolerância de vinte e cinco por cento de faltas, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96).

Art. 24. A educação básica, nos níveis fundamental e médio, será organizada de acordo com as seguintes regras comuns:

I – a carga horária mínima anual será de oitocentas horas, distribuídas por um mínimo de duzentos dias de efetivo trabalho escolar, excluído o tempo reservado aos exames finais, quando houver. (BRASIL, 1996, p. 08).

A baixa frequência às aulas é um dos principais entraves encontrados na relação dos ciganos com os profissionais de educação do IEM. As ausências sucessivas associadas aos aspectos culturais da etnia em estudo e, a necessidade de viverem suas andanças, faz com que, os alunos ciganos se



ausentem das aulas por um período maior que o previsto pela legislação Educacional do Brasil.

Esse comportamento faz com que uma parcela dos educandos ciganos se encontre em defasagem idade/ano escolar no EF- Anos Iniciais, tomando como parâmetro os indicadores do site *Qedu*, que traz dados e análises de vários indicadores da educação brasileira. De acordo com o *Qedu*, o IEM<sup>26</sup> que está inscrito na plataforma com o nome incompleto, consta apenas IE, apresentava em 2018, 21% de alunos com defasagem de pelo menos dois anos em relação à série em que se encontravam. Os ciganos matriculados no 1º ano do ensino fundamental não apresentam defasagem, pois a educação infantil não conserva seus estudantes, eles progridem ao completarem seis anos no Ensino Fundamental – Anos Iniciais.

Assim, é a partir do segundo e terceiro anos que se evidencia um número de alunos, principalmente, ciganos que permanecem na mesma classe, tendo como principal motivo, a baixa frequência escolar. A baixa frequência escolar é um dos grandes problemas enfrentados pelos profissionais de educação no IEM em Maracás, pois ela faz com que a criança não consiga acompanhar o desenvolver das atividades escolares e, em alguns casos, desmotiva a continuar os seus estudos, provocando a evasão.

A gestora escolar do IEM, pedagoga especialista em Gestão e Coordenação Escolar, senhora Rosânia Pereira Gonçalves Gomes, que também foi gestora da creche que atende a população cigana do bairro do Maracaizinho, traz em sua bagagem conhecimentos sobre as peculiaridades do comportamento e de alguns aspectos culturais da etnia cigana, entende que são esses aspectos culturais que se constituem em impasses para a progressão na escolarização dos alunos ciganos em Maracás – BA.

Os alunos ciganos viajam muito [...]. São vários eventos que os tira da escola: casamentos, negócios, funerais dentre outros. Existe por parte de algumas famílias a preocupação de informar a escola sobre as ausências, mas ainda não percebemos essa preocupação com relação aos danos didáticos que essa ação provoca nas crianças (Rosânia Gomes, entrevista semiestruturada, 2018).

Ainda segundo a referida diretora, a situação não é agravada pela vivência que o IEM tem com a população cigana no município.

A comunidade escolar do IEM acolheu bem os ciganos desde a sua chegada ao município. Por ser uma escola de periferia, vivenciamos

---

<sup>26</sup> Conforme imagem da página do site *Qedu* em anexo.

as mais diversas situações e com isso nutrimos um olhar acolhedor para com todos. Essa convivência fez com que os profissionais que aqui atuam tenham empatia com a etnia cigana, isso gera respeito às diferenças (Rosânia Gomes, entrevista semiestruturada 2018).

Historicamente, o IEM tem buscado romper a exclusão, desenvolvendo a inclusão e o respeito à diversidade. É através de seu Projeto Político Pedagógico que, a escola esclarece os seus princípios e filosofia de trabalho para a comunidade. Contudo, esse entendimento sobre a prática dos calon os inclui, mas nem sempre significa progressão de uma para a próxima classe escolar. Durante as observações pude perceber que a progressão dos estudantes da etnia, se constitui uma preocupação “simbólica” da família calon. Digo “simbólica”, pois ela se manifesta na fala e nos depoimentos deles, mas não se efetiva na prática.

Alguns alunos chegam a ficar uma semana em casa, sem comparecerem às aulas, sem motivos aparentes, porém para os ciganos, a criança é livre para decidir ir ou não à escola. Os pais chegam a dizer em frente às professoras que os filhos são uns “preguiçosos”, “esse menino não quer nada”. No entanto, os pais não os incentiva a frequentarem a instituição de ensino. Essa liberdade de escolha dos alunos ciganos, não é usufruída pelos demais alunos, isto por que a importância atribuída à educação, para boa parte dos demais habitantes da cidade, se difere e muito, da importância atribuída a ela pelos ciganos.

O espírito de liberdade que sempre conduziu os ciganos por séculos pelos continentes e, os fizeram resistir às pressões das sociedades capitalistas que compram mão de obra aos indivíduos, limitando-os a um salário no fim do mês. Os ciganos que vivem em Maracás não possuem vínculo empregatício, com empresas locais, não possuem carteira de trabalho assinada. Eles vivem de seus negócios e vivem aparentemente bem.

Eles aprenderam a viver em uma sociedade que os relegou ao esquecimento e, diferentemente de outras etnias que travaram lutas contra a exclusão sobre suas vidas, os ciganos não reivindicam direitos, nem travam discussões, ou embates com os outros grupos étnicos, principalmente, os dominantes. Desta forma, os ciganos mantêm suas relações com a escola da mesma forma que, se relacionam com a sociedade em que vivem.

### **4.3. A escola: espaço para inclusão**

Diferentemente, de outros espaços, pude perceber que eles se sentem muito à vontade na feira livre local, no entanto, apesar de se considerarem católicos não frequentam a igreja, nem mesmo nas suas festas como as tradicionais procissões. Poucos frequentam a igreja Cristã do Brasil e alguns frequentam o Terreiro de Pai Zé Pesão. Alguns jovens ciganos afirmaram frequentar às festas de camisa que acontecem na cidade, mas isso muito raramente. Quando vão a um bar, geralmente, nunca o fazem sozinhos, sempre estão acompanhados pelos parentes.

Suas comemorações são sempre entre eles. Não participam de festas de aniversário e casamentos de não ciganos. Apenas nas festas juninas, os homens mais jovens e solteiros, principalmente, chegam a ir à Praça do Forró, que fica localizada no centro da cidade.

A escola é o espaço social onde ocorrem as interações cotidianas dos ciganos com alguns habitantes da cidade. Eles vão efetuar a matrícula, levam seus filhos à escola durante o ano letivo, vão justificar as ausências, frequentam aos plantões, dentre outras ações que exigem a inter-relação entre eles e os demais habitantes locais. Logo, está matriculado em uma instituição de ensino leva as crianças ciganas e seus familiares, a estabelecerem relações diretas com a comunidade que se encontram em contato.

O grupo étnico cigano passa a interagir com os brasileiros, rompendo superficialmente, as fronteiras estabelecidas. Segundo Barth (apud. POUTIGNAT E STREIFF-FENART, 2011, p. 195), essas fronteiras vão além das territoriais, alcançando as sociais, pois, mesmo se considerando a interação, o grupo conserva sua identidade, o que implica na continuidade da presença e da exclusão.

Apoiando-nos no quanto definiu Barth, se tornou possível esclarecer o comportamento dos ciganos no espaço escolar. A priori, nesse ambiente, os alunos ciganos e os demais interagem e se inter-relacionam de igual modo, notamos que as fronteiras sociais se erguem e, como esclarece Barth (apud. POUTIGNAT E STREIFF-FENART, 2011, p. 196), “a fronteira étnica canaliza a vida social”.

As fronteiras étnicas trazem consigo uma organização complexa das relações sociais e, dos comportamentos de indivíduos que estão condicionados a critérios de aceitação ou de repulsa. Assim, entre os indivíduos pode haver expansão nas interações, contudo sempre existirão algumas restrições no tocante a seus valores e interesses. Sobre esse contato social entre pessoas com culturas diferentes, Barth (2011), esclarece que:

[...] pessoas de diferentes culturas também estão implicadas na manutenção da fronteira étnica: grupos étnicos persistem como unidades significativas apenas se implicarem marcadas diferenças no comportamento, isto é, diferenças culturais persistentes. Contudo, onde indivíduos de culturas diferentes interagirem poder-se-ia esperar que tais diferenças se reduzissem, uma vez que a interação simultaneamente requer e cria uma congruência de códigos e valores. (BARTH, apud. POUTIGNAT E STREIFF-FENART, 2011, p.196).

Então, é a estruturação da interação que permite a persistência das diferenças culturais, a partir de um conjunto de prescrições e proscricções que impedem alguns aspectos sejam expostos, assim, eles são protegidos de confrontos ou modificações. Diante dessas considerações, ponderamos que, a interação entre os alunos ciganos e os demais habitantes do município de Maracás – BA, dentro do espaço escolar é demarcado pelas fronteiras étnicas.

Mesmo com a aparente diluição das fronteiras, os ciganos preservam algumas peculiaridades de sua cultura no espaço escolar. Contudo, os traços culturais manifestados na escola são muito discretos, quase imperceptíveis por um observador pouco familiarizado com tais situações. Logo, a discrição manifestada pelos alunos ciganos é entendida como uma forma de estranhamento diante dos contatos interétnico. Deste modo, não podemos caracterizar como um silenciamento, mas como uma adaptação ao sistema social que por séculos os excluiu.

As crianças dos anos iniciais do E. F. anos Iniciais trazem consigo o cuidado em preservar seus aspectos culturais. É no interior das residências que os ciganos transmitem seus valores, sua cultura e sua história, conforme nos disse o líder cigano. Desta forma, mesmo que os alunos ciganos ajam e reajam como os demais alunos não ciganos, alguns aspectos da sua cultura afloram. Podemos perceber, no entanto, por mais que no espaço escolar do IEM, a convivência interétnica seja considerável, ainda assim, existem marcas do ocultamento da diversidade cultural brasileira.

O ocultamento da diversidade no Brasil vem produzindo, tem cultivado, entre índios, negros, empobrecidos, o sentimento de não pertencer à sociedade. Visão distorcida das relações étnico-raciais vem fomentando a ideia, de que vivemos harmoniosamente integrados, numa sociedade que não vê as diferenças. O ocultamento da diversidade produz a imagem do brasileiro cordial, que trata todos com igualdade, ignorando deliberadamente as suas nítidas e contundentes diferenças. (SILVA, 2011, p. 26).

Silva (2011) evidencia que o ocultamento da diversidade produz nos excluídos, um sentimento de não pertença à sociedade. Essa produção não está restrita à população negra ou indígena, sabiamente, a estudiosa percebe esse sentimento em outros grupos de indivíduos que não se enquadram no padrão do branco, europeu e cristão.

Ao desconsiderar a diversidade, a sociedade busca uma padronização na tentativa de igualar a todos. Isso faz com que alguns grupos étnicos, entre eles o cigano, não se sintam pertencentes a ela e, por consequência, é a escola que a representa.

A escola, como instrumento social, é responsável pelo processo de socialização dos sujeitos que a ela recorrem, a exemplo das crianças e, nesse sentido, é através dela que se estabelecem relações com crianças de diferentes núcleos familiares e, inevitavelmente, de diferentes matrizes culturais. Esse contato entre diferentes sujeitos com pertencimentos étnico-culturais distintos poderá fazer da escola o primeiro espaço de vivência das tensões raciais. (RAMOS et al., 2017, p. 47).

Como esclarece Ramos et al. (2017), é na escola que acontece as interações entre as diversas matrizes étnico-culturais, bem como passa a ser palco das primeiras tensões. Os autores focam na questão racial, mas podemos perceber que vai além da cor. As tensões elas acontecem devido à rejeição a todos os grupos que não estão enquadrados no modelo hegemônico, eurocêntrico.

Os ciganos que estudam em Maracás são brancos, a maioria tem olhos claros e são loiros. Com esse fenótipo, supostamente, eles não deveriam sofrer nenhuma pressão social sobre sua cultura. No entanto, apesar de se identificarem como cristãos, os ciganos que se sedentarizaram em Maracás, não demonstram intimidade com a religiosidade cristã.

Essa ausência de submissão aos dogmas cristãos levou os ciganos ao degredo para o Brasil e, ainda hoje, os conduz a discriminação social. Ramos salienta que “A exclusão simbólica, que poderá ser manifestada pelo discurso do outro, parece tomar forma a partir da observação do cotidiano escolar”. (RAMO, et al., 2011, p. 47).

Desta forma, mesmo que a comunidade do IEM tenha um olhar diferenciado para a sociedade cigana, há elementos que compõe a estrutura escolar que perpassam o querer dos profissionais que ali atuam. Um desses entraves é a exigência do cumprimento dos duzentos dias letivos, outro seria o currículo e, além deste, existem outros elementos de cultura que transcende os muros da escola e interferem no seu dia a dia.

Diferentemente dos povos negros, contemplados por leis que trazem a exigência do estudo de suas culturas, Lei nº 10.639/2003, que introduziu a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, alterada pela Lei nº 11. 645<sup>27</sup>, de 10 de março de 2008, que no Artigo 26 preceitua:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos, privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. (BRASIL, 2008).

Como podemos ler no texto legal, povos excluídos e marginalizados como os negros e indígenas são contemplados por legislação que reconhece a importância desses para a formação da sociedade brasileira. É interessante notar que a inclusão dos indígenas só ocorre cinco anos após a publicação do texto inicial. Com a publicação dessas leis espera-se que o preconceito racial diminua ou venha ser extinto do seio da sociedade. Reconhecemos que ainda há um longo caminho a ser percorrido pelas comunidades negras e indígenas para que, a realidade da exclusão, em suas diversas dimensões, deixe de acontecer.

Wanderley (2016) questiona a ideia de exclusão. Para ela, vivemos numa ilusão de inclusão. Esse sentimento é chamado por Sawaia (2016), na introdução do livro *As artimanhas da exclusão, de inversão perversa da inclusão*, uma vez que só existe inclusão devido à existência da exclusão, afirmando ainda que “A dialética inclusão/exclusão gesta subjetividades

---

<sup>27</sup><https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2008/lei-11645-10-marco-2008-572787-publicacaooriginal-96087-pl.html> Data de acessado em 08/05/2020.

específicas que vão desde o sentir-se incluído até o sentir-se discriminado ou revoltado”. (SAWAIA, 2016, p.09). Os ciganos não demonstram se sentirem discriminados, apesar de serem, pois aparentemente tendem a não se envolverem com os grandes dilemas vivenciados pelos demais brasileiros.

Talvez, devido a esse comportamento, no que tange aos povos ciganos, não há uma lei que contemple essa população e suas peculiaridades culturais. Existe um documento publicado pelo MEC que traz orientações para as escolas sobre as populações itinerantes. Entre os considerados itinerantes estão os ciganos, como podemos perceber no texto a seguir, da Resolução 03, de 16 de março de 2012:

Parágrafo único. São considerados crianças, adolescentes e jovens em situação de itinerância aquelas pertencentes a grupos sociais que vivem em tal condição por motivos culturais, políticos, econômicos, de saúde, tais como ciganos, indígenas, povos nômades, trabalhadores itinerantes, acampados, circenses, artistas e/ou trabalhadores de parques de diversão, de teatro mambembe, dentre outros. (BRASIL, 2012).

Na resolução acima, podemos perceber que aos ciganos é garantido o direito a matrícula. Também encontramos nessa resolução a determinação que impede a prática de preconceito dentro do espaço escolar com essas populações. Já se constitui uma conquista, mas ainda é muito tênue para aplacar as necessidades da população cigana.

As instituições de ensino seguem as orientações da Secretária Nacional de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão – SECAD, de 2014, no que tange as determinações sobre a matrícula dos alunos ciganos. Mas, não se trata de uma lei, é uma resolução que contem direcionamentos ao tratamento a ser destinado aos alunos itinerantes, entre eles os filhos dos ciganos. As resoluções são instrumentos legislativos que tratam de interesses nacionais, mas considerados como “Os temas da resolução mais corriqueiros”<sup>28</sup>.

O já mencionado projeto que institui o Estatuto do Cigano<sup>29</sup>, de autoria do senador Paulo Paim, que está em tramitação no Congresso desde 2015. Esse projeto faz referências às questões educacionais que envolvem os ciganos e outras que, também, estão inter relacionadas ao seu modo de vida

---

<sup>28</sup> Definição encontrada no site: <https://legislacao.ufsc.br/conceitos/>. Acesso: 08/05/2020

<sup>29</sup> Estatuto do Cigano em anexo



como, por exemplo, no Art. 1º, no inciso I, o seguinte texto: “I – população cigana: o conjunto de pessoas que se autodeclaram ciganas, ou que adotam autodefinição análoga”.

A questão da autodeclaração é uma das críticas feitas por um dos relatores do texto, o também senador Hélio José, em parecer sem número quando declara:

Em consulta aos membros da comunidade cigana verificou-se que não é suficiente a adoção da autodeclaração como critério de identificação do grupo. Propomos, portanto, que seja adotado formato semelhante ao existente na Lei nº 6.001, de 19 de dezembro de 1973, que dispõe sobre o Estatuto do Índio. Assim, será considerado membro da população cigana aquele que, além de se autodeclarar nessa condição, for reconhecido pela comunidade como tal. Eliminamos, também, a expressão “que adotam autodefinição análoga”, por considerar que torna demasiadamente imprecisa a definição. (Parecer do senador Hélio José, Comissão de Educação, Cultura e Esporte, 2016).

O parecer do senador Hélio José<sup>30</sup>, de 2016, não foi considerado na versão em tramitação ainda no Congresso. Na educação básica, o amparo legal para os alunos da etnia cigana está mais voltado para a questão da matrícula, ainda falta regulamentação de alguns tópicos, principalmente, os relacionados à frequência escolar, exigência legal que esbarra nos aspectos culturais dos ciganos.

O projeto do senador Paim traz, também, a prerrogativa de que a história dos ciganos seja integrada ao currículo escolar. Atualmente, os livros escolares não fazem menção ao povo cigano. Os livros utilizados pelos alunos do 4º ano, do EF I Anos Iniciais, do IEM, contem textos que falam das etnias constituintes da população brasileira: indígenas, brancos e negros, os ciganos não são mencionados, como se não estivessem aqui desde o século XVI.

O texto do senador traz em seu artigo 7º a obrigatoriedade do ensino em instituições públicas e privadas da história do povo cigano.

Art. 7º Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, é obrigatório o estudo da história geral da população cigana, observado o disposto na Lei nº 9.394, de 1996. (Projeto de Lei do Senado nº248, 2015).

E nos artigos sétimo e oitavo, propõem que a língua do povo cigano passará ser considerada um patrimônio imaterial do povo cigano. Tornar a língua cigana um bem de natureza imaterial é uma ação que busca preservar o

---

<sup>30</sup> Parecer do senador Hélio José, em anexo.



idioma e mantê-lo sob segredo, pois é através dela que os ciganos repassam sua cultura e seus ensinamentos.

Assim sendo, o material didático que será utilizado nas escolas deverá narrar à vida dos ciganos no Brasil, mas, apenas preservará a língua, considerada como o maior segredo dos ciganos.

Perguntado sobre a criação dos Estatutos, o líder cigano fez o seguinte comentário: “os ciganos sempre foram esquecidos”. Para ele, os direitos civis descritos na Constituição Federal (1988), em seu artigo 5, só foram efetivados na vida calom a partir do governo de ex-presidente Luís Inácio da Silva.

Assim como no Estado da Bahia, o município de Maracás não traz em seus documentos oficiais, regulamentação sobre as diretrizes da educação que sirva de parâmetro para o amparo aos ciganos, principalmente, no que tange a frequência escolar, considerando os aspectos culturais. Essa é uma necessidade a ser regulamentada de modo a permitir a organização por parte das Instituições educacionais, pois muitos alunos ciganos acabam sendo reprovados por conta do número de faltas superior ao recomendado pela Lei de Diretrizes e Bases – LDB.

A LDB foi formulada antes da legislação que ordenou as políticas públicas que não contemplará, suficientemente, a etnia cigana. Assim, os aspectos culturais desse grupo étnico não são contemplados por instrumentos legais. Por esse motivo, o vice-diretor do CNMM, escola municipal que atende às turmas da EJA, o professor Wanderlei Lago relatou que os alunos ciganos que estavam matriculados na instituição seriam conservados, pois o número de faltas ultrapassava o limite legal. Ao questioná-lo sobre os aspectos culturais, o vice-diretor ressaltou que não há legislação que ampare os discentes ciganos nesse quesito.

Um aluno cigano, em entrevista, numa das visitas ao acampamento, me informou que deseja continuar seus estudos. Ele tem dezoito anos e estudou na Educação de Jovens e Adultos – EJA, do Colégio Normal Municipal de Maracás – CNMM, à noite, chamou minha atenção, dizendo:

Eu estou gostando da escola (CNMM), à noite. Lá é bom e os professores também são bons [...]. Não faltou muito às aulas, antes eu faltava bastante [...]. Eu quero estudar para me formar para ser professor. Lá é bom, meus colegas são bons (Wesley, 18 anos, 23/10/2019).

Quis saber por que antes (na outra escola) ele faltava às aulas, então ele disse:

Antes eu ia à escola por ir [...], não gostava muito, achava chato (risos). Aí depois eu comecei a querer ir e fazer as coisas. Hoje eu gosto de ir, às vezes eu não vou, mas vou terminar esse ano e acho que vou passar de ano. Estou fazendo todos os deveres (atividades escolares). Estou gostando. (Wesley, 18 anos, 23/10/2019).

Em sua justificativa, o estudante atribui as ausências às aulas ao seu pouco compromisso com o processo de escolarização. Porém, mesmo dizendo que agora está gostando de frequentar às aulas, ele não foi aprovado devido ao número de faltas.

Sem a existência de normas que ampare os alunos ciganos em seus aspectos culturais e, dê as instituições escolares ferramentas para conciliarem estas com o que preceitua a LDB e com os costumes ciganos, o avanço escolar destes vai sempre esbarrar no conflito entre legislação e cultura.

#### **4.4. A descrição interações sociais dos alunos ciganos**

Em Maracás, o IEM é referência em atendimento ao povo cigano. Um dos elementos identificados para esta assertiva é o fato de todos os educandos ciganos preferiram frequentar uma mesma instituição de ensino.

Essa característica nos ajuda a compreender o número de alunos matriculados em uma única instituição e, a resistência das famílias ciganas em aceitar que seus filhos sejam transferidos para outra escola. No início da pesquisa, supúnhamos que a comunidade cigana preferia o IEM, por se sentir acolhida no local, mas com a continuidade das observações podemos averiguar que a localização e, o aspecto cultural são fatores decisivos para a matrícula e permanência dos alunos no IEM.

Assim, o preconceito deixa de ser o elemento que isola os alunos ciganos em uma única instituição de ensino no município. Ele perde força diante da tradição. Como nos diz Aguiar (2007), dialogando com Hobsbawm e Ranger, “As tradições não são forjadas aleatoriamente a partir da vontade de um indivíduo, como uma invenção qualquer. Elas decorrem de um conjunto de relações, construídas a partir de necessidades vitais e de um modo de viver”. (AGUIAR, 2007, p. 22).

Aqui podemos notar que os alunos ciganos, de maneira sutil, reproduzem um comportamento absorvido dentro de suas casas e no seio de suas famílias. Logo, os calon maracaenses preferem estar todos juntos, em uma mesma escola, preferencialmente, dois ou mais parentes por sala.

Um dos alunos ciganos que frequenta outra escola, pois foi transferido do IEM por desentendimento com um dos primos, fez o seguinte comentário durante uma das visitas ao acampamento: “Já estou no 5º ano, no ano que vem volto para o IEM. Vou fazer o 6º ano lá” (Lauan, 23/10/2019). Ele demonstrava satisfação com o retorno ao Instituto, pois durante boa parte do ano letivo de 2019 ele foi o único a estudar no Grupo Escolar Coronel Marcionílio Souza. Em meados deste mesmo ano de 2019, um primo, do referido estudante, foi transferido para o Grupo Escolar Coronel Marcionílio Souza.

Vale ressaltar que essa forma de agir também foi analisada por Ferrari (2010), entre os ciganos calons de Jaboticabal. Sobre isso ela conclui: “Novamente, a ideia de uma criança calon frequentar a escola sozinha (sem parentes) é impensável”. (FERRARI, 2010, p. 130).

Esse entendimento da percepção das crianças calons sobre a escola, não acontece porque elas tenham medo do espaço escolar, pois demonstraram e disseram gostar, mas se deve ao fato de que entre eles ficar sozinho em qualquer que seja a atividade é algo estranho. Durante a pesquisa, não notei um cigano sozinho em qualquer atividade.

Essa forma de interação dos ciganos é uma prática internalizada que se estende aos mais jovens e normaliza as relações deles com o espaço que acolhem ritualisticamente, uma vez que prezam pela repetição de comportamento internalizado. As crianças tendem a reproduzir o comportamento dos pais e demais adultos da comunidade. No caso das crianças ciganas maracaense, elas internalizaram essa forma de agir e a seguem. Desde muito cedo os meninos acompanham os pais em seus negócios e as meninas ficam em casa com suas mães, sempre juntos!

Se uma calin precisar ir ao mercado, ela irá, mas sempre acompanhada por filha, nora ou parente. Geralmente, os meninos só acompanham as mães quando pequenos, os maiores as conduzem de carro, dificilmente um filho calon acompanha a mãe em suas andanças a pé, só os poucos que não

possuem veículos. Essa situação foi observada algumas vezes durante o período da pesquisa. Os filhos crescidos andam acompanhados por primos ou pelas esposas.

Diante dos dados levantados por Ferrari (2010), durante as observações dos calons do sudeste brasileiro, entre eles e os calons de Maracás, há similaridades no que diz respeito à escola. Assim, ela escreve o fruto de suas observações e diz:

Não obstante, a relação dos pais com a escola permanece a mesma. As crianças vão à escola porque “gostam”, não porque seus pais querem. Dizem que é bom ir todo mundo junto, mostram com orgulho que já sabem ler e escrever. (FERRARI, 2010, p. 130).

A descrição realizada por Ferrari (2010) é similar as observações feitas no IEM. Durante as visitas à turma de 4º ano, do Ensino Fundamental Anos Iniciais, da Educação Básica, os alunos calons demonstraram e disseram gostar da escola, dos colegas e da regente.

Os ciganos, assim como algumas outras populações ágrafas, sobreviveram durante séculos em deslocamentos de uma área para outra. Nessa vivência enquanto sociedade de pequena escala, a comunicação se dava através da comunicação oral. Não havia necessidade da escrita. A escrita representa a formalização do conhecimento em sociedades de média e grande escala, nas quais impera a presença do Estado, que traz consigo a ideia salvacionista da educação formal.

Contudo, as sociedades tribais comungam com a resistência cigana no que diz respeito à concepção da educação fornecida pelo Estado. Essa resistência está consolidada sobre a desnecessidade da educação fornecida pelo Estado na gerencia de suas atividades cotidianas.

Ao chegar à sala de aula, da professora Marinalva Cunha, no início das atividades de classe, cumprimentei a todos, conversei brevemente com a regente e expliquei aos alunos o motivo da minha visita. Disse a eles o que estava pesquisando e que iria observar a aula da professora. Todos mostraram animação. Disse que iria me sentar, logo um dos alunos não cigano sugeriu que eu me sentasse junto dele.

Agradei a gentileza e me sentei. Não disse qual era o objeto da pesquisa para que os alunos ciganos não se sentissem inibidos, pois ao adentrar a sala, notei que estes me olharam com certo receio e trocaram

olhares entre eles, como se tivessem desconfortáveis com minha presença, ou por terem me reconhecido das visitas à casa de seus parentes.

A regente ressaltou a todos que estava feliz com minha presença e que eu já havia sido diretora da escola. Todos me olharam e sorriram. No dia, de quarta feira, havia vinte e três alunos presentes, desses quatro são ciganos: dois meninos e duas meninas. Três estavam sentados juntos: duas meninas e um menino (sobrinho do chefe cigano) e um estava mais próximo à mesa da professora. Não citarei o nome dos alunos ciganos, utilizarei aqui apenas as letras iniciais de seus nomes: B (menina), F (menina), M (menino) e R (menino).

A troca de olhares entre os meninos ciganos evidencia o receio que eles possuem ao se relacionar com o mundo não cigano. Uma das possibilidades ou possível explicação para que ajam, ou reajam assim, suponho, seja pelas inúmeras perseguições que seu povo sofreu durante mais de dez séculos em todas as sociedades por onde transitaram.

Conforme Moonen (2011), a história dos ciganos pelo mundo foi marcada por perseguição da maioria gadje. O fato mais recente salientado referido pelo estudioso foi o extermínio em campos de concentração nazista, de 250 a 500 mil ciganos, o que não é registrado pelos meios de comunicação.

Devido à perseguição sofrida, os ciganos desenvolveram formas para sobreviver no mundo dos não ciganos. Podemos perceber que a proximidade dos ciganos com seus parentes formando comunidades, em meio à sociedade que os abriga é algo imprescindível para manter as suas culturas.

Contudo, ressalto que durante as observações na escola e na comunidade cigana sedentarizada em Maracás, não notei relatos, em português, sobre as perseguições sofridas por eles. Porém, destaco que durante a entrevista, quando o líder cigano esclareceu sobre a origem da sua etnia, indiretamente, ele demonstrou que as histórias da origem e peregrinação aos ciganos são transmitidas oralmente entre eles em sua língua originária, o romani.

As mesas e cadeiras dos alunos estavam organizadas em círculo. O espaço contava com um armário pequeno próximo à lousa, a mesa e a cadeira da regente e alguns cartazes nas paredes. Talvez devido ao pouco espaço de armazenamento do armário, alguns livros didáticos estavam empilhados em

algumas cadeiras no fundo da classe. Contudo, a sala estava limpa, organizada e bem iluminada. O piso apresentava algumas cerâmicas quebradas.

A regente iniciou sua aula com a correção da tarefa de casa. Uma atividade no livro de Ciências sobre os estados da água. Ela solicitou que um aluno iniciasse a leitura do texto base da atividade. Um discente se ofereceu e leu com desenvoltura. Em seguida, ela fez uma pergunta que foi respondida por muitos alunos ao mesmo tempo, como em um coro. Os alunos ciganos não demonstraram interesse em ler ou responder a solicitação da professora que, repetiu o procedimento anterior, a maioria dos demais alunos competia entre si para lerem o texto, ou responderem às perguntas.

A regente sempre atenta chamava a atenção de alguns que se dispersaram em conversas e risos e, foi de carteira em carteira verificando a ortografia, as respostas e demais ocorrências previstas em sua atividade pedagógica. Ao chegar, as carteiras dos alunos ciganos, solicitou que também fizessem as correções, uma aluna demonstrava dificuldades em escrever algumas palavras e a professora pediu para que observasse o som das letras.

Ao chegar à carteira do estudante cigano seguinte, deteve-se por um tempo maior, pois o aluno demonstrava mais dificuldades que os primos. A professora pediu que ele apagasse aquela resposta e que escrevesse a que ele havia dito um pouco antes. Contudo, ele apresentava dificuldades com os sons das letras e a formação de palavras. Em alguns momentos pronunciava uma letra e escrevia outra.

Os demais alunos também tiveram que efetuar as correções sugeridas pela professora, mas não demonstravam tantas dificuldades com a transcrição das palavras no tocante aos fonemas e letras utilizados. A cobrança maior para as correções dos alunos não ciganos se pautou na ausência de letras, concordância verbal e nominal, início de frase com letra minúscula, aspectos linguísticos pontuais e considerados pela regente como normais diante do processo de alfabetização em curso.

Pude perceber que os alunos ciganos demonstram mais habilidade em matemática que em português. Em outra oportunidade, R me mostrou orgulhoso suas tarefas de matemática, mas em Língua Portuguesa demonstra dificuldades na leitura e escrita. Essa aparente dificuldade na área de

linguagem decorre, possivelmente, do fato dos ciganos aprenderem dois idiomas e utilizarem mais o romani em seus diálogos domésticos. Sendo que o romani é uma língua ágrafa, então a escrita não é uma prática necessária entre os calon.

Antes de concluir a correção, o professor de Educação Física, chegou à porta da sala e todos os alunos vibraram. A professora sorriu e disse:

Por que fizeram essa festinha para o professor de Educação Física? Ficaram com vergonha da professora Elma, vocês não são tímidos assim (risos) [...]. Eles fazem a maior gritaria quando o professor aparece na porta. É o momento mais aguardado da semana. (Observação, 30/10/2019).

O professor de Educação Física foi meu aluno no Ensino Médio, ao me rever na escola demonstrou satisfação e ressaltou a importância das palavras de incentivo que eu havia dado a ele quando estudante. Disse diante da turma que era muito grato por meu apoio, os seus alunos me olharam demonstrando contentamento em suas feições. Contudo, antes de deixarem a sala a professora solicitou que eles pusessem os livros em baixo das carteiras. Todos fizeram isso com a maior pressa.

Para mim, a aula de EF foi um momento valioso, pois, a interação, durante as atividades físicas são mais espontâneas do que as desenvolvidas em sala de aula. Depois que guardaram os livros, deu-se início a um diálogo de acertos entre os meninos sobre o futebol. Isso ainda na sala enquanto apanhavam o short de praticar as atividades esportivas.

Notei que quando da presença do professor Manoel, o aluno cigano M vibrou, mesmo com toda timidez. Guardou o material e pegou o short rapidamente. Percebi que ele gosta da aula de EF; as meninas sorriram e R foi dizer à regente que havia esquecido o short e queria saber se o professor o deixaria “brincar” de calça jeans. A regente o orientou a perguntar ao professor. Não pude saber se houve a pergunta, pois, os meninos que já estavam enfileirados saíram para trocar de roupa.

Após a saída dos estudantes, a professora fechou a porta da sala e ficou escorando, enquanto as meninas trocavam de roupa. Ação que desenvolveram com muita rapidez e sem demonstrar constrangimento por minha presença na sala. Enquanto conversava com a regente, notei que, diferentemente das demais alunas da turma, as meninas ciganas não trocaram de roupa nem



demonstraram interesse em fazê-lo. Elas estavam vestidas com a blusa da farda, calça jeans e tênis. B trazia seu casaco amarrado na cintura e F estava vestida com o dele. Assim que todas estavam vestidas, a professora abriu a porta e algumas saíram correndo, outras aguardaram as amigas e seguiram juntas.

Enquanto a regente esperava que todas as alunas “brasileiras” trocassem de roupa, conversamos com as meninas ciganas. A regente ressaltou a inteligência das meninas e disse que se elas frequentassem “certinho”, as aulas, já estariam muito mais desenvolvidas. Lembrou que F falta mais. F se defendeu dizendo, com o sotaque próprio dos calons de Maracás: “Ah, prozinha, meus olhos ficam doendo muito. Tenho muita dor de cabeça. Aí não dá para vir, pois quando o sol está muito quente [...] é ruim. Aí eu não venho” (F., aluna calin, 30/10/2019). Eu a perguntei se os seus pais já sabiam desse problema, ela disse que já havia falado com a mãe.

A professora reafirmou que eram alunas muito sabidas e que senão faltassem tanto se saíam muito bem nas aulas. As duas sorriram e saíram para aula. Despedi-me da professora e fui ao encontro dos alunos na aula de EF que aconteceu em uma área improvisada no fundo da escola.

A área de educação física é de chão batido, como chamamos aqui um espaço não pavimentada com pedras ou cimento. É um terreno que pertence à escola, todo murado, limpo com pouca areia, do lado direito da escola, nesse espaço há um campinho com duas traves feitas com cano de ferro galvanizado. Quando cheguei esse espaço já estava ocupado pelos meninos, que dividiam os times em dois grupos, a escolha dos jogadores já havia acontecido. Desejei ver como eles escolheram os jogadores, quais critérios utilizaram, mas isso não foi possível, pois ao sair da sala da regente encontrei a merendeira e, conversamos brevemente.

Atrás de uma das traves, ficaram as meninas. A elas o professor havia distribuído os bambolês e brincavam livremente. As ciganas estavam mais reservadas, enquanto as demais conversavam, discutiam sobre o que iriam fazer. As ciganas não se envolviam com a discussão. Sentaram-se no barranco aos pés do muro da escola e aguardaram o professor que neste momento organizava o jogo dos meninos.



Assim, que o jogo de futebol começou, o professor dedicou um tempo específico com as meninas e brincou com elas de bambolê. As ciganas se aproximaram e entraram na roda com as demais. Todas se divertiram e seguiam os comandos do mestre.

Fui observar o “baba” dos meninos e notei que R estava jogando de calça jeans mesmo. R não demonstrava muito gosto pela atividade, mas se divertia. Em alguns momentos olhava para mim e sorria. Por ser o mais alto e robusto da turma, ele destoava dos demais colegas. Ele e M eram os mais altos e fortes da sala. R é moreno, de cabelo bem liso negro e olhos castanhos. M é loiro, de olhos verdes, muito parecido com o avô seu Carlão, pai do líder. F é loira, de olhos esverdeados, enquanto B é mais baixa, morena, olhos castanhos e cabelos escuros e lisos. Eles representam o fenótipo dos ciganos que se sedentarizaram em Maracás. Alguns são loiros, como o povo europeu, e outros morenos como os indianos ou os índios brasileiros.

Já M. estava vestido adequadamente e corria com empenho atrás da bola. Seus cabelos loiros esvoaçantes se contrastavam com as bochechas rosadas pelo calor da competição. Apesar de todo esforço demonstrado, M. não tinha muito acesso à bola, nem demonstrava muita habilidade. Percebi que os demais alunos incluíram os ciganos no jogo, mas, no intuito de serem bem sucedidos, preferiam realizar as jogadas com os mais habilidosos e os calons não eram exímios jogadores.

Lembro-me que certa vez vim à escola observar o recreio e, o porteiro não estava. Quem abriu o portão para mim foi B. neste dia ela trazia um terceiro olho desenhado entre as sobrancelhas. Esse elemento associado as suas características físicas, me remeteu ao povo hindu.

O sinal tocou, lembrando que já era recreio, organizaram o material da aula e voltaram correndo para a fila da merenda. Nesse momento, notei que os alunos não ciganos foram mais apressados, enquanto os ciganos se mostraram tímidos. Depois de se alimentarem, as meninas foram se encontrar com as primas e se sentaram próximas à sala de aula. Elas eram importunadas por seus primos menores que lhes davam pequenos puxões nos cabelos que as levavam a correr atrás deles. Já os meninos foram ver uma disputa de figurinhas dos colegas “brasileiros”.

Ao toque do sinal, alertando para o final do recreio, muitos alunos correram para o sanitário, outros foram beber água, fato que compromete alguns minutos da aula. Ciente da situação, a regente os chamou e retornaram para a sala, onde se deu a continuidade da aula. Todos demonstravam cansaço e a conversa paralela chamava atenção. Sabiamente a professora esperou que todos se acalmassem e pediu que fizessem silêncio.

Em outra visita, a regente organizava com a ajuda dos alunos as atividades que eles desenvolveram durante a unidade. Pareciam empolgados, mas apenas R., se deslocava de sua carteira até a de seus parentes do outro lado da sala. Em um dado momento, ele olha para mim e pergunta a colega se haveria aula no sábado. Antes que ela respondesse, ele se adiantou e afirmou que não ia “estudar em dia de defunto”. A colega sorriu e o corrigiu, dizendo que no sábado seria feriado: Dia de Finados. Ele fez uma cara de nojo diante da afirmação da colega.

Inquieto, veio até a carteira onde eu estava sentada e me mostrou suas atividades escolares. Orgulhoso com seu desempenho em matemática, ele me mostrou seus cálculos corrigidos pela regente. Continha poucos erros, aqueles que não estavam atrelados a um problema. Contas envolvendo as operações matemáticas de soma e subtração, principalmente. Quando o questionei sobre a escrita, ele meneou a cabeça e com a expressão facial demonstrou não ir tão bem, mas fez questão que eu folheasse suas tarefas e observasse sua letra: “É até bonita, né”? Eu concordei e ele demonstrou contentamento. Indaguei a ele se já estava lendo. Ele fez um gesto com a mão indicando que sua leitura ainda precisava de ajustes, mas sem pestanejar leu com dificuldades um trecho de um texto do livro de Ciências.

R. é muito comunicativo e espontâneo, quanto seus parentes, se mostram mais calados e distantes da agitação da classe. A professora solicitou B. que se levantasse e auxiliasse a colega a entregar os livros didáticos de carteira em carteira. Ela se levanta e faz o que foi solicitado, mas sem demonstrar muito apreço pela tarefa.

Perguntei a eles se gostam da escola, responderam: “Eu gosto da escola. Aqui é bom, sossegado. A professora é gente boa, educada [...]”. (F., aluna calon 12 anos, 30/10/2019); “Eu gosto, porque é a escola é boa. A gente estuda [...]é bom”. (B., aluna calon, 10 anos, 30/10/2019); “Eu gosto da escola,

da professora, mas não gosto muito dos deveres”. (R., aluno calon, 11 anos, 30/10/2019).

Podemos perceber que eles se sentem bem acolhidos na Instituição e dizem gostar. Vale ressaltar que não demonstram muita empolgação em suas respostas. M. apenas abaixou a cabeça e deu um leve sorriso, mas não quis responder.

Ainda mais superficiais foram as respostas relacionadas à pergunta: Você gosta de estudar? De maneira geral, responderam que sim. Quando os questionei se já sofreram preconceito na escola, disseram que sim, mas não quiseram relatar. Demonstraram rapidez ao responder o que mais gostam na escola: “o recreio” (aqui em Maracás a expressão recreio equivale ao intervalo de 15 minutos destinados a merenda e descanso dos alunos e professores).

Como nos demais momentos, pude perceber que os alunos ciganos se mostram calados e distantes no ambiente escolar. Como se aquele espaço físico não os pertencesse. As suas principais interações acontecem entre seus familiares ou parentes dentro da sala de aula, ou no recreio com parentes que estudam em outras séries, aqui chamados de anos.

Além de ser uma reprodução do comportamento adulto, demonstra que a cultura internalizada no interior das residências, repercute em outros espaços sociais. As crianças ciganas demonstram entender o jogo étnico nas relações de percebem que, pode ser muito perigoso em uma sociedade onde são minoria. Eles trazem internalizada a noção que são uma minoria, não ideológica, mas em termos de número de sujeitos no enfrentamento com a sociedade majoritária.

Mais uma vez, um aspecto cultural, se faz presente na análise desses dados quanto à desistência ocorre, quando os adolescentes deixam de estudar para se casar. O casamento é um acontecimento importante para um calon, enquanto a escolarização é algo pouco importante, uma vez que no mundo do trabalho para o calon, em Maracás, não há espaço par o emprego formal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo sedentarizados, a cultura calon se mantém e é transmitida pelos ciganos no seio do grupo. Essa fronteira étnica é viva e forte.

Se considerarmos, as primeiras penetrações dos europeus nessas paragens, Maracás é um dos mais antigos municípios baianos. Desde o século XVI, esse território convive com os encontros e desencontros de etnias.

Os índios Maracás foram os primeiros habitantes. Com o início da colonização portuguesa, veio o branco europeu cristão católico – essa distinção é necessária, pois os calon, em sua maioria, também são brancos, mas na época da colonização não eram considerados cristão nem católicos, hoje muitos se consideram católicos, apesar de não praticarem os preceitos doutrinários dessa instituição religiosa.

Em Maracás, as penetrações dos colonizadores simbolizaram lutas entre as etnias. A principal consequência desses embates sangrentos foram os brancos tomarem posse das terras que, segundo Aguiar (2013), serviu para a criação de gado, fomentando a cultura do boi da qual resulta a invenção do caboclo Boiadeiro. Nesse contexto, os negros foram mais uma das etnias a se encontrarem nessa região devido à força da escravidão.

Assim, nesse planalto essas três etnias passaram a interagir e deu origem a criação da cidade. Mais tarde outros grupos étnicos como os ciganos, alemães e italianos vieram ampliar as relações étnicas.

Diante desse contexto, a etnia e a religião em Maracás se construíram em fatores de segregação social. Prova disso, temos a existência do bairro do Cuscuz e o Maracaizinho, enquanto locais onde reside a maioria das pessoas que não se enquadravam nos parâmetros da elite local.

O IEM é a unidade escolar que, como já dissemos, abriga alunos oriundos das classes populares e, foi à escola regular do município que acolheu os filhos dos ciganos. A princípio, mesmo tendo sofrido discriminação com a presença da etnia calon, a escola conseguiu desenvolver um trabalho que permitisse a convivência entre os grupos étnicos, se tornando um local de interação entre as etnias.

A sedentarização marca o início do estreitamento das fronteiras étnicas mantidas pelos ciganos durante séculos aqui no Brasil. Através dela, os calon

passaram a conviver cotidianamente com os “brasileiros” e, também, a ter acesso aos benefícios sociais e aos bens de consumo.

O olhar atento as sutilezas da investigação foi à chave para as respostas. Realizar esse estudo com os ciganos foi um desafio, pois os calons sedentarizados em Maracás não aceitam que o pesquisador se envolva diretamente com suas atividades ou que fiquem durante muito tempo em suas casas.

Desta forma, conseguimos alcançar ao nosso principal objetivo, pois percebemos que a construção das fronteiras entre as etnias é existente, mas ela não simboliza segregação entre os grupos. Devido ao trabalho pedagógico realizados pela instituição de ensino e o comportamento discreto dos ciganos com relação à aceitação das normas escolar, os conflitos entre as etnias são mínimos. Permanecem os dilemas com relação à frequência escolar e ao interesse demonstrado pelos alunos ciganos com o processo de alfabetização e letramento exigidos pela escola aos estudantes.

Devido aos aspectos culturais os alunos ciganos, assim como muitos outros, não se mostram muito preocupados em responder aos anseios do sistema escolar que deseja padronizar a aprendizagem das crianças e jovens em um mesmo nível. Esse é o dilema que a escola ainda enfrenta no desenvolvimento de sua prática pedagógica.

As relações étnicas entre os alunos ciganos e demais componentes no espaço escolar são permeadas pela preservação da cultura por parte dos estudantes ciganos, os quais demonstram entender o que significa ser cigano e a importância dessa compreensão para o fortalecimento de sua etnia enquanto grupo minoritário numa sociedade que, os discriminou e silenciou sua existência durante séculos.

Assim, a cultura e costumes dos ciganos calon que, se sedentarizaram neste município, preservam símbolos que nos permite identificar a presença de elementos de cultura, bem semelhantes aos descritos nas pesquisas realizadas por Senna (2005), na cidade baiana de Utinga e Ferrari (2011), no Sudeste brasileiro, sobre as tradições do povo calon.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Itamar Pereira de. *Os candomblés do sertão: a diversidade religiosa afro, indígena, brasileira*. In: MARTINS, P. C. B.; OLIVEIRA, S. C. C. G. da S. S. de (orgs.). **Diversidade religiosa do Brasil contemporâneo**. Goiânia: Kelps, 2013.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia*. 3ª. ed. São Paulo: Edições MMM, 2012.

ARISTCTH, Jordana. *Ciganos: a verdade sobre nossas tradições*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1995.

ARRUT, José Maurício. "Etnicidade", In: *Dicionário crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa*. (Orgs.), SANSONE, Lívio; FURTADO, Cláudio Alves. Salvador: EDUFBA, 2014.

BAGNO, M. *Preconceito Linguístico: o que é como se faz?* São Paulo: Edições Loyola, 2005.

BOUDIEUR, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Senado Federal. Brasília: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. *Documento Orientador para os Sistemas de Ensino*. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília: 2014.

CLIFFORD, James. *Sobre a autoridade etnográfica*. In: **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. (Org.). José Reginaldo Santos Gonçalves. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

\_\_\_\_\_, James. *A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. (Org.). José Reginaldo Santos Gonçalves. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2008.

ELIADE, Mircea. *Imagens e Símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FRAZITO, Dimitri. *Transnacionalismo e Etnicidade— a construção Simbólica do Romanesthàn (Nação Cigana)*. 2000. 192f. Dissertação (Mestrado em

Antropologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

FERRARI, Florência. *O mundo passa: uma etnografia dos calon e suas relações com os brasileiros*. (Tese de Doutorado). Departamento de Antropologia Social, USP, São Paulo, 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: dicionário da língua portuguesa*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FENTON, Steve. *Etnicidade*. Lisboa: Editora Piaget, 2003.

FILHO, Mello Moura. *Os ciganos no Brasil: contribuição etnográfica*. Rio de Janeiro: B.L. Garnier – Editor, 1886.

FONSECA, Clovis Pereira da. *Maracás: história, mitos e magia*. Coleção Cidades da Bahia. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, 2006.

FONSECA, Isabel; SENNA, Ronaldo Salles de. *A sêda esgarçada: configurações sócio-cultural dos ciganos de Utinga*. Feira de Santana-BA: Editora – UEFS, 2005.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnico Científicos, 1989.

GUIMARÃES, Jerry Santos. *O clube do Cuscuz: espaço de festa, identidades e resistências*. Monografia (Graduação de História) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2003, (mimeo), p. 53-63.

GOLDEFARB, Maria Patrícia Lopes. *O tempo de atrás: um estudo da construção da identidade cigana em Sousa– PB*. Tese (Doutorado em Sociologia), João Pessoa, UFPB, 2004.

GRELLMANN, Heinrich. MOONEN, Frans. *Anticiganismo: os ciganos na Europa e no Brasil*. 3ª. ed. digital e revista e atualizada. Recife: 2011.

HALBWACHS, Maurice: *A Memória Coletiva*. 10ª. ed. São Paulo: Vértice, 1990.

HILKNER, Regiane Aparecida Rossi. *Ciganos: peregrinos do tempo – ritual, cultura e tradição*. Campinas: [s.n.], 2008.

HOFBAUER, Andreas. *Racismo na Índia? Cor, raça e casta em contexto*. **Revista Brasileira de Ciências Política**, nº 16. Brasília, jan. – abr. de 2015, pp. 153-191.



- HOBBSAWN, Eric. *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- LUCENA, Thiago Isaias Nóbrega de. *Feiras livres: cidades de um só dia, aprendizados para uma vida inteira*. [Recurso eletrônico] /. Thiago Isaias Nóbrega de Lucena, José Willington Germano. Natal: EDUFRRN, 2016.
- MACHADO, Ivana Karoline Novaes. *Cultuando a essência dos que se foram: o candomblé no sertão dos Maracás*. Ivana Karoline Novaes Machado. – Jequié, UESB, 2016.
- MINAYO, M. C. S. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 28ª. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.
- MOONEN, Frans. *Anticiganismo: os ciganos na Europa e no Brasil*. 3ª. ed. Digital, revista e atualizada. Recife:2011.
- MOTTA, Ático Vilas Boas da. *Ciganos: poemas em trânsito*. Macaúbas: Fund. Cul. Prof. Motta, 1998.
- MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis -RJ: Vozes, 1999.
- NASCIMENTO, Elvira Sá do. *Hino do Município de Maracás*. Prefeitura Municipal de Maracás, 1980.
- NASCIMENTO, Washington Santos. *Africanos e negros na Região Sudoeste da Bahia: histórias, culturas e influências*. In: SANTANA, Marise de (org.). **ODEERRE**: formação docente, linguagens visuais e legado africano no sudoeste baiano. Vitória da Conquista - BA: Edições UESB, 2014.
- NOVAES, João Reis. *De tropeiro a coronel: ascensão e declínio de Marcionílio Antônio de Souza (1915-1930)*. 2009. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Bahia (UFBA), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2009.
- OLIVEIRA, Reinaldo José da Silva. *As relações etnicorraciais e educação escolar indígenas: relatos de pesquisa* (Org.). Vitória da Conquista - BA: Edições UESB, 2017.
- PARAÍSO, Maria Hilda Barqueiro. *A confederação dos índios gren e kiriri na capitania de Ilheus a tentativa de recuperar a autonomia*. Trabalho financiado pela Fundação Banco do Brasil, apresentado na XVIII Reunião do ABA – Belo Horizonte, 1992.
- PIERONI, Geraldo. *Vadios, heréticos e bruxas: os degredados portugueses no Brasil-colônia*. Salvador: UFBA, 1991.



- POLACK, Michel. *Memória e identidade social*, In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro: v, 15º, nº. 10, 1992.
- POUTIGNAT, Philippe; FENART, Streiff- Jocelayne. *Teorias da etnicidade*. (Seguido de Grupos Étnicos e suas fronteiras, de Fredrick Barth). 2ª. ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.
- RAMOS, Aline Oliveria; SANTANA, José Valdir Jesus de; SANTANA, Marise de. *Relações etnicorraciais e educação escolar indígena: relatos de pesquisa* (Org.). José Valdir Jesus de Santana. Vitória da Conquista - BA: Edições UESB, 2017.
- SAMPAIO, Theodoro. *O Tupy na geografia nacional: memória lida no Instituto Histórico Geográfico de São Paulo*. São Paulo: Typ. da Casa Eclectica, 1901.
- SANTOS, Ocerlan Ferreira; NASCIMENTO, Washington Santos. *Viver e morrer no sertão baiano: dimensões da vida negra em Maracás/BA (1877-1887)*. **Revista Eletrônica Cadernos de História**, vol. VII, ano 4, nº 1, julho de 2009, p. 101-114.
- SAWAIA, Bader (Org.). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2016.
- SENNA, Ronaldo Salles de. *A seda esgarçada: configuração sócio-cultural dos ciganos de Utinga*. Feira de Santana-BA: Editora UEFS, 2005.
- SILVA, Marina Helena Chaves; MOTA, Valéria Lessa. *Festa de São João em Maracás: as velhas tradições se mantêm*. In: Lemos, Maria Teresa Turíbio Brittes, Luiz Henrique Nunes (orgs.) **Percursos da Memória: construções do imaginário Nacional**. Rio de Janeiro: UERJ, NUSEG, 2000. p. 175-180.
- SILVA, Tomas Tadeu da. *Identidade e diferença*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.
- SIERING, Friedrich Câmera. *Conquista e dominação dos povos indígenas: resistência no sertão dos Maracás (1650-1701)*. 2008. (Dissertação de Mestrado) História Social, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.
- SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2009.
- SOUZA, Flávio Guimarães de. *A cidade de Maracás-Ba, a partir da implantação do projeto de mineração de Vanádio*. Salvador, 2014.
- SOUZA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo da terra do Brasil em 1587*. São Paulo: Editora Nacional, 1987.

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. *História dos ciganos no Brasil*. Recife: Núcleo de Estudos Ciganos, 2008, p. 127.

TOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 9ª. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

#### ENDEREÇOS ELETRÔNICOS

Fonte: <https://www.google.com.br/maps>. Acesso em 25 jan.2019.

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2008/lei-11645-10-marco-2008-572787-publicacaooriginal-96087-pl.html> acessado em 08/05/2020.

<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=3w9BA>. Acesso em 13 mai.2020.

<http://caminhosciganos.com.br>. Acesso em 02set. 2020.

**ANEXO**

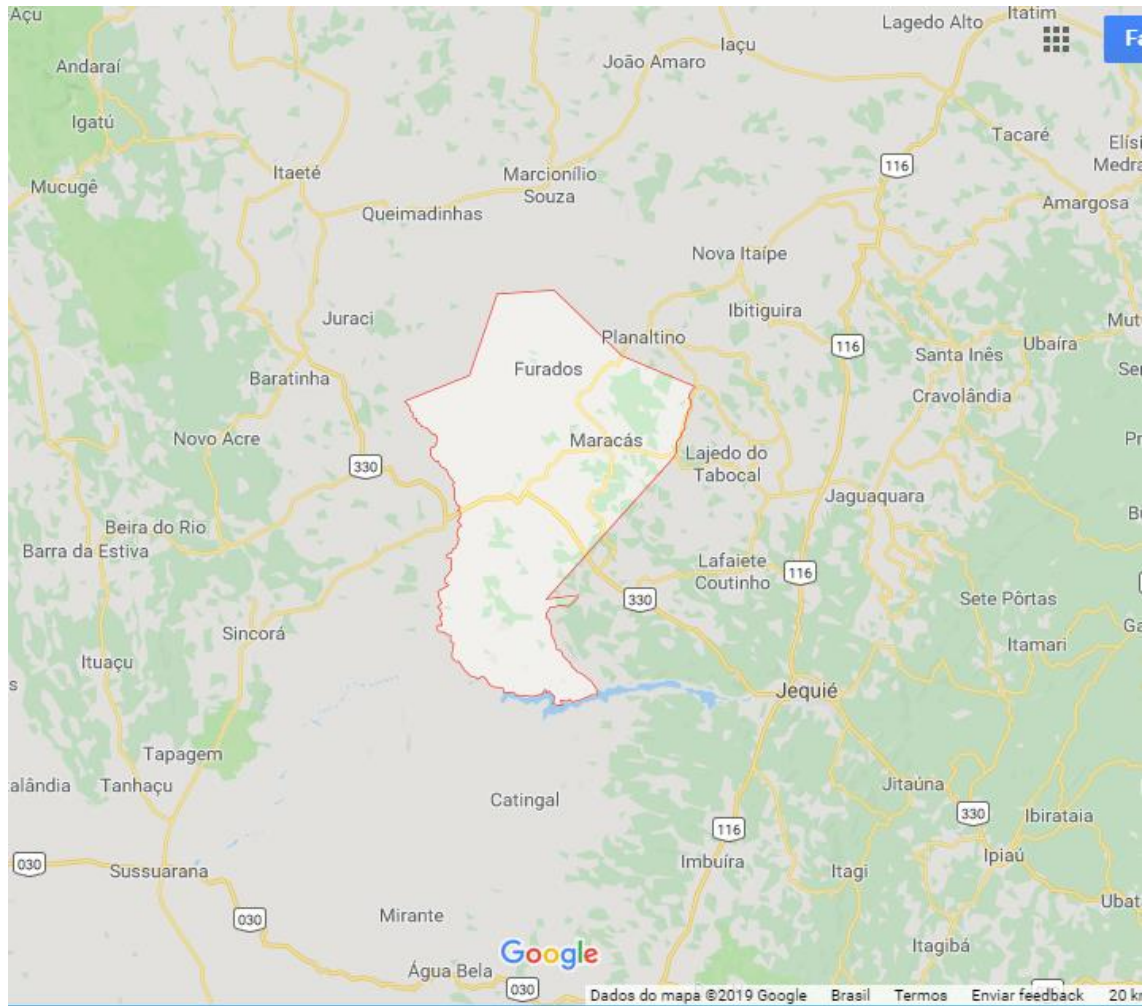
## ANEXO I



Mapa de Localização de Maracás no Estado da Bahia

## ANEXO II

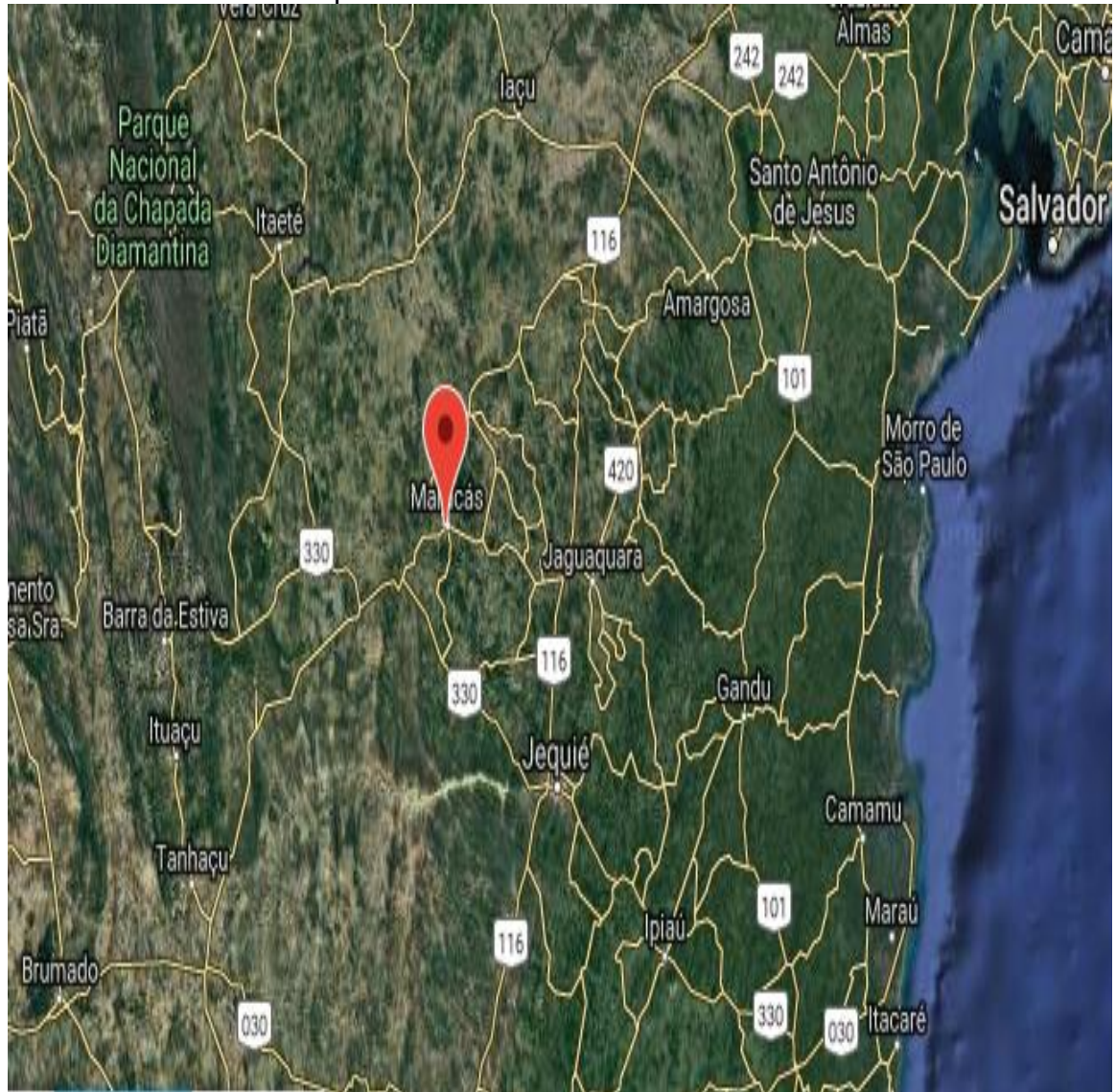
### Mapa de Localização Limítrofe de Maracás





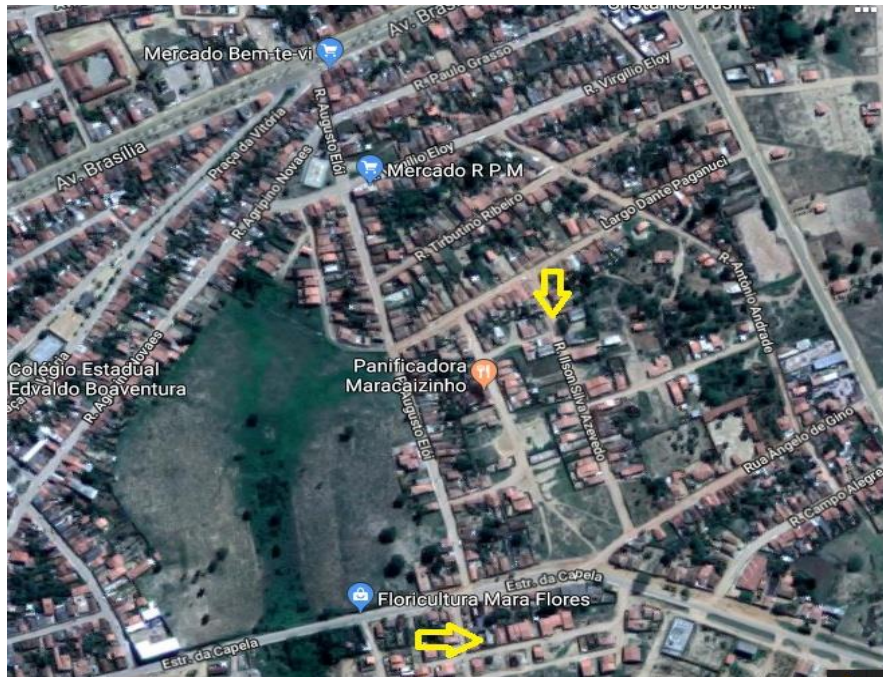
**ANEXO III**

Mapa Divisão Política de Maracás



## ANEXO IV

Mapa de Localização da rua onde residem os ciganos do clã estudado na cidade de Maracás – BA



Fonte: <https://www.google.com.br/maps> acessado em 25/01/2019



**ANEXO V**

Rua dos Ciganos



Acervo pessoal

**ANEXO VI**

FOTO DA FACHADA DA ESCOLA IEM



- Arquivo do IEM



## ANEXO VII

PREFEITURA MUNICIPAL DE MARACÁS – ESTADO DA BAHIA.  
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, CULTURA, ESPORTE E LAZER.



IEM - INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DE MARACÁS.  
Ato de Criação: 044/95D.O. 29.12.1995  
Rua Renato Vaz Sampaio, s/nº Bairro Caixa D'Água, CEP  
45.360-000



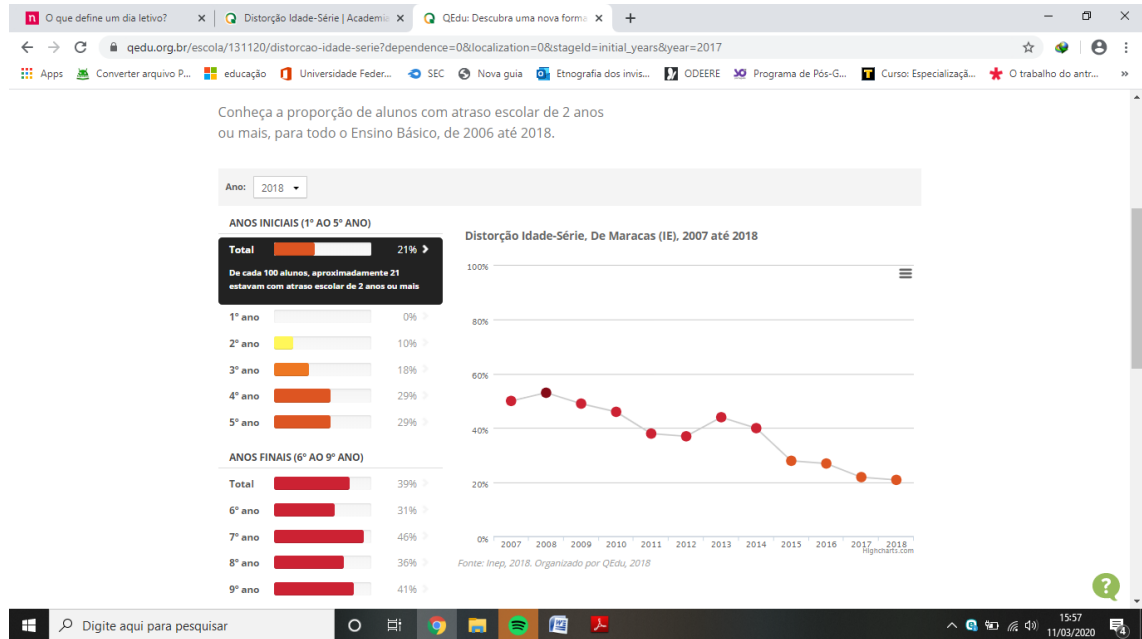
TEL: (73) 3533-2500 e-mail: [iem.escolamaracas@gmail.com](mailto:iem.escolamaracas@gmail.com)

## RELAÇÃO NOMINAL DOS ALUNOS DA CULTURA CIGANA DO IEM - 2018

Nº	ALUNOS	Data de nascimento	Ano	Endereço
1.	Bianca Costa Barreto	29.12.2009	2º Ano	Rua João Andrade, 38 Maracaisinho
2.	Bruna Barreto de Andrade	23.10.2008	4º Ano	Rua Nestor Sá, s/nº AABB
3.	Caique Costa Barreto	16.11.2003	5º Ano	Rua João Andrade, 38 Maracaisinho
4.	Caique Sampaio Barreto	06.01.2006	5º Ano	Rua Otílio Catalão, 97 – Boa Vista
5.	Daniela da Cruz Barreto	02.10.2009	3º Ano	Rua Hugulino J. da Rocha, 26 Maracaisinho
6.	Fernanda Barreto de Andrade	03.01.2006	4º Ano	Rua Nestor Sá, s/nº AABB
7.	Gabriela Fiuza Barreto	15.05.2008	4º Ano	Rua Everaldo Arruda, 330 Maracaisinho
8.	Jean Gama Barreto	20.03.2004	6º Ano	Rua Augusto Eloy, s/nº Maracaisinho
9.	Jirlian Gama Barreto	14.06.2009	3º Ano	Rua Everaldo Arruda, 134 Maracaisinho
10.	Jutauan Rocha Soares	07.03.2003	7º Ano	Rua das Hortencias, 35Boa Vista
11.	Kelly da Cruz Barreto	17.11.2006	5º Ano	Travessa Augusto Eloy, 91 – Maracaizinho
12.	Mairone da Cruz Doria	12.01.2008	3 Ano	Rua São Gabriel, 133 Maracaisinho
13.	Naiara da Cruz Doria	17.10.2004	5º Ano	Rua Hugulino José da Rocha, 103 - Maracaisinho
14.	Sailon do Nascimento Barreto	27.04.2008	4º Ano	Rua Everaldo Arruda, 30 Maracaizinho
15.	Tainara Soares de Andrade	09.12.2006	5º Ano	Rua Castro Alves, 91 – Maracaizinho
16.	Tauan Fiuza Barreto	14.03.2005	6º ano	Rua Hugulino José da Rocha, 140 - Maracaisinho
17.	Vitor Almeida Barreto	16.01.2010	3º Ano	Rua Everaldo Arruda, 190 Maracaisinho
18.	Vitor Samuel Soares de Andrade	07.07.2010	2º Ano	Rua Castro Alves, 91 Centro
19.	Vitória Gama Barreto	29.09.2007	5º Ano	Rua Everaldo Arruda, 134 – Maracaizinho

## ANEXO VII

### DEFASAGEM IDADE/ANO DO IEM



Fonte: [https://www.qedu.org.br/escola/131120/distorcao-idade-serie?dependence=0&localization=0&stageld=initial\\_years&year=2017](https://www.qedu.org.br/escola/131120/distorcao-idade-serie?dependence=0&localization=0&stageld=initial_years&year=2017) 11/03/20

**ANEXO VIII**

Alunas do IEM no recreio da escola



Acervo pessoal

Aluno Wesley Rodrigues, cigano calon, 18 anos, 6º ano B/Matutino- 2019.



Acervo pessoal



## ANEXO IX

Meninas ciganas, alunas do IEM, que desfilaram durante as comemorações do aniversário da cidade



Acervo do IEM

Desfile cívico 2018



Acervo do IEM

**ANEXO X**

**Casamento cigano – Carros dos calons**



Acervo pessoal

**Salão de festa arrumado para o casamento de Kaun e Karol**



Acervo pessoal



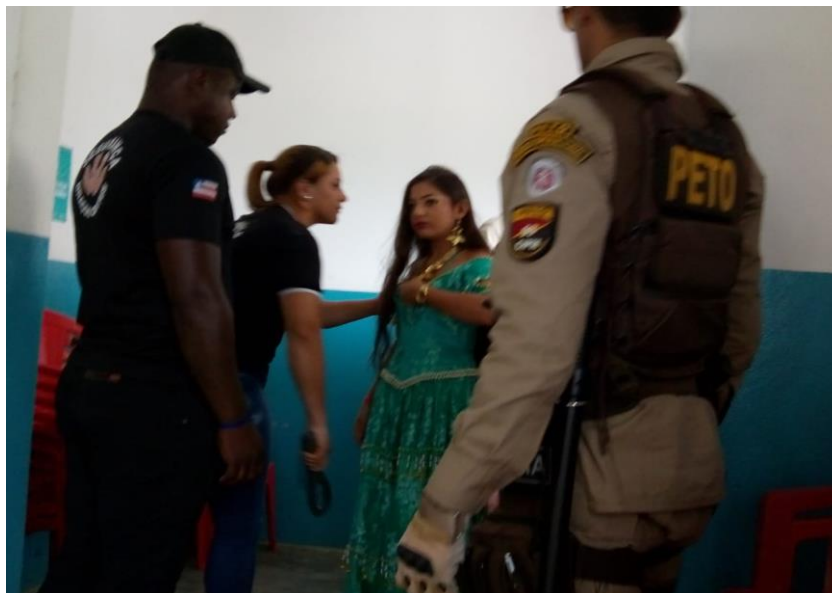
## ANEXO XI

Momento de revista – O líder cigano é revistado



Acervo pessoal

As mulheres são revistadas por uma mulher



Acervo pessoal

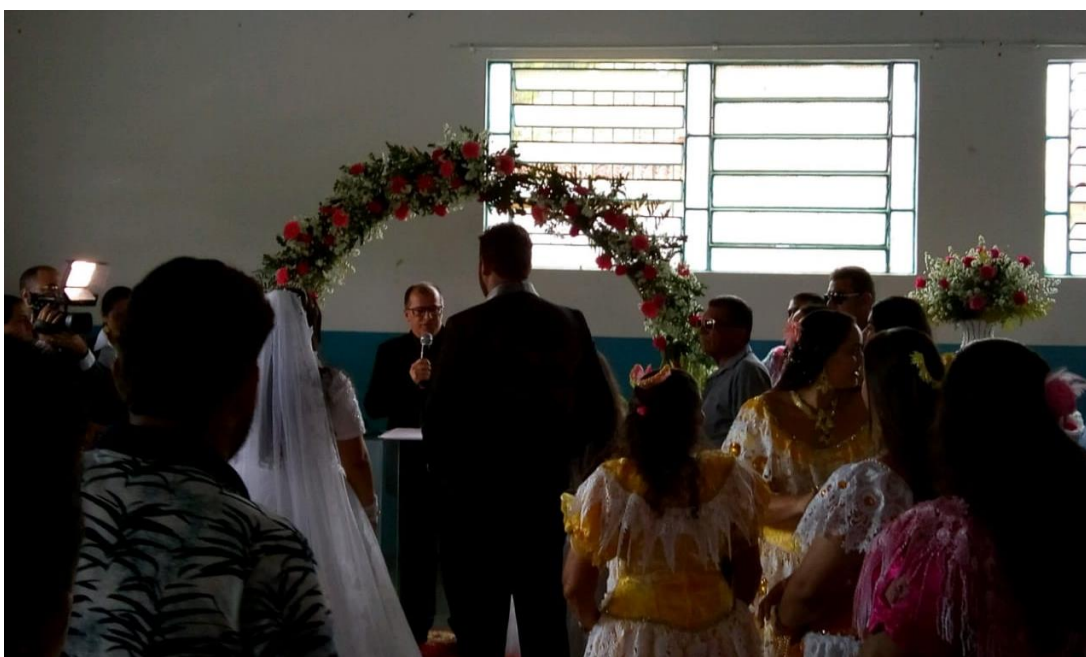
## ANEXO XII

### Cerimônia de casamento



Acervo pessoal

### Pastor Junior Mello realiza cerimônia



Acervo pessoal

**ANEXO XIII**

Os noivos (Kauã e Karol)



Acervo pessoal

Karol, a jovem noiva



Acervo pessoal



### ANEXO XIV

Os pais dos noivos



Acervo pessoal

### ANEXO XV

Início do baile

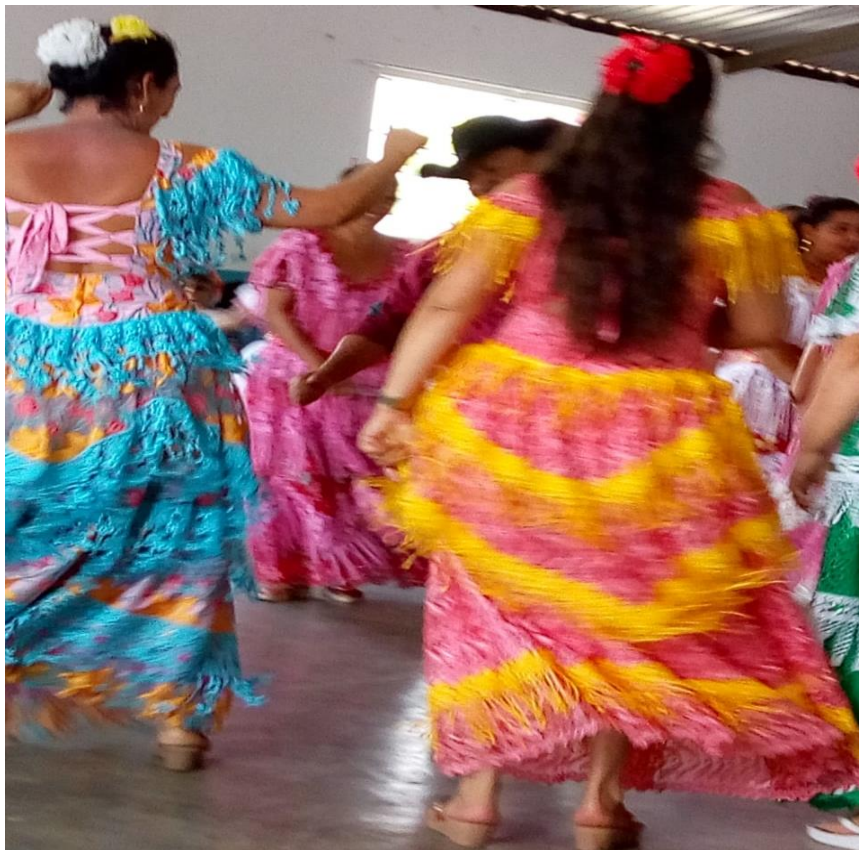


Acervo pessoa

**ANEXO XVI**  
Muita animação



Acervo pessoal





**ANEXO XVII**

Três gerações de calin, Neide, Daniela e a netinha



Acervo pessoal

Leonardo, filho de chefe cigano



Acervo pessoal

**ANEXO XVIII**  
Leandra, filha do chefe cigano



Acervo pessoal

Lia, viúva calin



Acervo pessoal

**ANEXO XIX**

As fotos dessa seção pertencem ao arquivo pessoal da informante, Carla Guimarães.



Carla Guimarães, a informante



**ANEXO XX**

Chegada a Maracás do grupo cigano que a família biológica de Carla fazia parte



Acervo pessoal de Carla Guimarães

**ANEXO XXI**

Acampamento calon (início dos anos 80)



Acervo pessoal de Carla Guimarães



**ANEXO XXII**

Dona Roquelina, mãe adotiva de Carla, visitando com ela o acampamento da família calon



Acervo pessoal de Carla Guimarães

**ANEXO XXIII**

Carla (ao centro) vestida com trajes tradicionais de ciganas



Acervo pessoal de Carla Guimarães



**ANEXO XXIV**

Carla com os irmãos e sobrinhos



Acervo pessoal de Carla Guimarães

## ANEXO XXV

Entrevista com o chefe cigano

Local: residência, Rua Ugulino José da Rocha, Sn, Maracaizinho,  
Maracás– BA

**Elma Cerqueira Barretto Lago:** Como é seu nome completo?

**Chefe cigano:** Landito Fiuza Barreto

**Elma Cerqueira Barretto Lago:** Qual a origem do povo cigano?

**Chefe cigano:** Dona Elma, a origem do meu povo é indiana. Meu povo veio da Índia. Agora (pausa), agora eu digo isso, pois nossos antepassados disseram que viemos de lá, viemos da Índia. Meus avós, bisavós diziam isso, mas eu não sei como é isso, pois eu não conheço a Índia, não sei para que lado fica. Eu prefiro dizer que sou daqui dessa região daqui. Planaltino onde nasci, Maracás, Jequié, Jaguaquara, Entrocamento, Lagedo do Tabocal. Os mais velhos diziam para gente, mas eu não entendo.

**Elma Cerqueira Barretto Lago:** Os ciganos são todos iguais ou pertencem a grupos diferentes? Sua família pertence a qual desses grupos?

**Chefe cigano:** Não, dona Elma, tem várias famílias de ciganos. Cigano não é tudo igual. Os sinti, os Kalderash, calon... a gente é calon.

**Elma Cerqueira Barretto Lago:** O que é ser um cigano calon?

**Chefe cigano:** Ser um cigano calon é se envolver com o comércio. É comprar, vender, trocar [...] a gente faz negócio e vive disso.

**Elma Cerqueira Barretto Lago:** Os ciganos possuem um idioma secreto? Qual o nome da língua cigana falada por vocês?

**Chefe cigano:** Nós temos uma língua que aprendemos desde criancinhas dentro de casa. Um menininho desse (aponta para um sobrinho de 1 ano e 8 meses) com três anos já vai saber a língua. Ela só é falada por cigano. Nossa língua é o romani [...] calon fala o romani.

**Elma Cerqueira Barretto Lago:** O senhor ainda é jovem e é o chefe cigano local. Como é escolhido o chefe de um grupo cigano?

**Chefe cigano:** Geralmente, o chefe cigano é aquele que sabe dialogar com as pessoas, que tem mais conhecimento com a população, que negocia bem com os brasileiros.

**Elma Cerqueira Barretto Lago:** O chefe cigano te poder para tomar decisões importantes em nome da família?

**Chefe cigano:** O chefe cigano é um negociador. Agora se tiver uma situação importante para resolver, tem que ser decidido pelo Kris, que é formado pelos homens do grupo e o que foi decidido será feito para a vida ou para... morte.

**Elma Cerqueira Barretto Lago:** Observei que aqui (Maracás) não há família cigana muito rica e outra muito pobre como se ver entre os brasileiros. Por que isso acontece?

**Chefe cigano:** Nós vivemos como Deus permite, dona Elma, pelas graças de Deus. Somos uma família e temos que ajudar um ao outro. Tem cigano muito rico nesse mundo, tem família muito pobre também. A gente vai vivendo como Deus nos permite [...] devagarzinho a gente vai melhorando. Graças a Deus todos os ciganos que vivem aqui já têm sua casinha, a maioria tem seu carro para andar [...] têm os que chegaram depois, mas já tão se organizando.

**Elma Cerqueira Barretto Lago:** Como era a vida nômade de uma família cigana? O senhor sente saudade do nomadismo?

**Chefe cigano:** Era muito difícil. Vivíamos de cidade em cidade, sem parada. Eu e meus irmãos não podemos estudar, pois cada dia estávamos em uma cidade diferente... era uma vida muito difícil [...] complicado. A vida era muito corrida para os pais da gente, agora é mais fácil, mais favorável. Ainda tem muito cigano que vive nômade. Eles gostam e não querem parar.

**Elma Cerqueira Barretto Lago:** O que mais mudou na vida dos ciganos de sua família?

**Chefe cigano:** A vida dos ciganos ficou mais favorável depois do governo do ex-presidente Lula. Foi ele que olhou para nós, ciganos [...]. Foi Lula que criou o Dia dos Ciganos, em 24 de maio, dia de Santa Sara, a santa do povo cigano. Ele deu direitos aos ciganos. A vida da gente mudou depois do governo dele. Antes ninguém pensou na gente, para os outros (presidentes) nós não existíamos... não éramos ninguém. Agora cigano tem direitos e pode viver tranquilo, ser respeitado como um cidadão. Hoje, tem parente nosso que é vereador, prefeito, advogado [...] gente grande, pois achou oportunidade. Ainda tem muito cigano pelo mundo, mas a vida da gente é bem melhor hoje.

**Elma Cerqueira Barretto Lago:** Em sua opinião, ainda há preconceito com o povo cigano?

**Chefe cigano:** É [...] existe ainda, mas está mudando muito. Antes era pior, agora a gente tem direito e sabe se defender.

**Elma Cerqueira Barretto Lago:** Os ciganos casam cedo. Por que isso acontece? Qual a importância do dote?

**Chefe cigano:** O casamento é muito importante para nós. Geralmente, os pais conhecem uma família boa que também tem filho, vê que é gente de confiança e ajesta o casamento. Hoje, tem pais que permitem que seus filhos escolham com quem casar, mas tem que fazer o acordo com os pais. A família é a vida de um cigano! O dote é um valor que os pais acertam para que o casal possa começar a negociar para sustentar a família deles...é uma ajuda, vamos dizer assim.

**Elma Cerqueira Barretto Lago:** Qual a religião dos ciganos?

**Chefe cigano:** Antes não, mas hoje em dia tem cigano crente, cigano no candomblé [...]. Tem cigano pastor, mas eu sou católico. Minha filha gosta de ir à igreja dos crentes, mas eu sou católico, devoto de Nossa Senhora Aparecida. Eu vou a Lapa de Bom Jesus todos os anos e levo minha família.

**Elma Cerqueira Barretto Lago:** Os filhos dos ciganos estão matriculados nas escolas do município. Qual a importância da escola na vida de um cigano?

**Chefe cigano:** É muito importante, pois a escola ensina ler e escrever. A pessoa que não tem a leitura sofre muito... tem que ficar pedindo ajuda aos outros para ler um documento [...] a escola é importante. Faz muita falta não saber ler e escrever...eu sei assinar meu nome, mas não sei ler. Meu filho Leonardo sabe ler e escrever, mas ficou com preguiça de ir para a escola. A senhora sabe que eu me esforcei para ele continuar, mas não houve jeito. Queria que ele se formasse [...]. Hoje já tem cigano doutor

formado. A gente tem parente advogado em Camaçari, tem uns primos formados outros se elegeram vereador, prefeito... a escola ajuda.

**Elma Cerqueira Barretto Lago:** O casamento cedo tira os alunos ciganos escola. O que o senhor pensa sobre isso?

**Chefe cigano:** Enquanto vive com os pais, os meninos não têm responsabilidade, mas depois que casa passam a ter. Aí fica difícil ir para a escola [...] os maridos não querem que suas mulheres deixem as coisas de casa para ir à escola. Depois que casam fica difícil ir para a escola.

**Elma Cerqueira Barretto Lago:** Alguma criança cigana já sofreu preconceito, bullying, na escola? Como vocês reagiram?

**Chefe cigano:** Cigano gosta de paz, de viver em paz com todo mundo. As nossas crianças são ensinadas para saberem respeitar os outros.

## ANEXO XXVI

Entrevista com morador local, o senhor Gersínio dos Anjos

Local: sua residência, Praça Rui Barbosa, nº XX, Centro, Maracás – BA

Entrevista realizada com o senhor Gersínio dos Anjos, professor aposentado, 89 anos. Em sua residência e concedeu a seguinte entrevista em 29 de janeiro de 2019.

**Elma Cerqueira Barretto Lago:** O povo cigano vive no Brasil desde o descobrimento. O (A) senhor (a) conhece a história deles?

**Gersínio dos Anjos:** Não, sei muito. Sei que vieram como degredados, mas a origem, eu não sei. Ouço dizer que vieram da Índia, outros dizem que do Egito, mas não sei ao certo.

**Elma Cerqueira Barretto Lago:** Podemos afirmar que os maracaenses e os ciganos possuem culturas parecidas?

**Gersnio dos Anjos:** Olha, acredito que sejam diferentes, mas conheço pouco sobre eles.

**Elma Cerqueira Barretto Lago:** Em sua opinião, que características as diferenciam?

**Gersíínio dos Anjos:** Eles costumam casar seus filhos ainda muito jovens, 13, 14 anos. Essa prática não se vê entre nós.

**Elma Cerqueira Barretto Lago:** No Brasil, a lei determina que as escolas estudem a cultura de povos indígenas e afro-brasileiros, contudo, não há uma obrigatoriedade para o estudo da cultura dos ciganos. Em sua opinião, por que isso acontece?

**Gersínio dos Anjos:** Verdade, as escolas não falam sobre o povo cigano. Talvez porque seja um grupo menor de indivíduos, diferentemente dos



negros que vieram em grande número para o país devido a escravidão ou os indígenas que foram os primeiros habitantes do Brasil.

**Elma Cerqueira Barretto Lago:**O (A) senhor (a) sabe qual a data em que se comemora o Dia do Cigano? Em sua opinião, é importante a existência de uma data em homenagem a essa etnia?

**Gersínio dos Anjos:** Não sabia. Divulgam pouca essa data.

**Elma Cerqueira Barretto Lago:**Como o (a) senhor (a) vê o povo cigano?

**Gersnio dos Anjos:** Eu os vejo como um povo exótico, diferente.

**Elma Cerqueira Barretto Lago:**Os maracaenses convivem há muito tempo com o povo cigano. Como o (a) senhor (a) vê essa convivência?

**Gersínio dos Anjos:** Antigamente, os ciganos que vinham para Maracás eram nômades. Eles chegavam, ficavam um tempo depois iam embora. Eram muito pobres, pobres mesmo. Eles alugavam uma casa aqui no centro para as mulheres trabalharem fazendo a leitura das mãos das pessoas, lendo a sorte. Os homens faziam pequenas trocas, coisa pouca. Eles ficavam em barracas de lona em regiões mais afastadas do centro. Eram paupérrimos. Depois, por volta dos anos 2000, começaram a chegar os ciganos do lado de Camaçari, e fixaram residência aqui. Esses têm dinheiro. Eles começaram a vir por causa de políticos que tomavam dinheiro a juros para as campanhas, aí foram ficando por aqui. São ricos, eles têm muito dinheiro.

**Elma Cerqueira Barretto Lago:**Em sua opinião, as relações entre o povo cigano e os maracaenses são harmoniosas?

**Gersínio dos Anjos:** Sim, eles vivem tranquilamente em Maracás. Às vezes ocorrem algumas confusões por causa das cobranças do dinheiro que emprestam a população local, mas os que vivem em Maracás são tranquilos.

**Elma Cerqueira Barretto Lago:**Os filhos dos ciganos estão matriculados nas escolas municipais da cidade. Em sua opinião essa integração é interessante?

**Gersínio dos Anjos:** Educação é um direito constitucional para todos os brasileiros e, os ciganos, são brasileiros.

**Elma Cerqueira Barretto Lago:**O (A) senhor (a) já presenciou alguma atitude de preconceito entre os ciganos e os demais habitantes do município de Maracás?

**Gersínio dos Anjos:** Não, nunca vi uma atitude que tenham chamado minha atenção. Muitas pessoas não gostam de ciganos ou têm medo deles, mas preconceito nunca vi.

## ANEXO XXVII

Entrevista realizada com a senhora J.S.S, uma das primeiras moradoras do bairro do Maracaizinho, em sua residência, ela concedeu a seguinte entrevista em 01 de agosto de 2018.

**Elma CerqueiraBarretto Lago:** O povo cigano vive no Brasil desde o descobrimento. A senhora conhece a história deles?

**Dona J. S. S.:** Não, não sei de onde eles vêm. Tem gente que diz que eles são do Egito, do estrangeiro. Não sei.

**Elma CerqueiraBarretto Lago:** Podemos afirmar que os maracaenses e os ciganos possuem culturas parecidas?

**Dona J. S. S.:** Não, Deus é mais. Nossa cultura não é igual à deles, não... Misericórdia!

**Elma CerqueiraBarretto Lago:** Em sua opinião, que características as diferenciam?

**Dona J. S. S.:** Para mim, eles não acreditam em Deus. Eles fingem que acreditam, mas não, eles nem sabem que é Deus.

**Elma CerqueiraBarretto Lago:** No Brasil, a lei determina que as escolas estudem a cultura de povos indígenas e afro-brasileiros, contudo, não há uma obrigatoriedade para o estudo da cultura dos ciganos. Em sua opinião, por que isso acontece?

**Dona J. S. S.:** Porque os negros ajudaram o Brasil e os ciganos fizeram o quê? Não têm merecimento. Os negros merecem, cigano não.

**Elma CerqueiraBarretto Lago:** A senhora sabe qual a data em que se comemora o Dia do Cigano? Em sua opinião, é importante a existência de uma data em homenagem a essa etnia?

**Dona J. S. S.:** Não sabia que tinha dia para comemorar essa raça...O povo inventa coisa, para que uma data para esse povo (risos).

**Elma CerqueiraBarretto Lago:** Como a senhora vê o povo cigano?

**Dona J. S. S.:** Deus me perdoe, mas não gosto de cigano. É um povo ladrão, desordeiro.

**Elma CerqueiraBarretto Lago:** Os maracaenses convivem há muito tempo com o povo cigano. Como o (a) senhor (a) vê essa convivência?

Eles são um povo muito abusado. Por causa deles tive que vender minha criação pequena: galinha, peru, cabra, pois eles roubavam.

Roubavam as frutas, tudo... até a madeira da cerca eles queimavam como lenha. Parecem ratos. Deus me perdoe, mas não gosto de cigano!

**Elma CerqueiraBarretto Lago:** Em sua opinião, as relações entre o povo cigano e os maracaenses são harmoniosas?

**Dona J. S. S.:** É tranquila, pois o povo de Maracás é gente boa. Se fosse outro tipo de gente já teriam colocado esses ciganos para correr daqui.

**Elma CerqueiraBarretto Lago:** Os filhos dos ciganos estão matriculados nas escolas municipais da cidade. Em sua opinião essa integração é interessante?

**Dona J. S. S.:** É bom para ver se aprendem a ser igual a gente. Tomara que aprendam.

**Elma CerqueiraBarretto Lago:** A senhora já presenciou alguma atitude de preconceito entre os ciganos e os demais habitantes do município de Maracás?

**Dona J. S. S.:** Não, nunca vi.

## ANEXO XXVIII

Relato da diretora do IEM, produzido por ela.

### UM POUCO DA CULTURA CIGANANA MINHA VIVÊNCIA PROFISSIONAL

Em 2001, chegaram a Maracás os ciganos da família Gama Barreto; em seguida as famílias Cruz Doria, Fiuza e Soares. E aqui permanecem até hoje. No ano de 2003, quando eu era gestora na Creche Maria da Paixão, chegaram os pais dos primeiros alunos ciganos solicitando a efetivação da matrícula, sendo eles os irmãos Wesley Barreto e Daniela Barreto. No início foi bastante difícil compreender e se adaptar ao comportamento levado e ativo dos referidos alunos.

Com o tempo, outras famílias ciganas foram chegando, matriculando seus filhos e ficando no Bairro Maracaizinho. Inicialmente, moravam em barracas cobertas de lona, mas, posteriormente foram alugando casas convencionais. Em uma das visitas que fiz na casa de um dos alunos ciganos, eles tiraram todo telhado da casa e a cobriram com uma lona amarela; quando questionei a mãe sobre a troca, ela disse que preferia daquela forma por ser mais confortável.

As crianças concluíram a Educação Infantil e foram estudar o fundamental I no Instituto de Educação de Maracás – IEM, onde por coincidência estava atuando como coordenadora pedagógica. O número de matrícula de crianças ciganas crescia consideravelmente, e hoje temos 17 alunos matriculados (dois no 2º ano, quatro no 3º ano, quatro no 4º ano, quatro no 5º ano, dois no 6º ano e um no 7º ano). Acredito que a educação é um direito de todos e tem por objetivo criar condições para que o indivíduo se desenvolva e amplie suas múltiplas habilidades, independente da etnia e condição social.

A cultura cigana em nossa comunidade tem crescido consideravelmente e a procura por vagas nas escolas também, mas é notória a dificuldade desses alunos concluírem os anos finais do fundamental II. Estes ainda são muito discriminados e, por conta de uma cultura muito forte e enraizada, tem encontrado dificuldades para permanecerem estudando. Sendo assim, é difícil atingir os objetivos esperados no que se refere à continuidade da vida acadêmica destes alunos.

É evidente a dificuldade de muitos no desenvolvimento da leitura, escrita e interpretação, e a falta de concentração nas explicações e atividades têm dificultado o sucesso escolar. Por outro lado, na área de matemática eles são um sucesso e, sabendo disso, a equipe escolar tem buscado meios para proporcionar atividades mais envolventes e prazerosas que valorizem suas habilidades.

O trato pedagógico da diversidade é algo complexo, exige o reconhecimento da diferença e, ao mesmo tempo, o estabelecimento de padrões de respeito, de ética e a garantia dos direitos sociais. Avançar na construção de práticas educativas que contemplem o todo significa romper com a ideia de homogeneidade e de uniformização que ainda impera no campo educacional. Possibilitar um espaço de inclusão, na qual direção, professores, alunos, familiares e profissionais da área estabeleçam um compromisso com base em princípios transversais que considerem o conhecimento e o respeito pelos diferentes gêneros, culturas, valores, identidades e assim encontrar um equilíbrio entre as diferenças é o grande

objetivo social da escola IEM, como propõem os *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental*.

No aniversário da cidade de Maracás houve um desfile cívico em que um dos pelotões homenageava a cultura cigana e os próprios alunos ciganos desfilaram e representaram seu povo com suas características próprias. Na comissão de frente apresentamos a bandeira do povo cigano, instituída como símbolo internacional de todos os ciganos do mundo. A roda vermelha no centro simboliza a vida, o caminho a percorrer e já percorrido. A cor verde representa a Mãe Natureza, a terra, a força da luz do crescimento e os caminhos desbravados pelos ciganos. O azul representa os valores espirituais, a paz a ligação do consciente com o mundo superior. Nas apresentações culturais e atividades recreativas eles participam com fluência e os pais apreciam com muito carinho. Os responsáveis pelas crianças e adolescentes participam dos plantões, reuniões e quando são solicitados a comparecerem na instituição. Mesmo assim, é preciso repensar a função da escola, as ações do projeto político pedagógico com propostas mais claras e objetivas e as práticas pedagógicas, para melhor atender os alunos na sua diversidade, com um olhar diferenciado, mas não desigual.

Por: Rosânia Pereira Gonçalves Gomes